Cadernos de apoio e aprendizagem

LIBRAS

4º ano

áurea editora

PREFEITURA DE SÃO PAULO
EDUCAÇÃO

PROGRAMAS: LER E ESCREVER / ORIENTAÇÕES CURRICULARES

2012

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

São Paulo (SP). Secretaria Municipal de Educação. Diretoria de Orientação Técnica.
Cadernos de apoio e aprendizagem: Libras – 4º ano (livro do professor) / Secretaria Municipal de Educação – São Paulo : SME / DOT, 2012.
116p. : il.
Bibliografia

ISBN: 978-85-60686-69-8
Acompanha DVD
1.Educação Especial I.Título

CDD 371.9

Código da Memória Técnica: SME45/2012

PREFEITURA DA CIDADE DE
SÃO PAULO

Prefeitura da Cidade de São Paulo

Prefeito
Gilberto Kassab

Secretaria Municipal de Educação

Secretária
Célia Regina Guidon Falótico

Secretário Adjunto
João Thiago de Oliveira Poço

Diretora da Assessoria Técnica de Planejamento
Sueli Aparecida de Paula Mondini

Diretora de Orientação Técnica
Regina Célia Lico Suzuki

Divisão de Orientação Técnica Educação Especial
Silvana Lucena dos Santos Drago
Adriana Sapede Rodrigues
Auta Adelaide Constantino Aihara
Luci Toreli Salatino
Monica Conforto Gargalaka
Monica Leone Garcia
Raquel Gomes
Sueli de Lima

Educação Infantil
Yara Maria Mattioli

Ensino Fundamental e Médio
Suzete de Souza Borelli

Educação de Jovens e Adultos
Rosa Maria Laquimia de Souza

Diretores Regionais de Educação
Eliane Seraphim Abrantes, Elizabeth Oliveira Dias, Hatsue Ito, Isaias Pereira de Souza, José Waldir Gregio, Leila Barbosa Oliva, Leila Portella Ferreira, Lucimeire Cabral de Santana Freitas, Maria Antonieta Carneiro, Marcelo Rinaldi, Silvana Ribeiro de Faria, Sueli Chaves Eguchi, Waldecir Navarrete Pelissoni

Equipe técnica de apoio da SME/DOT Educação Especial
Ari Osvaldo de Oliveira Silva
Jucelia de Paula Medeiros Malaquias

Concepção do Projeto
Silvana Lucena dos Santos Drago
Adriana Sapede Rodrigues
Mônica Conforto Gargalaka

Elaboração
SME/ DOT Educação Especial

Organização
Profa. Dra. Maria Cecilia de Moura

Colaboradores – Equipe de Conteúdo
Aldeis Paula de Ameida
Amandine Alpha Marie Lorthiois
Ana Claudia Fossati Mota
Ana Cristina Camano Passos
Ana Luiza Pedroso de Lima
Sylvia Lia Grespan Neves

Colaboradores
Profa. Dra. Ana Cláudia Lodi
Profa. Dra. Ronice Müller de Quadros
Profa. Dra. Tanya A. Felipe
Amarilis Reto Ferreira
Ana Cláudia dos Santos Camargo
Katia Cerniauskas
Maria Aparecida Casado
Maria Izilda Ricetti Fernandes
Mônica Conforto Gargalaka
Patricia Barbosa da Silva
Sabine Antonialli Arena Vergamini
Sandra Regina Leite de Campos
Solange Schimitz Saraiva

Agradecimento a todos os profissionais que atuam na educação de surdos que contribuíram para a realização deste material.

Produção Editorial
Áurea Editora – www.aureaeditora.com.br

Direção Executiva
Dirceu Pereira Jr.

Coordenação
Andrea Iguma

Administração
Claudia Barbosa Pereira e Rosana Cristina Gutierrez

Supervisão e Revisão Libras
Eduardo Sabanovaite e Sylvia Lia Grespan Neves

Revisão Língua Portuguesa
Milton Bellintani

Diagramação Eletrônica
Marcos Veras e Bruno Matos

Produção Fotográfica de Libras
Gabriela Benvenuti Arruda

Ilustrações
Rogério Michieli

Tratamento Fotográfico de Libras
Andrea Iguma

Modelos Fotográficos
Cristiano Koyama, Henrique Almeida, Leandro Abud Fonseca, Mikaelly Cavalcanti, Sueli Sakamoto Sabanovaite

Prezado professor,

Os Cadernos de Apoio e Aprendizagem - Libras, destinados aos estudantes do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental, tem como finalidade contribuir para o trabalho docente visando à melhoria das aprendizagens dos alunos dentro da perspectiva bilíngue de educação de surdos.

Sua elaboração teve como critérios para seleção dos conteúdos o alcance das expectativas de aprendizagem contidas nos documentos de Orientações Curriculares e Proposição de Expectativas de Aprendizagem para o Ensino Fundamental - Língua Brasileira de Sinais, organizado por especialistas da área da surdez e coordenado pela Diretoria de Orientação Técnica – Educação Especial.

Destacamos que as atividades propostas foram elaboradas para favorecer aos alunos uma reflexão metalinguística sobre sua própria língua e para que usem ativamente seus conhecimentos na realização das atividades apresentadas.

É importante lembrar que esta obra não esta recomendada como único recurso a ser utilizado para a aprendizagem dos estudantes. Ela deve ser complementada com atividades planejadas pelo professor, em função das características de sua turma, fazendo uso de outros livros didáticos, publicações da SME disponíveis nas escolas e de recursos digitais que você acreditar serem pertinentes para o avanço da aprendizagem de seus alunos.

Para cada ano de escolaridade foram produzidas sequências de atividades em Libras, gravadas em vídeo, e outras impressas contemplando alunos e professor.

Esperamos que a disponibilização dos Cadernos de Apoio e Aprendizagem - Libras para todos os alunos e professores possa contribuir para a construção de uma educação bilíngue de qualidade para surdos na Rede Municipal de Ensino de São Paulo.

Saudações

Secretaria Municipal de Educação de São Paulo

Índice

PARA INÍCIO DE CONVERSA... 9
ORIENTAÇÕES 11
A SALA DE AULA 12
A ESCOLA 13
A CULTURA SURDA 13
A FAMÍLIA 14
O PROFESSOR 16
ALUNOS SURDOS COM MÚLTIPLAS DEFICIÊNCIAS 18

BIBLIOGRAFIA 21

INTRODUÇÃO AO QUARTO ANO. 23

UNIDADE 1 ROTINA E RODA DE CONVERSA 29
UNIDADE 2 JOGOS E BRINCADEIRAS 37
UNIDADE 3 JOGOS TEATRAIS. 43
UNIDADE 4 HISTÓRIAS 51
UNIDADE 5 CRIAÇÕES ORIGINAIS EM LIBRAS 69
UNIDADE 6 OUTROS TEXTOS 73
UNIDADE 7 PENSANDO SOBRE NOSSA LÍNGUA 85
UNIDADE 8 HISTÓRIA DOS SURDOS. 95

ANEXOS 103

PARA INÍCIO DE CONVERSA...

Pensar na criança Surda* nos remete à questão da língua de sinais e de sua importância para o desenvolvimento social, cognitivo e psíquico. É pela linguagem que todos nós somos colocados no mundo e aprendemos a nos comunicar, a pensar e nos organizar interiormente. Para que tudo isso possa acontecer, precisamos de uma língua. E para a criança surda a língua de sinais é a que ela pode adquirir naturalmente e que lhe possibilita um desenvolvimento pleno e sem fronteiras.

No Brasil, a língua de sinais utilizada pela comunidade surda é reconhecida pelo governo federal pela lei 10.436, de 24 de abril de 2002, e regulamentada pelo decreto 5.626, de dezembro de 2005. Sua utilização nos ambientes escolares é recomendada pelo decreto 5.626, de 22 de dezembro de 2005, para que o surdo tenha a possibilidade de ter acesso ao conhecimento e possa se desenvolver de acordo com o seu potencial. A língua de sinais é uma língua visual e isso garante que o surdo, independentemente da perda auditiva, possa adquiri-la e se constituir como ser social, podendo pensar, opinar e adquirir a língua escrita da comunidade ouvinte.

É de extrema importância que a língua de sinais seja totalmente adquirida para que a criança possa dominá-la e se constituir como ser da linguagem. Somente com uma primeira língua solidamente adquirida é que a criança surda poderá aprender a sua segunda língua: a língua portuguesa.

Essa aprendizagem vai depender de suas habilidades numa primeira língua (no caso, a língua de sinais – Libras, no Brasil) como para qualquer criança bilíngue.

O grande desafio tem sido e é, até hoje, como propiciar essa aquisição da melhor forma possível. Se acreditarmos que a linguagem é desenvolvida no contexto social e imaginarmos que a criança Surda não tem acesso à língua de sinais por meio de interlocutores usuários e fluentes nesta língua no ambiente em que vive (pois a maioria é filha de pais ouvintes sem domínio da Libras), como a criança poderá adquirir a língua e desenvolver sua linguagem de forma a poder estar e se relacionar com o seu ambiente e usar a linguagem para se estruturar? Consideramos que esse é o papel da escola bilíngue para surdos.

Mas, como fazer isso? Algumas crianças chegam ao espaço escolar com um bom desenvolvimento de linguagem, tendo adquirido a Libras em outras escolas para surdos ou em outros ambientes. Outras podem não ter tido nenhum acesso à Libras e se encontrarem numa posição de grande déficit de aquisição de língua e, consequentemente, de linguagem. Tanto num caso como no outro, ainda que de forma diferente, há a necessidade de um trabalho específico que possibilite ou a aquisição da linguagem pela introdução da Libras ou a continuidade no desenvolvimento da mesma.

A criança ouvinte tem essa aquisição e desenvolvimento no contexto de suas relações sociais, no seu convívio diário com outros falantes de diferentes idades, estilos de conversação e gêneros de linguagem. Mesmo por meio da aquisição incidental da língua, a criança ouvinte desenvolve suas habilidades linguísticas e sua capacidade de desenvolver vários estilos e formas de conversar com os outros ou consigo mesma. Ainda assim, essas crianças ouvintes têm na escola atividades dirigidas para o seu aprimoramento linguístico. Para a criança Surda, a aquisição de uma língua e da linguagem deve ser propiciada e construída pelo espaço escolar. Torna-se necessário realizarmos um parêntese aqui, para tocarmos num aspecto muito importante: a família. Não se pode retirar o papel da família no desenvolvimento global e de linguagem da criança Surda. É de suma importância alertar e orientar a família para que também possibilite a aquisição de linguagem da criança, mas, normalmente, esse é um processo demorado por envolver aspectos psicológicos significativos e que devem ser levados em consideração quando se trabalha com a família.

Será no ambiente escolar que a criança terá condições de adquirir a língua e, consequentemente, de-

---

*A palavra "Surdo/a" está grafada com letra maiúscula para se referir ao indivíduo que, tendo uma perda auditiva, não está sendo caracterizado pela sua "deficiência", mas pela sua condição de pertencer a um grupo minoritário com direito a uma cultura própria e a ser respeitado na sua diferença (MOURA, 2000).

senvolver a sua linguagem da melhor forma possível, sem as restrições que normalmente estão presentes no ambiente doméstico (de natureza psicológica, como citamos anteriormente).

O problema que se coloca é: como fazer isso? De que forma propiciar um ambiente rico e estimulador para o desenvolvimento de linguagem da criança Surda? É importante reiterarmos que não se trata do ensino da Libras como código ou como mera repetição de Sinais. O que se deseja é que a Libras seja a primeira língua da criança para que ela possa se constituir como ser da linguagem: pensar, decidir, se organizar e organizar o mundo à sua volta. Enfim, ser um indivíduo ativo e atuante no seu ambiente, seja ele o doméstico, o profissional ou o social em um sentido mais amplo. Para que isso aconteça, a criança Surda precisa estar cercada de linguagem o tempo todo. Os adultos à sua volta, nas interlocuções dirigidas ou não a ela, os discursos de seus colegas, mais velhos ou mais novos, serão o modelo para que ela possa mais do que adquirir uma língua, adquirir seu status de falante e de ser comunicativo que pode influenciar o que acontece à sua volta.

Para isso, todos aqueles envolvidos na educação do surdo devem ter o cuidado de utilizar a Libras o tempo todo em que estiverem presentes seus alunos surdos, seja conversando com ouvintes ou com surdos. Uma sugestão é que o professor treine em situações informais, com colegas, a se comunicar por meio da Libras. Ele deverá se esforçar para que possa se habituar a essa forma de comunicação, que fará parte de sua vida sempre que estiver na escola, o que representa uma parte grande de seu dia.

Para que mudanças significativas aconteçam e novos hábitos sejam criados, é necessário persistência. Os colegas podem ajudar também. Peça para seu colega apontar quando perceber que você não está usando Libras. Acostume-se a não ouvir a sua própria voz. Quando estiver com seus colegas num ambiente em que não houver surdos, pode usar apenas o português, mas se no lugar em que você e seus colegas ouvintes estiverem existir surdos, use a Libras. A razão disso é que é muito importante que a criança Surda veja a Libras em diferentes contextos, não apenas quando a professora ou os colegas se dirigem a ela. É assim que a criança ouvinte apreende a língua: contextos e interlocutores diferentes, com idades diversas. Os assuntos devem variar também. Não se aprende conteúdos diversos apenas em situações moldadas para o desenvolvimento da linguagem. Na verdade, grande parte desse desenvolvimento se dá por escuta incidental, quando a criança acompanha a conversa de adultos, de seus irmãos, da televisão ou do rádio. A criança Surda não tem essa possibilidade e essa falta pode ser compensada na escola se todos se preocuparem em conversar usando a língua de sinais. A criança deve ter a oportunidade de saber opiniões diversas sobre os mais variados assuntos: a opinião sobre a qualidade da comida, as atividades programadas.

Faça um exercício e pense em tudo que uma criança ouvinte escuta durante o dia e que uma criança Surda perde. Possibilite que essas informações cheguem a ela. Não de forma intencional, mas de forma incidental. Isso possibilitará, mais do que o desenvolvimento de linguagem, uma ampliação de visão de mundo e a construção de um indivíduo mais crítico e conhecedor das diferentes formas de se estar no mundo. Pelo conhecimento incidental, opiniões são formadas, mundos são desenhados ainda que o professor não esteja se dirigindo diretamente ao aluno.

Além disso, é muito importante que no seu desenvolvimento linguístico, que não pode ser apartado do desenvolvimento cognitivo, social e psíquico, a criança possa saber que as pessoas usam estilos de linguagem diferentes conforme se dirigem a diferentes pessoas. A informalidade, a linguagem infantil, a expressão da raiva ou de outras emoções são capturadas pelas crianças nessas situações informais em que, apesar do discurso não lhes ser dirigido, o conteúdo passa a ser compreendido pela vivência e pela observação. Vocês vão verificar que algumas das atividades estão voltadas para o desenvolvimento da atenção visual, e é muito importante que isso possa acontecer. Interessante e divertido, mas o verdadeiro treino da atenção se dá pela possibilidade de estar envolvida por situações linguísticas significativas que fazem com que a curiosidade natural da criança seja aguçada e ela possa prestar atenção, mesmo quando não sabe que está fazendo isso.

Na verdade, todos os exercícios aqui contidos servem como uma aprendizagem que não deve deixar

de lado o que é mais importante: a relação comunicativa e afetiva que deve estar presente em todas as situações de sala de aula. A linguagem não pode ser construída de forma compulsória, mas apenas de forma natural e prazerosa. É assim que acontece com a criança ouvinte e é assim que deverá acontecer com a criança surda. É sabido que as situações que envolvem a satisfação e o brincar levam a uma aprendizagem mais duradoura – a relações sinápticas no cérebro se realizam de maneira muito efetiva, levando a uma real aquisição de linguagem.

ORIENTAÇÕES

As propostas aqui contidas podem e devem ser utilizadas para auxiliar no desenvolvimento da língua de sinais pelas crianças Surdas e foram planejadas de acordo com o desenvolvimento linguístico, cognitivo e psíquico das crianças considerando as diferentes faixas etárias, mas desejamos que fique muito claro que todas as situações são propícias para promover o desenvolvimento linguístico das crianças.

O professor tem um papel essencial na vida de qualquer criança e adolescente, até mesmo do adulto. É importante que o professor saiba de seu papel e da influência dele no desenvolvimento de seu aluno. Se isso é válido para a criança ouvinte, mais ainda o é para a criança Surda. É na escola que ela encontra uma língua que a respeita em sua diferença e um ou vários adultos (em uma situação ideal) com os quais pode se comunicar, trocar experiências e se tornar ser da linguagem e estabelecer relações. Nunca é demais repetir: é na escola, e com os interlocutores usuários da Libras, que ela poderá construir a sua identidade de forma íntegra e se desenvolver de forma plena.

Desejamos enfatizar mais uma vez que lidamos com crianças Surdas em desenvolvimento de linguagem, e que a escola bilíngue para surdos é o espaço privilegiado para que essa aquisição aconteça de forma plena. Mas, para que essa aquisição aconteça é necessário que os professores, orientadores, diretores, coordenadores, ou melhor, toda a equipe da escola, tenha clareza sobre qual concepção de linguagem estamos falando. Linguagem é compreendida aqui no seu sentido mais amplo, presente na prática de interação sociocomunicativa e responsável pela criação de sentidos. Por essa razão, consideramos importante que se compreenda que todo trabalho do professor deve se basear em situações reais de comunicação e interação nos mais diferentes gêneros discursivos.

Mesmo que esse livro traga exercícios que estão voltados para o desenvolvimento de linguagem e da língua de sinais nas atividades escolares, o professor deve ter a preocupação de criar condições verdadeiras de comunicação. Por exemplo, quando numa atividade se pede para o professor perguntar para o estudante o que ele fez no dia anterior, essa pergunta deve estar carregada de intenção comunicativa e não ser apenas uma pergunta a ser respondida para se cumprir o que está estabelecido no manual.

Este livro não deve, portanto, ser visto como um manual, mas como uma compilação de ideias que podem ajudar o professor na sua lida diária com o estudante surdo.

Se o professor estiver envolvido, realmente, com o que está sendo feito, ele poderá lançar mão de seus próprios conhecimentos conversacionais para promover respostas cada vez mais ricas de seus estudantes.

O professor deve ter claro também que o desenvolvimento de linguagem não se dá apenas com um interlocutor, como apontamos acima, mas com uma variedade de interlocutores. Para isso, o professor deve contar com o auxílio de todos os estudantes da classe. As atividades devem ser realizadas de forma que todos possam participar e colaborar. Diferentes níveis de proficiência na língua são esperados entre os diversos membros do grupo. Muitas são as razões que levam isso a acontecer, mas o mais importante é aproveitar as situações da melhor maneira possível, incluindo aqueles que falam pouco por terem um repertório linguístico ainda não tão desenvolvido como o de seus colegas ou aquelas crianças Surdas com outros comprometimentos.

Pensando nesses aspectos, o professor deve dirigir as questões para todos os estudantes, tentando incluir aqueles que se mostram menos prolixos ou com um nível de linguagem menos adiantado. Além disso, o professor deveria contar com a ajuda de estudantes mais velhos, que poderiam enriquecer as situações

dialógicas ou instrucionais por terem uma proficiência maior em Libras, além de representarem outra forma de expressão – como o fazem todos os jovens. Estilos diferentes, formas diferentes de dizer coisas semelhantes, representam uma grande oportunidade para expandir o universo linguístico do estudante. A presença de estudantes surdos mais velhos possibilita algo que também é buscado num trabalho bilíngue de qualidade, qualquer que seja a língua utilizada: a construção de uma identidade íntegra baseada na semelhança com os iguais. Muitas crianças Surdas só terão a possibilidade de saber que existem outros surdos na escola dessa forma. Afinal, elas vêm de famílias ouvintes. Saber que existem colegas mais velhos que lhes podem ensinar coisas pode ser uma situação extremamente rica.

Por essa razão, sugerimos algumas atividades em que se espera que o professor possa contar com esses estudantes mais velhos que enriquecerão o universo linguístico dos mais jovens e que também se beneficiarão com essa atividade: se tornarão parte de um grupo que funciona de forma harmoniosa dentro da escola, buscando o que todos desejamos: um ambiente rico e cheio de possibilidades. A formação e a consolidação da identidade desses estudantes mais velhos serão solidificadas com essa ação – a de ser membro da equipe, ainda que de forma indireta.

A SALA DE AULA

Outro aspecto importante que não pode ser deixado de lado é o de que o ambiente escolar deve ser rico de estímulos visuais dos mais diferentes tipos. A criança deve ser encorajada a explorar brinquedos, livros, revistas e conversar a respeito. Todo material deve ser estimulante e variado. Isso não significa que deve ser material caro. Os jogos aqui propostos que forem elaborados em sala ou trazidos de casa podem ser guardados na própria sala de aula, para que possam ser recuperados pelas crianças nas situações lúdicas.

Deve-se criar na sala de aula a experiência social de conversar sobre os materiais feitos, expandindo o assunto para além da sua produção. O fato de se dar valor à autoria também é um elemento que possibilita o desenvolvimento da criança em todos os aspectos. O relato de um caso, de um acontecimento, um desenho, é uma autoria. Conversar sobre ele implica em dar valor à produção da criança e, consequentemente, à própria criança.

Contar histórias deve ser uma atividade compartilhada com os colegas. As histórias podem ser dos mais diferentes tipos: histórias tradicionais, do folclore brasileiro, da família, da comunidade Surda, de vida, de desenhos animados ou de filmes vistos. O importante é que todas as crianças compartilhem as histórias, se interessem pela história contada e desejem saber mais sobre aquilo que está sendo vivido no grupo. O professor tem um grande papel nessa atividade. Ele deve levar a criança a contar a história com coerência pela clareza da mensagem. Ele pode fazer isso ajudando a criança a reorganizar seu discurso, explicando melhor aspectos ou trechos que ainda ficaram confusos. Essas são situações muito ricas para as crianças adquirirem noções de tempo, causalidade, espacialidade, pronomes pessoais, possessivos, interrogativos, etc. Apesar de este livro conter exercícios específicos que lidam com todos esse elementos, será na conversa, na reconstrução do discurso da criança que ela poderá realizar suas descobertas quanto à linguagem.

Quando a criança formula seu discurso de maneira própria, isso acontece em razão de essa ser a forma pela qual ela conseguiu fazê-lo. A tarefa do professor é dirigir a criança para uma formulação mais adequada. Nesse primeiro momento, adequação deve ser compreendida como clareza de mensagem e, portanto, o professor não deve estar preocupado com adequação gramatical, mas tão somente com a inteligibilidade conceitual do que está sendo dito.

Repetimos, será papel do professor construir esse discurso com a criança por meio de perguntas que a leve a reformular e se adequar, sem perceber que está sendo levada nesse caminho. As outras crianças, presenciando essa troca entre professor e colega, também se beneficiarão na sua construção de linguagem. Afinal, não podemos esquecer que a linguagem é adquirida em contextos sociais significativos em que as

experiências linguísticas são partilhadas. Nesse processo é necessário que o adulto desempenhe seu papel de gestor de situações, mas é importante que a criança possa ter colegas da mesma idade (ou de idade semelhante) para compartilhar suas experiências.

A ESCOLA

A escola tem que ser pensada como lugar de construção de conhecimentos, de compartilhamento de ideias. No caso do estudante surdo, será a escola, principalmente no papel do professor, que lhe fornecerá o ambiente linguístico para que ele possa se constituir como sujeito da linguagem, como dissemos anteriormente. Dizemos "principalmente no papel do professor" em razão de não ser esse o único interlocutor em Libras que deve estar presente na escola. Espera-se que todos os funcionários da escola possam se comunicar com o estudante por meio da Libras. Não será papel deles a construção da linguagem da mesma forma que o é para o professor, mas a criança deve ter a seu redor acesso a Libras nas mais diferentes formas, com os mais diferentes interlocutores. Claro que o nível de proficiência exigido para os funcionários é menor do que aquele pedido aos professores e à equipe educacional, mas deve ser suficiente para que o aluno possa obter o que deseja dentro da escola.

A presença constante da língua de sinais possibilita que o estudante, em qualquer idade, possa se comunicar, construir sua linguagem em situações significativas e não artificiais e, principalmente, saber que a sua língua é respeitada naquele espaço. Ele poderá crescer sabendo que diferentes interlocutores têm níveis de proficiência diferentes, que são ouvintes, mas que aprenderam a língua de sinais e são capazes de se comunicar com ele. A base do respeito será, assim, plantada.

É importante frisar que a escola não deve funcionar apenas como lugar de ensino de língua ou de conteúdos escolares, mas também sendo o lugar privilegiado para o estudante surdo, onde a cultura surda pode estar presente. Essa cultura diz respeito a formas específicas de estar no mundo, mas principalmente se relaciona ao valor que se dá à língua de sinais, à comunidade e à identidade surdas. Dessa forma, ter a Libras presente em todos os ambientes possibilita que o estudante possa se saber membro de uma comunidade linguística minoritária, com uma forma particular de estar no mundo: usando a visão para se comunicar e compreender o que o cerca.

A CULTURA SURDA

O respeito pela forma especial do surdo estar no mundo passa também por maneiras de inseri-lo no mundo em que vive e a escola é parte importante desse mundo, pois ele passa boa parte de seu dia nesse espaço. Por essa razão, é importante que ele possa ter acesso a informações que são trazidas pelo som, mas que lhe devem ser traduzidas por uma forma que possa percebê-las. Por exemplo, o sinal da escola. Ele não pode ser percebido auditivamente, mas o pode ser de uma forma muito simples: com a luz piscando em lugar do som. Se alguém bate na porta pedindo autorização para entrar, também se pode adaptar um interruptor que acenda e apague a luz da sala de aula, de forma que os estudantes percebam que alguém deseja entrar. Chamar a atenção dos estudantes com o piscar de luzes na sala de aula também é uma estratégia inteligente, que surte grande resultado para fazer com que eles olhem em direção à professora.

Os aspectos acima citados são tidos, por alguns, como aspectos da cultura surda, mas desejamos enfatizar aqui que o respeito pela diferença e o uso de adaptações como essas citadas é que dizem para os estudantes que eles são respeitados como surdos e é nesse respeito que se embasa a cultura que faz com que eles possam se saber diferentes, mas especiais – como todos têm o direito de ser: não pela deficiência, mas pela forma de serem tratados. É no convívio social, em que aspectos da vida coletiva são respeitados e novas relações são estabelecidas, que a possibilidade de se ver como membro de um grupo cultural próprio e que deve ser respeitado se estabelece. O indivíduo não nasce

sabendo de seus valores culturais, pois a cultura não é um aspecto intrínseco que ele carrega, mas é fruto de posicionamentos e de formas que o ambiente social propicia para que esses valores venham a ser introjetados, servindo de base para o posicionamento confortável do indivíduo na sociedade. Tendo interiorizado essa forma de estar no mundo, que passa pelo respeito à língua de sinais, mas não apenas por ela, o indivíduo poderá saber de seu lugar na sociedade e se determinar como alguém capaz de estar no mundo e de mudar o que for preciso para ter seus direitos assegurados. Desde que se entende a cultura como valor coletivo, a escola tem esse papel: mostrar para o estudante que ele pode se constituir como membro de um grupo maior, que deve buscar seus direitos coletivos.

Dessa forma, são apresentados exercícios que têm como foco a cultura surda. Assim, será possível inserir a criança Surda na cultura de seus pares, bem como lhe mostrar que existe uma história na educação dos surdos, que existem outras escolas de crianças surdas, associações, etc.

Pode parecer precoce falar dessa questão num momento tão inicial de escolaridade devido à idade das crianças, mas devemos entender que a criança ouvinte estabelece seus valores culturais desde que nasce e que esses valores são transmitidos por meio da postura dos pais, dos professores e da própria escola e que são transmitidos pela linguagem. A escola para surdos será o lugar por excelência, nesse momento inicial, para transmitir esses valores, ainda que não de forma explícita, mas pela forma como lida com o respeito pelo modo de essas crianças estarem no mundo. Vê-se, portanto, que um aspecto tão simples como adaptar o ambiente para receber informações pela luz, em vez de estas serem recebidas pelo som, pode dar a elas a dimensão de respeito e possibilitar um comportamento adequado para o que está acontecendo naquele momento.

Se pensarmos numa classe inicial na escola, é importante observar que as crianças não saberão por si só que esse sinais luminosos se referem a pedidos de atenção, a avisos de alguém batendo na porta ou de que é hora do recreio (ou de voltar para a sala de aula). É papel do professor ensinar às crianças o significado desse códigos e os comportamentos esperados para cada um deles e, para isso, o educador irá lançar mão da linguagem. A linguagem servirá também para estabelecer, por exemplo, de quem será a vez de abrir a porta quando alguém desejar entrar, quem perguntará ao visitante o que deseja e de transmitir ao professor o que alguém veio ali fazer. Para isso, algumas regras sociais serão seguidas e isso servirá de aprendizagem para esses estudantes sobre formas de se comportar com estranhos ou com pessoas não tão familiares. Devemos pensar que várias formas de estar no mundo que são tão naturais nas crianças ouvintes foram aprendidas por elas em casa, mas que as crianças surdas não tiveram essa oportunidade, devendo ser papel do professor realizar esse ensino.

A FAMÍLIA

Pensarmos em tudo que uma criança Surda deixa de aprender em casa, por ser filha de pais ouvintes, leva à organização de ações que possam ajudar os pais a propiciar em casa situações de aprendizagem – não apenas para a aquisição da linguagem, mas também de comportamentos sociais que são transmitidos por meio da linguagem.

Mesmo conscientes de que essas são tarefas muito mais difíceis para os pais de crianças surdas do que os são para pais de crianças ouvintes, não se pode deixar de lado a importância que a família tem para o desenvolvimento integral da criança Surda. Queremos deixar claro que o papel da família, como o da escola, não se limita a questões relacionadas à aquisição ou à aprendizagem de uma primeira ou segunda língua, mas ao desenvolvimento social, cognitivo e psíquico da criança Surda. Na verdade, essa é uma afirmação que se encaixa tanto para crianças surdas como ouvintes. O lar e a escola têm papéis muito importantes na estruturação de qualquer criança, tanto do ponto de vista social e afetivo como do ponto de vista neurológico.

Como a escola, particularmente o professor, pode realizar esse trabalho junto às famílias? Pode-se imaginar que a maioria dos pais pouco sabe sobre a surdez, a Libras, os aparelhos auditivos, o de-

senvolvimento de linguagem, aquisição de língua e de L1 e de L2. Se mesmo para os profissionais que estudam esses aspectos há tanto tempo existem dúvidas, o que dizer dos pais que ouvem uma ou outra informação esparsa e que, geralmente, não têm interlocutores que lhes respondam as angústias e as dúvidas que aparecem no dia a dia, no convívio com a criança. É aí que entra o professor, que poderá propiciar situações de interlocução com os pais, que poderá escutar suas demandas e tentar, na medida do possível, respondê-las.

Muitas vezes, esses pais têm dúvidas com relação à possibilidade de desenvolvimento de seus filhos. Não porque desejam duvidar, mas porque desconhecem as reais possibilidades de seus filhos. Além disso, muitos pais são bombardeados com informações contraditórias a respeito da importância da Libras para o desenvolvimento de seus filhos, do papel do Implante Coclear, da verdadeira utilidade dos aparelhos de amplificação sonora, de como as crianças podem (ou não) desenvolver a fala, etc. Eles também não sabem como o filho irá aprender a ler e a escrever, e como poderiam ajudá-lo em casa.

Antes mesmo de falar sobre a ajuda para as tarefas que envolvem a leitura e a escrita, deve-se conscientizar os pais de seu papel no desenvolvimento de linguagem de seus filhos. Desde que as crianças surdas estão adquirindo a Libras na escola, será papel dos pais ajudarem seus filhos nessa aquisição em casa. Mas para isso, os pais também precisam aprender Libras. No entanto, não basta o professor orientar onde eles poderão fazer o curso ou providenciar um curso dentro da escola. É necessário, como foi dito acima, que eles possam contar com um espaço para poderem levar as suas dúvidas, angústias e desejos. A apropriação de qualquer assunto é melhor realizada quando há motivação para fazê-lo. E a motivação passa pela compreensão do que significa essa aprendizagem para o desenvolvimento de seus filhos. Esse será o papel do professor nesse momento em que a criança inicia o seu processo educacional formal. Apenas após os pais saberem o que é a Libras, para que serve, o que a escola estará propondo para seus filhos por meio do uso da Língua de Sinais é que se poderá propor que eles sejam parceiros da escola nas atividades a serem desenvolvidas em casa com seus filhos.

É importante também que atividades de dramatização, festas, etc., sejam partilhadas pelos familiares, que poderão, assim, presenciar o progresso de seus filhos, compreender o papel da língua e da linguagem em seu desenvolvimento e entender que eles muito podem fazer para ajudar nesse processo.

Nessas atividades na escola, é importante propiciar também que os pais tenham contato com surdos de diferentes idades para poderem compreender como seus filhos serão quando adultos. Na verdade, esse é um papel muito importante da escola para as próprias crianças surdas, que, muitas vezes, por serem filhas de pais ouvintes, nunca viram outros surdos mais velhos. Estar em contato com outros significativos de diferentes idades e com distintos backgrounds é que possibilita à criança e à sua família a construção de hipóteses de vir a ser. Saber que uma pessoa surda pode ter um papel profissional de destaque no contexto escolar é um grande incentivo para que os pais e os estudantes surdos possam se ver como pessoas que podem sonhar em vir a ser.

Ao falarmos na questão de possibilitarmos, no ambiente escolar e no trabalho com os pais, a construção de um ambiente linguístico rico, no qual a criança Surda possa se constituir como sujeito de si mesma, chamamos a atenção para que todos aqueles envolvidos nesse trabalho cumpram uma exigência muito importante: ter altas expectativas com relação ao estudante surdo na escola, devendo transmitir essa alta expectativa aos pais para que eles possam reproduzi-la em casa. Para isso, não existem tarefas específicas, nem jogos, mas uma construção interna com relação ao que cada um pensa sobre o seu aluno surdo.

Quando os pais ajudam seus filhos nas lições de casa, e existem muitas aqui descritas que deverão ser realizadas em casa, eles estão trabalhando na constituição da linguagem de seus filhos. Isso não deve ser visto como uma obrigação enfadonha e difícil de ser realizada, mas como algo a ser compartilhado entre pais e filhos. Realizando essas atividades, os pais poderão mudar o que pensam de seus filhos, percebendo-os como capazes.

O PROFESSOR

Muitos profissionais, por já terem vivido situações de frustração frente ao trabalho educacional com a criança ou com o adolescente surdo, os consideram, muitas vezes, de uma forma não intencional, incapazes de muitas coisas, principalmente do desenvolvimento de linguagem e de habilidades de letramento semelhantes àquelas dos ouvintes. É importante que esses pré-conceitos sejam substituídos por outros que percebem o surdo como capaz, desde que lhe sejam dadas condições de desenvolvimento. É isso que trazemos neste livro e nos outros que se seguirão: a organização de atividades que possibilitarão que o professor dê condições de constituição de linguagem e de aquisição de língua pelo estudante surdo. Mas, repetimos: se os exercícios propostos, se as atividades linguísticas aqui descritas forem vistas pelo professor como algo inatingível pelo seu aluno, isso prejudicará o desenvolvimento das atividades e do aluno.

Desejamos repetir que tudo que aqui é proposto é apenas parte do que deve ser realizado na sala de aula. A linguagem está em constante construção nas atividades dialógicas que se estabelecem no contato entre interlocutores. Mas, para existir contato real, eu tenho que considerar meu interlocutor como capaz de me compreender e de me responder. Esperamos que o professor, baseado no que aqui é exposto, possa criar as suas próprias situações de trabalho, registrando-as para compartilhar com seus pares que serão beneficiados com o que for assim construído.

O professor deve acreditar no processo que cada criança percorre, acreditando na sua habilidade em aprender uma língua. Precisa-se sempre ter em mente que as crianças conseguem vencer os obstáculos que lhes são colocados à frente quando estão prontas para isso. Como o professor poderá saber se a criança está pronta? Quando ela mostrar interesse em saber ou em resolver um problema ou uma questão que lhe é colocada pelo professor ou pelos colegas. Enquanto isso não acontecer, é papel do professor incentivá-la e mostrar satisfação quando ela se empenha e resolve uma situação problema.

Vamos retomar alguns pontos que são de extrema importância para que uma proposta bilíngue para surdos seja efetiva:

- A Língua de Sinais não é ensinada, mas adquirida. Para que essa aquisição se dê de forma natural e prazerosa, o professor deve se preocupar em se comunicar com o aluno de forma fluida e interessada.
- Perguntar, apenas por perguntar, sem se interessar na resposta que vai ser dada, corta o vínculo comunicativo, não possibilitando um desenvolvimento de linguagem completo. Isso é válido tanto para as situações e brincadeiras propostas neste livro como para aquelas situações informais que estão presentes em todos os momentos na sala de aula.
- Para que um bom desenvolvimento de linguagem aconteça, é necessário que não apenas a criança responda ou fale alguma coisa, mas que ela "aprenda a olhar" e mantenha esse olhar sempre. Aprender a olhar significa que a professora vai contar coisas para os alunos e estará atenta às suas respostas que podem estar presentes apenas na forma pela qual a criança reage ao relato (com atenção, com olhar perdido, etc.).
- A criança é naturalmente curiosa e o professor deve lançar mão dessa característica infantil para fazer com que ela possa se interessar pelas situações comunicativas propostas em sala de aula. O que deve ser trabalhado sempre deve estar associado ao que ela deseja aprender. Deixe que a curiosidade natural a incentive a querer saber e aprender.
- É importante salientar que pode existir uma variação muito grande entre as crianças que iniciam a sua trajetória escolar. Algumas podem já dominar a Libras, outras podem saber alguns poucos sinais e ainda outras não a conhecerem de maneira alguma. Essa diversidade deve ser respeitada, pois todos adquirirão Libras no seu próprio ritmo. Não subestime uma criança por ela não saber nada de Libras. Já foi falado anteriormente que a língua não é algo que está pronto na criança, seja

ela surda ou ouvinte. Ela é adquirida nas relações sociais. Será no espaço educacional que a Libras poderá ser adquirida por ser partilhada. Também não superestime aquelas que aparentemente já sabem Libras, elas podem saber se comunicar, nomear, mas podem existir aspectos da língua que deverão ser ampliados, tanto no que se refere à gramática quanto ao discurso. Todas as crianças podem se beneficiar das atividades aqui propostas.

- A criança precisa aprender a ter confiança em suas habilidades. Pode ser que as crianças surdas que iniciam o seu processo educacional tenham passado por situações de frustração por não serem compreendidas ou por não compreenderem o que acontecia à sua volta. Essas vivências podem levar ao desenvolvimento de uma autoestima rebaixada, que pode cercear a sua capacidade de aprendizagem de situações educacionais, ainda que altamente motivadoras. É papel do professor incentiva-las, celebrando as suas conquistas e lhes mostrando o quanto são capazes.
- Sempre que possível, explique a diferença entre a Libras e o português, não do ponto de vista da gramática, mas apenas como uma constatação. Pode-se apontar quando uma e outra língua é usada, quem usa cada uma delas, qual é a encontrada na escrita. Isso servirá de base para a análise linguística que será feita posteriormente e que veremos a partir do terceiro ano.

Todos os assuntos abordados neste livro como sugestões de trabalho buscaram ser do interesse das crianças, seja pela faixa etária ou pela possibilidade de fazer parte da sua vida. É importante que assuntos trazidos pelas crianças, mesmo que não estejam na pauta de planejamento daquele dia, possam ser abordadas e expandidas. Por exemplo: se o assunto do momento é futebol, em razão da Copa do Mundo ou de algum campeonato importante e os alunos trazem perguntas relacionadas a esse assunto, ele deve ser explorado e deve ser dada atenção a essa demanda. O planejamento é importante, norteia as atividades e situa o professor no seu fazer, mas não deve impedir a espontaneidade quando o assunto é língua e linguagem.

O professor, na sala de aula, tem inúmeras possibilidades de fazer com que a criança aprenda de uma forma informal, levando-a a se socializar. Isso é particularmente importante para promover a autonomia do indivíduo. Sempre que surgir uma indagação – e sabemos que perguntas são sempre bem-vindas –, o professor deve verificar se não há uma forma da criança conseguir a resposta por ela mesma. Pode ser procurando num livro ou perguntando para um colega. O professor pode até mesmo sugerir que ela busque a resposta na hora do recreio, com os colegas mais velhos ou com outro professor. Claro que, no começo, essas situações devem ser lidadas dentro da sala de aula, mas gradativamente deverá incentivar o seu aluno a buscar e a compartilhar a resposta com todos na sala.

Ainda com respeito à gramática da Libras, já afirmamos que ela não é objeto de estudo ou de análise neste momento, mas ela deve estar presente na mente do professor e usada na sua riqueza gramatical.

O professor deve sempre se lembrar que a competência em Libras é que determinará a base para a aprendizagem do português escrito. Para que tenha êxito em seu trabalho de letramento, ele deve ter claro que para a criança adquirir a língua escrita ela deverá ter domínio da língua de sinais. Além disso, para que as duas línguas sejam valorizadas e tenham o papel que de direito devem ter na vida das crianças, ambas devem ter o mesmo status. Uma não pode se destacar em relação à outra como uma língua de maior importância.

O professor deve compreender que os acertos e erros que a criança comete, e o fato deles ocorrerem mostra um processo completamente normal, são indicativos da fase em que a criança está no seu desenvolvimento de linguagem. É claro que é muito mais fácil detectar esses "erros" na língua que o professor domina mais (português, para os professores ouvintes). Por exemplo, quando a criança ouvinte fala: "Eu *fazi* um desenho para você", os falantes nativos de português compreendem o erro e repetem a forma correta sem corrigi-la, mas contextualizando o mesmo verbo em outra situação: "Ah, eu também fiz, mas é diferente do seu." Essa regra também serve para a Libras. Quando a criança usa

uma direcionalidade equivocada para um verbo, como "AJUDAR", por exemplo, o professor pode repetir o que ela quis dizer usando a direcionalidade adequada. Isso mostra que a criança está em processo de aquisição daquele traço linguístico, mas que ainda não interiorizou todas as regras que regem o uso dessa forma de uso da língua. O professor pode, então, possibilitar o uso de outros verbos direcionais, com diferentes interlocutores para que o processo de aquisição seja facilitado. Um aspecto importante a ser considerado é que erros consistentes demonstram falta de conhecimento de uma parte do sistema da língua, enquanto que erros inconsistentes demonstram um controle insuficiente do que foi aprendido. A análise dos tipos de erros demanda estratégias diferentes. A falta de conhecimento da maioria dos estudantes deve levar o professor a retomar os exercícios propostos, ainda que de forma diferente mas com o mesmo objetivo. O controle insuficiente demanda que aspectos específicos sejam retomados e pedidos a eles.

Para que todo o trabalho possa acontecer de forma coesa e com sucesso, é necessário que as atitudes do professor em direção aos estudantes sejam sempre positivas. Os "erros" fazem parte da aprendizagem e devem servir de indicadores de formas de trabalho e não de falhas do aluno ou do professor. Para que um desenvolvimento de linguagem seja bem-sucedido é necessário que a criança tenha a oportunidade de variada interação social e cultural: diferentes interlocutores em diferentes situações. O professor deve procurar todos os recursos disponíveis na escola para que isso venha a ocorrer: alunos mais velhos que possam ir à sala de aula para trocar experiências ou para contar histórias, outros professores convidados para uma comemoração de aniversário, etc. Apesar de trazermos inúmeras sugestões de atividades, o professor deve lembrar que ele é autônomo para decidir o que é melhor para a sua classe: quantas vezes uma atividade deve ser repetida, quem deve ser o interlocutor principal, qual criança deve ser mais incentivada, etc. Nunca se deve esquecer que quando se fala de desenvolvimento de linguagem cada criança reage de uma forma. O processo de aquisição é único para cada criança, como cada criança tem o seu funcionamento de forma única e isso deve ser respeitado.

ALUNOS SURDOS COM MÚLTIPLAS DEFICIÊNCIAS

É importante colocarmos uma observação com relação às crianças com outros comprometimentos. Cada vez mais essas crianças passam a frequentar a escola para surdos. Esse é um dado muito positivo, já que até pouco tempo elas ficavam segregadas em casa sem possibilidade de nenhum trabalho educacional. Por outro lado, essas crianças impõem um desafio para o professor. O que deve estar em foco é que essas crianças necessitam também de Libras como primeira língua, mas que seu desenvolvimento pode ocorrer de forma diferente das crianças surdas sem outros comprometimentos. O professor deverá ficar atento às formas especiais que essas crianças necessitarão para realizar seu processo de aquisição de linguagem, ao mesmo tempo em que deverá trabalhar com o grupo classe no sentido de fazer todos os estudantes compreenderem as necessidades especiais diferentes desses alunos. Com crianças com necessidades especiais com as quais o professor não souber lidar, há a necessidade de buscar ajuda específica para que o trabalho possa ser realizado da melhor maneira possível.

Essas crianças representam um desafio ainda maior, mas elas, como as outras crianças, têm enorme necessidade de contato e de comunicação e isso lhes deve ser propiciado. Além disso, o professor deve levar em conta o tempo que essas crianças precisam para construir o conhecimento e não se angustiarem com esse tempo mais demorado e com a necessidade de retomar mais vezes às atividades programadas. Os outros alunos podem ser de grande ajuda, mostrando para essas crianças aspectos por elas não percebidos, sem que haja a necessidade de uma correção.

Gostaríamos de retomar um aspecto muito importante com relação à aquisição da primeira língua

em geral: essa experiência está ligada para qualquer criança às suas próprias experiências de vida. Essas experiências devem ser aproveitadas para que a aquisição ocorra da forma mais completa possível.

Por essa razão, é importante observar que, nesse primeiro momento, deve-se dar maior ênfase às experiências vivenciadas em situações concretas e pertencentes ao universo da própria criança. Espera-se, nesse primeiro momento, que a criança possa se referir a situações e acontecimentos próximos a ela e que lhe seja mais fácil analisar coisas que estejam presentes fisicamente. O professor deve ter isso em mente e fazer com que as situações se tornem mais práticas na medida do possível, principalmente quando perceber as dificuldades que as crianças venham demonstrar no seu processo de aquisição de linguagem.

Para finalizar, vamos retomar algumas estratégias que podem ajudar o trabalho do professor e facilitar a aquisição de linguagem das crianças:

- É muito importante manter a atenção visual da criança.
- No início do processo, dê preferência a livros que tenham desenhos coloridos e contem histórias relacionadas às experiências delas.
- Se a criança não conseguir manter a atenção para situações de linguagem mais amplas, tente sinalizar dentro do seu foco de atenção.
- Na contação de histórias, incorpore o livro como parte da língua de sinais. Para isso, use e abuse das figuras e do que elas transmitem, e faça sinais de amplitude menor perto do livro – ficando atento para a direção do olhar da criança.
- Se a atenção da criança for muito pequena, sinalize no corpo da criança.
- Quando uma história é contada, pode-se medir o interesse das crianças pelo silêncio e pela atenção que elas prestam na história. Quanto maior o silêncio e a atenção, maior o envolvimento delas com o que está sendo contado. Mude a estratégia se elas não demonstrarem interesse.
- Repetir as histórias contadas é muito útil para o desenvolvimento de estratégias como previsão e antecipação e as crianças adoram que a mesma história seja contada repetidas vezes. Além disso, a compreensão da história se torna mais completa a cada vez que uma história é lida novamente.
- Use a seguinte estratégia: na primeira vez em que a história for contada, o foco deve ser nas ideias principais e nos conceitos básicos da mesma. As descrições detalhadas devem ficar para as outras vezes em que a história é novamente contada.
- Fique o mais próximo possível da criança, para tocá-la quando necessário, obtendo assim a sua atenção.
- A expressão facial faz parte da língua de sinais: use-a de forma significativa.
- É importante que o ambiente na sala de aula tenha um clima positivo e que errar não seja um problema. As crianças devem se sentir confortáveis para participar e arriscar respostas e ações.
- Quando o professor sentir que as crianças não estão compreendendo a atividade, ele deve fornecer informação adicional e pistas contextuais.
- As perguntas dirigidas às crianças devem ser contextualizadas e devem exigir a sua participação ativa e raciocínio. O professor deve demonstrar interesse genuíno para as respostas dadas.
- É papel do professor servir de mediador para a compreensão de todas as atividades propostas. Para isso, ele deve estar atento à expressão facial e as respostas das crianças.
- Sempre que possível, o professor deve relacionar as atividades propostas às experiências das próprias crianças.

BIBLIOGRAFIA

BAGNO, M.; STUBBS, M.; GAGNÉ, G. **Língua materna – letramento, variação e ensino.** São Paulo. Parábola Editorial: 2002.

DAVIES, S.N. **Educating deaf children bilingually.** Washington, DC. Gallaudet Press: 1995.

ERTING, L.; JUDY, P. **Becoming bilingual: facilitating english literacy development – using ASL in preschool.** Washington, DC. Gallaudet University Press: 1999.

LEWIS, W. (Editor). **Bilingual teaching of deaf children in Denmark – description of a project 1982-1992.** Denmark. Doveskolernes Materialcenter: 1995.

LODI, A.C.B.; HARRISON, K.M.P.; CAMPOS, S.R.L.; TESKE, O. (ORG.). **Letramento e minorias.** Porto Alegre. Editora Mediação: 2002.

LODI, A.C.B.; HARRISON, K.M.P.; CAMPOS, S.R.L. (ORG.). **Leitura e escrita no contexto da diversidade.** Porto Alegre. Editora Mediação: 2004.

LODI, A.C.B.; LACERDA, C.B.F. (ORG.). **Uma escola, duas línguas: letramento em língua portuguesa e língua de sinais.** Porto Alegre. Editora Mediação: 2010.

MARTIN, D.S.; MOORES, F.M. (Editors). **Deaf learners – developments in curriculum and instruction.** Washington, DC. Gallaudet University Press: 2006.

MOURA, M.C. **O surdo – caminhos para uma nova identidade.** Rio de Janeiro. Revinter Editora: 2000.

MOURA, M.C.; VERGAMINI, S.A.A.; CAMPOS, S.R.L. (ORG.). **Educação para surdos: práticas e perspectivas.** São Paulo. Editora Santos: 2008.

PEREIRA, M.C.C.; NAKASATO, R. **Narrativas infantis em língua brasileira de sinais.** Letras de Hoje. Porto Alegre, v. 39, nº 3, 2004, 273-284.

QUADROS, R.M.; KARNOPP, L.B. **Língua de sinais brasileira – estudos linguísticos.** Porto Alegre. Artmed Editora: 2004.

ROJO, R. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social.** São Paulo. Parábola Editorial: 2009.

SÃO PAULO (SP). Secretaria Municipal de Educação. Diretoria de Orientação Técnica. **Orientações curriculares e proposição de expectativas de aprendizagem para educação infantil e ensino fundamental: Libras** / Secretaria Municipal de Educação – São Paulo: SME / DOT: 2008.

VERGAMINI, S.A.A. **Mãos fazendo história.** Rio de Janeiro. Editora Arara Azul: 2003.

VYGOTSKY, L.S. **Pensamento e linguagem.** Lisboa. Antídoto: 1979.

WILCOX, S.; WILCOX, P.P. **Aprender a ver.** Rio de Janeiro. Editora Arara Azul: 2005.

INTRODUÇÃO AO QUARTO ANO

Agora chegamos ao 4º ano! O trabalho deve continuar visando o aprofundamento no conhecimento da Libras, no que se refere às estruturas linguísticas, ampliação de vocabulário, uso das diferentes linguagens constitutivas da língua, compreensão de que podemos nos expressar de diferentes maneiras e de que os elementos decisivos nas escolhas das formas de comunicação são nossos interlocutores. Aspectos relacionados às atividades discursivas, cada vez mais sofisticadas e elaboradas devem estar presentes e o professor deve estar preparado para ampliar esse universo. Ele encontrará, neste livro, ideias de como realizar esse trabalho, mas antes de tudo deve estar atento à forma como o aluno se expressa e, se necessário, retomar atividades de conteúdo de anos anteriores que ainda precisam ser desenvolvidas. Isso pode acontecer devido à pouca experiência linguística do aluno decorrente de diferentes fatores: início tardio na escola bilíngue para surdos, presença de outros comprometimentos ou mesmo um atraso no desenvolvimento da linguagem. No caso de o professor desconfiar que seu aluno apresente uma diferença significativa de desenvolvimento de linguagem sem uma explicação plausível, ele deve procurar o coordenador e seus pares, os outros professores, para discutir estratégias específicas que possam beneficiar aquele aluno. A surdez se apresenta, algumas vezes, combinada com outros fatores que podem implicar em dificuldades outras, inclusive de linguagem.

Aspectos relacionados ao desenvolvimento de linguagem e que devem merecer atenção do professor que já foram abordados nos livros dos anos anteriores continuam válidos também para o 4º ano: converse com seus alunos, faça com que eles possam, por meio da linguagem, estar conscientes do que acontece à volta, não apenas no ambiente escolar, mas no mundo de forma geral. Aquilo que o indivíduo ouvinte consegue aprender e apreender de forma natural por meio da escuta incidental (no rádio, na televisão ligada em um cômodo vizinho, na troca de informação entre os presentes na casa, no ônibus ou mesmo na rua) não estão disponíveis para o surdo. Ele precisa que essas informações lhe sejam passadas de forma mais intencional para que possa ter acesso ao que acontece. É papel do professor e da escola, como espaço social e linguístico, fornecer essas informações.

Uma forma interessante de fazer isso acontecer e que pode ser realizada de forma muito simples é promover o encontro de diferentes classes no início do período escolar, para que possam trocar informações de forma natural e descontraída. Afinal, o que pode ser interessante para o professor, pode não ser para o aluno. Esses encontros devem propiciar interações linguísticas que ajudem os alunos a aprenderem a esperar o seu turno na comunicação, quando em grupo com mais pessoas. Além disso, diferentes linguagens/formas de dizer estarão presentes, possibilitando que os estudantes aprendam formas diferentes de se expressar. Obviamente, todos os alunos se encontram na hora do intervalo, na entrada da escola, mas essa situação mais formal possibilita que o professor tenha controle sobre o que é falado e possa perceber quais são os aspectos linguísticos em que seus alunos precisam ter maior desenvolvimento. Nesses encontros a coerência textual do que é dito deve estar presente, sob pena de se perder o foco do que está sendo discutido ou do que foi compreendido. Se esse foco for perdido, é o professor responsável pela coordenação do trabalho naquele dia que deverá direcionar a discussão para que o assunto em pauta (sempre de escolha dos alunos) retorne ao que foi proposto inicialmente. Você encontrará neste livro as indicações de como realizar essa atividade de forma que ela seja produtiva e alimente o universo de conhecimento e de linguagem de seus alunos.

Para as crianças com bom desenvolvimento de linguagem e que tiveram a possibilidade de iniciar o seu processo escolar em uma escola bilíngue para surdos na idade adequada, espera-se que elas possam organizar seus discursos tendo como referência assuntos já vividos, que estão vivenciando e a serem vividos, isto é, relacionados ao passado, ao presente e ao futuro, fazendo associações causais mais sofisticadas. Para conseguir isso, o professor deve fornecer situações de comunicação cada vez mais desafiadoras, levando-os a usar a linguagem para relatar, discutir, discordar, arguir, convencer, etc. Para

tanto, o professor deve usar essas mesmas modalidades de discurso com seus alunos, incentivando-os a fazer o mesmo. Sempre que um assunto não ficar bem entendido, o professor deverá indagar sobre os aspectos que ficaram obscurecidos, sobre o argumento não bem exposto e deve levar os alunos a responder questões que envolvam tempo, espaço, causalidade, manutenção no foco do tema do discurso de forma mais complexa. Por exemplo, o professor deve indagar questões temporais relacionadas à "desde quando", "até quando", "por quanto tempo", "há quanto tempo", dias, semanas, meses e anos, assim como a tempo mais imediato (hora). Nesse momento, a criança já é capaz cognitivamente de lidar com noções temporais que não estejam relacionadas ao vivido pessoalmente, mas a ações vivenciadas por outras pessoas em outros lugares e em outros tempos, como as históricas.

Da mesma forma, o espaço pode ser explorado de forma mais ampla por meio de perguntas como: "de onde", "para onde", "em que direção", fornecendo informações de como o espaço pode ser representado em Libras.

Questões sobre a causalidade devem estar sempre presentes, mas da mesma forma como dito acima essa é uma noção a ser ampliada: "por que sim" e "por que não" devem ser respostas exploradas sempre que possível, desde que sem a explicação da razão, obviamente nada foi explicado. O "como" deve estar contido em todas as atividades em que seja cabível e deve ser relacionado a "como seria se...". Trabalhar com as hipóteses e as fantasias é um excelente exercício de linguagem e de organização do pensamento.

Atividades que envolvam "o que se faz com o que" também são úteis para expandir a linguagem. "Com o que" se constrói alguma coisa, "com o que" se realiza determinada ação podem ser usadas tanto em ações experimentadas na sala de aula como com outras vistas em filmes ou em visitas realizadas junto com a escola.

Com relação ao que é pertinente numa conversa, o professor deve estar atento às situações em que o aluno conta algo e enfatiza os detalhes, mas o núcleo do que deveria ser contado é deixado de lado ou obscurecido pelo excesso de detalhes. O professor deve, nessas situações, dirigir o discurso do aluno para o que é pertinente, fazendo com que ele deixe de lado descrições minuciosas, informações irrelevantes e/ou fora do contexto. Por exemplo, se para relatar o que fez no final de semana o aluno conta a cor do carro, começa a dizer do caminho que faz para a escola ou outros assuntos que não se relacionem ou façam o interlocutor perder o foco do que está sendo contado, o professor deve interferir e mostrar o que é demais ou o que não pertence àquele relato.

Não podemos esquecer quando falamos sobre a língua de sinais que ela é parte da cultura do surdo e que, além dela, outros aspectos culturais devem também ser tratados pelo professor. Não falamos aqui de um respeito teórico pela cultura surda, mas de um respeito real pelo professor sobre a forma de o Surdo ser e estar no mundo, como já falamos na introdução geral deste livro. Aspectos relacionados ao que foi realizado por Surdos no Brasil e no mundo são importantes de serem mostrados, ainda que sejam poucos os documentos em Libras que mostrem esses feitos. Você encontrará, neste volume, links que mostrarão histórias de Surdos que fizeram diferença na educação e em outras áreas. Afinal, a constituição de uma identidade preservada depende de modelos de outros semelhantes que realizaram feitos notáveis. As histórias das escolas de Surdos da Prefeitura de São Paulo também são importantes registros históricos, que devem ser lembrados e mostrados. Você também encontrará vídeos que contam essas histórias, neste volume. Não podemos deixar de enfatizar que a linguagem é social em essência e, apenas por seu intermédio, nos constituímos, nos relacionamos com as pessoas, construímos nossos conhecimentos de mundo e nos apropriamos dos bens culturais.

Já discorremos bastante sobre a dificuldade de as crianças Surdas se apropriarem da linguagem se não estiverem em contato com interlocutores usuários da Libras e, além disso, de obterem informações relevantes para a realização de relações entre ensino-aprendizagem formal e conhecimentos do cotidiano (fundamental para a construção de conceitos) da mesma forma como a criança ouvinte o faz, ou seja, de forma incidental. Forneça informações além daquelas esperadas para o espaço escolar sempre

que possível e procure estabelecer relações causais significativas que demonstrem como e porque as coisas acontecem. Por exemplo, lide com a questão de abandono de animais pelos seus donos porque dão muito trabalho ou porque fazem bagunça. Indague às crianças o que elas acham sobre isso, como agiriam, que soluções encontrariam para o problema. Pode-se filmar o resultado dessa discussão, que poderia ser mostrada para outros alunos e que motivaria uma discussão mais ampla. Com isso, os estudantes têm a possibilidade de discutir assuntos de interesse geral, relacionados à sociedade/cidadania, apropriando-se de outros usos da linguagem – construir e defender argumentos que terão influência direta na aprendizagem dos conteúdos pedagógicos esperados.

Além de assuntos de interesse geral, nesse momento é possível discutir com os alunos temas que sejam importantes para eles e construir junto com eles um debate em que metade da classe defenderá um lado da questão e a outra metade defenderá uma opinião oposta. Eles terão tempo fixo para expor suas ideias – enquanto um expõe o seu argumento, os outros devem aguardar; e depois será a vez do oponente. Isso ajuda a desenvolver o respeito pelo turno do outro e faz com que as crianças aprendam a prestar atenção aos argumentos usados pelo oponente. Assim o uso da linguagem argumentativa será apurado em situações de real interesse. O professor serve de mediador e poderá levar os alunos a melhorar seus argumentos, mostrando, inclusive, que o que um aluno disse não redundou em novas formas de ver o assunto. A linguagem também situa o sujeito na sociedade com relação ao que cada um pode ou não fazer, seja por conta das interdições ou convenções sociais, seja por conta das impossibilidades reais que impedem que uma pessoa realize algo. É importante que o Surdo tenha um espaço para discutir o que a surdez tem de implicações para ele, ou melhor, o que a surdez o impede, ou não, de fazer e as formas de superar esses impedimentos. Por exemplo, o Surdo não pode falar ao telefone usado pela maioria das pessoas, mas pode usar mensagem de texto no celular. Ele não ouve o despertador, mas existem despertadores que vibram. Neste livro temos um vídeo que ilustra essas adaptações que ajudam o Surdo no dia a dia. Mas, também deve ser mostrado que o ouvinte também tem suas limitações e que não basta ser ouvinte para fazer qualquer coisa. Os alunos poderiam, por exemplo, realizar entrevistas com funcionários da escola para saber se eles quiseram fazer alguma coisa que não puderam e por quê. É importante que o Surdo perceba a surdez como uma diferença que não impedirá a realização de seus sonhos, e compreenda que muito é possível quando realmente desejamos.

Os desejos remetem a outras questões que devem ser também objeto de trabalho do professor: aquela que se refere aos direitos e deveres. Todas as pessoas têm desejos que são restringidos pelos deveres e isso faz parte de se estar na sociedade. Pode-se desejar dormir até tarde, mas o dever faz com que se tenha que acordar cedo para cumprir o que é esperado – ir à escola ou trabalhar. O importante é que os sentimentos relacionados a esse tipo de situação possam ser explicitados e compartilhados. Saber que determinado sentimento é vivido pelo outro também ajuda a conviver com ele. Mas, em contrapartida, todos têm o direito de saber sobre os deveres que a sociedade tem para com os cidadãos, configurando-se aí os direitos. No caso dos Surdos, o direito maior que deve ser ventilado sempre que possível diz respeito ao direito de ter a sua língua respeitada e presente em situações educacionais e de comunicação essencial com ouvintes – como no médico, por exemplo. Podem ser montadas dramatizações que mostrem como seria se o Surdo tivesse que ir ao médico e não tivesse um intérprete para traduzir o que ele sente e o que o médico diz.

Já que estamos discorrendo sobre assuntos que lidam com sentimentos, não podemos deixar de discutir as questões relacionadas às situações conflituosas dentro da sala de aula que devem ser mediadas por meio da linguagem. Aprender a lidar com essas situações no dia a dia implica em conversar sobre elas e colocar os sentimentos em destaque. Para isso o professor deve estar sempre atento à essas situações e colocá-las em pauta, seja em atividades específicas, seja na roda de conversa. O professor pode perceber, nessa faixa etária, que o sentimento de inveja está presente e traz grande desconforto e situações de conflito na sala de aula. É importante que esse sentimento seja nomeado e que se possa conversar sobre ele nos diferentes contextos em que aparece: na família, com relação ao vizinho ou ao

colega que fez ou tem algo desejável. O importante ao se lidar com essas situações e com esse (ou outros sentimentos) é deixar claro que o sentimento em si não é bom nem ruim, mas o que se faz com ele pode ser muito prejudicial a quem faz a ação e a quem sofre a ação. Reconhecer o sentimento no outro também é área a ser trabalhada. Jogos que envolvem perceber se o outro está feliz, triste, aborrecido, cansado e como reagir a isso com empatia, facilitando as relações interpessoais, pode ser muito útil para a vida dos alunos.

A responsabilidade deve ser assunto recorrente nas atividades de sala de aula e devem estar sempre investidas de valor pela linguagem. Isso significa que o professor deve estabelecer normas de funcionamento e orientar o que pode e o que não pode ser feito, explicando as consequências dos atos e das escolhas que fazemos. Somente pela linguagem é que as regras podem ser internalizadas, comparadas com outras e analisadas frente aos desejos que muitas vezes conflitam com os deveres. Falar da frustração nessas situações ajuda também a conviver melhor com o que se quer, mas não se pode ter. Obviamente, espera-se que o que for tratado sob esse prisma dentro da sala de aula seja levado para outras esferas da vida cotidiana. A responsabilidade da organização e da limpeza da sala, por exemplo, quando bem trabalhadas, podem levar os alunos a se organizarem melhor com relação ao seu material e com relação ao respeito ao outro.

Os aspectos abordados até aqui indicam a necessidade de se desenvolver com os alunos o interesse social/cidadania, entendido aqui como constituição de sujeitos preocupados pelo que acontece no mundo e as razões que podem ser dadas aos fatos, desde os mais corriqueiros, como chuvas e enchentes, até questões mais sérias que envolvam morte e abandono. A linguagem serve para objetivar os fatos, nomear os sentimentos, explicar as causas, possibilitar que se possa estar no mundo, compreender e entender que o acontece pode ser explicado e, algumas vezes, evitado. Questões que não podem ser explicadas podem, pelo menos, ser discutidas.

É importante observar que a dramatização que foi usada até o terceiro ano como recurso para compreensão das histórias passa a ganhar nova roupagem e profundidade no quarto ano, estreando como gênero autônomo que deve ser dominado pelos alunos. Assim, a dramatização, que tinha objetivos muito mais na área do funcionamento simbólico, possibilitando aos alunos a apropriação da linguagem como transmissora de ideias e valores, deve passar a ser vista como um gênero específico caminhando ao encontro do gênero teatro – que será cada vez mais explorado nos anos subsequentes.

Se podemos falar de tantas coisas diferentes – do cotidiano, do mundo, de sentimentos –, necessitamos desenvolver a linguagem dos alunos em todos os seus níveis, e não apenas vocabular. E discutir sobre situações reais, vividas ou não pelos alunos, é uma estratégia interessante e motivadora. Pode ser que o professor não conheça todos os sinais em Libras que ele precisaria para expressar tudo o que precisa ser falado ou comentado em sala de aula. Nesse caso, a solução não é deixar de dizer, mas encontrar estratégias para se fazer entender e alcançar os objetivos pretendidos. A procura por outros professores ou adultos surdos pode e deve também ser realizada, para que as diferentes formas de dizer sejam debatidas e passem a ser de conhecimento de outros e/ou para que os sinais desconhecidos lhes sejam explicados. O importante é que nenhuma situação ou algo deixe de ser falado ou tratado em razão de não se conhecer sinais ou de como dizer em Libras.

É de suma importância ressaltar que o foco deste livro é orientar os professores sobre o desenvolvimento da Libras e formas de garanti-lo, e não da leitura e da escrita do Surdo, mas é claro que o português estará presente o tempo todo em outras atividades que os alunos desenvolverem em sala de aula. O importante, no que se refere ao trabalho que devemos pontuar aqui, é que seja sempre feita a diferenciação entre as duas línguas, as funções das duas, os usuários de uma e de outra, as habilidades maiores ou menores em cada uma por diferentes interlocutores e as adaptações necessárias quando em contato com pessoas ouvintes usuárias ou não de Libras. Atividades de dramatização que possam lidar com esses ajustamentos podem ser úteis para o aluno Surdo nas atividades que ele precisa lidar em seu dia a dia. Fazer dessas atividades uma situação engraçada é uma boa forma de lidar com elas. Essas

situações, na vida real, levam muitas vezes a frustrações e a sentimentos de inadequação. Mais uma vez, o professor poderá lidar com esses sentimentos, nomeando-os e criando um lugar de discussão para que eles possam ser mais bem compreendidos.

Pensando no português como segunda língua, sabemos que os livros didáticos e paradidáticos estão sempre presentes na vida escolar de todas as crianças. Sabemos da importância da leitura para os alunos (Programa Ler e Escrever). O fato de os alunos serem Surdos não deve impedir que essa atividade seja realizada. Por meio dessa leitura, o aluno tem contato com diferentes gêneros discursivos escritos, diferentes formas de se falar e contar a respeito das coisas. Além disso, a história traz aspectos linguísticos importantes, que poderão ser mais bem compreendidos no uso do que na explicação teórica. Noções espaciais, temporais, de causalidade, de plausibilidade, estão sempre presentes nas histórias e, ao contá-las, o professor pode explorar esses conceitos de forma rica e contextualizada, voltando às ideias no texto, associando à vida dos alunos e explorando a imaginação.

Ler para os alunos todos os dias em Libras pode ser uma situação muito enriquecedora em todos os níveis e a sistematicidade dessa atividade é um dos aspectos importantes para o enriquecimento do universo linguístico e de vida dos alunos.

Nessa faixa etária, o professor já pode iniciar o trabalho com a gramática de Libras de forma lúdica, fazendo com que os alunos desenvolvam consciência de que existem formas de construir os sinais e conheçam os constituintes gramaticais dessa língua. Não será ainda o momento de se comparar a Libras com o português, mas apenas de brincar com a língua, fazendo com que eles possam ter consciência de algumas características, como: configurações da mão, pares mínimo, espaço de realização dos sinais, incorporação da negativa no sinal.

Você encontrará atividades voltadas para esses aspectos, neste livro.

Para finalizar, vamos nos lembrar de algumas noções que são básicas para que este livro possa ser usado de forma construtiva e sirva a seu propósito:

- A linguagem só pode ser adquirida se for usada em situações significativas e agradáveis.
- A atmosfera na sala de aula sempre tem que ser positiva e respeitosa com todos os alunos, não importa a proficiência linguística nem as habilidades que eles tenham (ou não tenham).
- A ação comunicativa deve ser agradável para ambas as partes: alunos e professores. Todos devem ter a oportunidade de usufruir das situações e o professor deve aproveitar toda e qualquer situação para mostrar algo novo ou fazer o aluno perceber algo inusitado.
- O aluno deve ser levado gradativamente a se tornar mais e mais independente, buscando respostas fora de sala de aula e trazendo o que descobriu para todos. Esse tipo de movimento reforça a autoestima e o desejo de aprender.

Bom trabalho!

APRESENTAÇÕES, ROTINA E RODA DE CONVERSA

UNIDADE

1

APRESENTAÇÕES

Objetivos

- Prestar atenção aos colegas e ao professor.
- Estabelecer o diálogo com o grupo.
- Perceber e respeitar os diferentes turnos na comunicação (momentos de entrada no discurso).
- Descrever pessoas, objetos e espaços físicos.

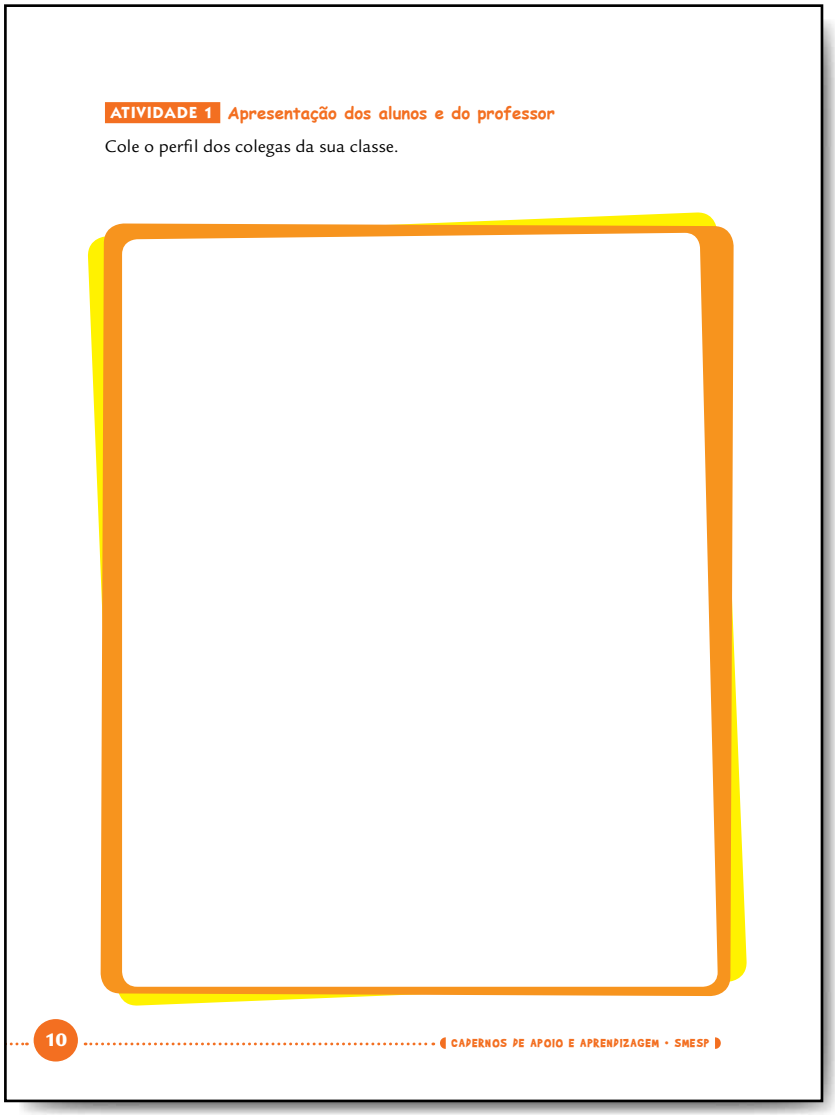
ATIVIDADE 1
Apresentação dos alunos e do professor

Objetivos

- Integrar o grupo.
- Conhecer sinais pessoais e nomes dos colegas.

Encaminhamento

Inicie as atividades com a apresentação dos alunos. Peça para se identificarem apresentando o sinal que lhes correspode e digitando o próprio nome.
Providencie um retroprojetor e cartolinas. Explique aos alunos que a tarefa será desenhar o perfil de cada um, a partir do qual os amigos da outra classe, ou os pais, na reunião de pais, tentarão identificá-los.
Solicite para cada aluno permanecer à frente da luz do retroprojetor, enquanto os colegas riscam o seu perfil por meio da sombra produzida na cartolina.
Coloque todos os perfis expostos no corredor da escola, sem nomeá-los. Os colegas das demais turmas deverão identificar de quem são esses perfis.
Faça cópias reduzidas dos perfis dos alunos para o registro da atividade no livro do aluno.


ATIVIDADE 1 Apresentação dos alunos e do professor

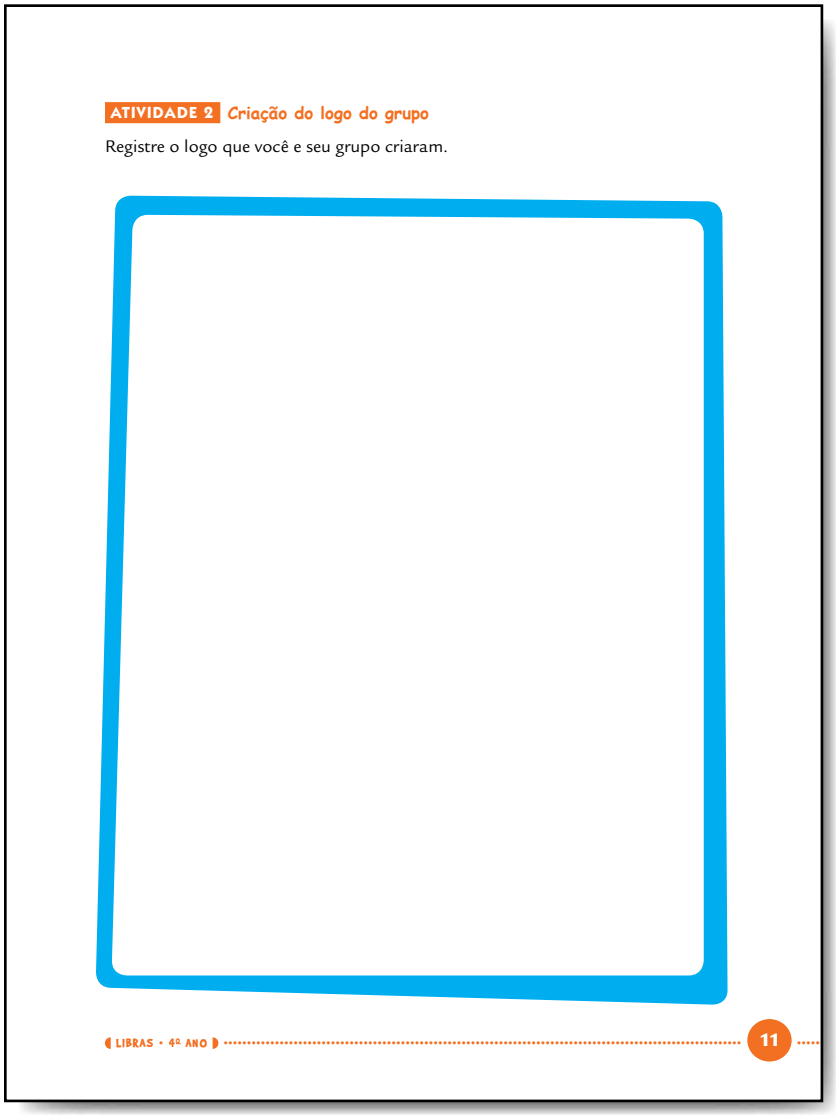
Cole o perfil dos colegas da sua classe.

10 CADERNOS DE APOIO E APRENDIZAGEM • SMESP

ATIVIDADE 2
Criação do logo do grupo

Objetivos
- Elencar diferentes propostas.
- Discutir ideias apresentadas.
- Por meio do discurso, convencer o outro a aceitar ou a discordar.

Encaminhamento
Peça aos alunos para criarem um logo, uma marca para representá-los como um grupo dentro do período em que estudam. Cabe aos alunos a busca de uma resolução coletiva, usando a língua de sinais para argumentar, expor e debater ideias.


ATIVIDADE 2 Criação do logo do grupo

Registre o logo que você e seu grupo criaram.

LIBRAS • 4º ANO 11

ATIVIDADE 3
Trocando informações

Objetivos
- Desenvolver a habilidade de expor um assunto.
- Desenvolver clareza ao se expressar.
- Expressar sentimentos.

Encaminhamento
Combine com os alunos a realização de rodas de conversa que envolvam diferentes grupos (faixa etária, anos do ciclo, etc). Periodicamente, uma vez por mês, ou com mais frequência se for possível, ofereça a eles a possibilidade de trocarem informações sobre um assunto que escolham. Esses encontros devem propiciar interações linguísticas que os ajudem a aprender a esperar seu turno na comunicação, quando em grupo com mais pessoas. Além disso, diferentes linguagens/formas de dizer estarão presentes, possibilitando que os estudantes aprendam formas diferentes de se expressar. Nesses encontros, um professor deverá ficar responsável pela coordenação do trabalho e atentar para a coerência textual do que está sendo dito e fazendo as intervenções para que não ocorra perda do foco sobre o assunto discutido e redirecionando a conversa para que retorne ao que foi proposto inicialmente.

ATIVIDADE 3 Trocando informações

Registre o que mais te chamou atenção na roda de conversa.

ATIVIDADE 4
Desvelando as diferentes áreas do conhecimento

Objetivos

- Ampliar o repertório em Libras.
- Relacionar as atividades da vida diária com as áreas do conhecimento.
- Aprender a argumentar colocando-se como sujeito no discurso.
- Aprender a sintetizar.

Encaminhamento

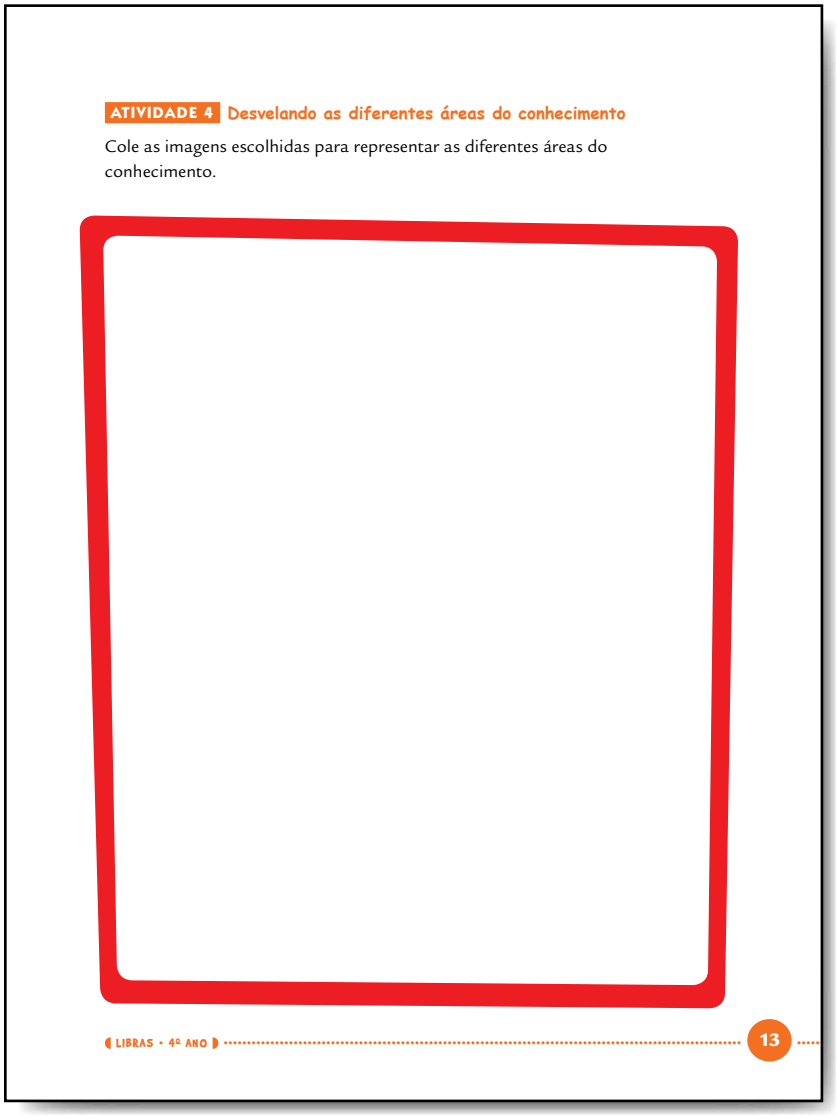
Peça aos alunos para pesquisarem, em revistas e jornais, imagens que representem as diferentes áreas do conhecimento: Português, Matemática, Natureza e Sociedade, Arte, Educação Física, Informática, etc.

Solicite a cada aluno que relacione e argumente as razões de suas escolhas na representação das diferentes áreas do conhecimento.

Faça um mural com todas as imagens selecionadas pelos alunos.

Solicite ao grupo que escolha uma imagem de cada área do conhecimento que represente a síntese das ideias elucidadas pelo grupo.

Reproduza uma cópia da síntese do grupo para que cada um e cole no seu livro.


ATIVIDADE 4 Desvelando as diferentes áreas do conhecimento

Cole as imagens escolhidas para representar as diferentes áreas do conhecimento.

LIBRAS • 4º ANO 13

ATIVIDADE 5
Grade curricular

Objetivos

- Conhecer a grade curricular do 4º ano.
- Identificar na grade curricular o número de aulas semanais para cada área do conhecimento.
- Opinar e argumentar sobre a organização da grade curricular, propondo ideias e mudanças.

Encaminhamento

Apresente a grade curricular para os alunos e peça que observem o número de aulas de cada área do conhecimento.

Faça perguntas como:

São iguais os números de aulas para cada área do conhecimento?

Qual a área que tem menos aulas? Por quê?

Qual a área que tem mais aulas? Por quê?

Você concorda?

Após a discussão, solicite aos alunos que reflitam e montem uma proposta de horário. Em seguida, eles devem expor sua proposta, argumentando e fundamentando as escolhas.

ATIVIDADE 5 Grade curricular

1) Observe a grade curricular.

ENSINO FUNDAMENTAL – DIURNO
EDUCAÇÃO ESPECIAL

ANEXO IV da Portaria SME nº 4750, de 04 de Dezembro de 2008

LEI FEDERAL N 9394/96 – RESOLUÇÃO CNE/CEB Nº 2/98 E RESOLUÇÃO CNE/CEB Nº 02/01

	ÁREAS DE CONHECIMENTO	Horas-aula por semana / etapa							
		CICLO I				CICLO II			
		1º	2º	3º	4º	1º	2º	3º	4º
BASE NACIONAL COMUM	Língua Portuguesa	6	6	6	6	6	6	6	6
	Educação Física	1/2*	1/2*	1/2*	1/2*	2*	2*	2*	2*
	Artes	1/1*	1/1*	1/1*	1/1*	2	2	2	2
	Matemática	5	5	5	5	5	5	5	5
	Ciências	3	3	3	3	3	3	3	3
	Geografia	3	3	3	3	3	3	3	3
	História	3	3	3	3	3	3	3	3
Total da Base Nacional Comum		25	25	25	25	25	25	25	25
PARTE DIVERSIFICADA	LIBRAS	3	3	3	3	3	3	3	3
Total da Parte Diversificada		3	3	3	3	3	3	3	3
TOTAL DA CARGA HORÁRIA		28	28	28	28	28	28	28	28
	Ensino Religioso	1	1	1	1	1	1	1	1

* Aulas com o professor especialista e dentro do horário de funcionamento da turma

LEI FEDERAL Nº 9394/96 – Artigo 34

		CICLO I				CICLO II			
		1º	2º	3º	4º	1º	2º	3º	4º
ENRIQUECIMENTO CURRICULAR	Sala de Leitura	1	1	1	1	1	1	1	1
	Informática Educativa	1	1	1	1	1	1	1	1
	TOTAL	2	2	2	2	2	2	2	2

Ciclos I e II
- 28 horas-aula x 40 semanas = 1120 horas-aula
- 1120 horas-aula x 45 minutos = 50400 minutos
- 50400 minutos + 6000 minutos (recreio) = 56400
- 2 horas-aula (enriquecimento curricular) x 40 semanas = 80 horas-aula
- 80 horas-aula x 45 minutos = 3600 minutos
- 600 minutos + 56400 = 60000 minutos ou 1000 horas

2) Monte uma proposta de horário de aulas de acordo com a grade curricular.

JOGOS E BRINCADEIRAS

UNIDADE

2

JOGOS

Objetivos

- Ampliar o repertório de jogos.
- Conhecer as regras de diferentes jogos.
- Desenvolver atitudes cooperativas.
- Desenvolver habilidade em estratégias.
- Utilizar a língua de sinais em contextos lúdicos.

ATIVIDADE 1
Batalha naval

Vídeo com as instruções do jogo

A batalha naval é um jogo em que dois jogadores têm de adivinhar em quais quadrados estão posicionados os navios do oponente. O objetivo do jogo é descobrir a localização da frota do adversário e destruí-la

Para jogar, são necessárias: folhas quadriculadas (10 X 10), lápis, borracha.

Cada jogador possui duas matrizes quadriculadas (10 x 10) compostas, nas linhas, por números de 1 a 10 e, nas colunas, por letras de A a J. Uma das matrizes destina-se a desenhar os navios do jogador e a outra, a registrar os tiros e os alvos atingidos.

Antes do início do jogo, cada jogador deve posicionar secretamente seus navios nos quadros alinhados horizontalmente ou verticalmente. Os dois jogadores devem desenhar a mesma quantidade de navios, sendo que os navios não podem se sobrepor.

Dá-se início ao jogo com um jogador digitando um número e uma letra correspondente a um dos quadrados da matriz e o oponente sinalizando se o navio foi atingido ou não. O jogador do turno pode dar três tiros a cada jogada.

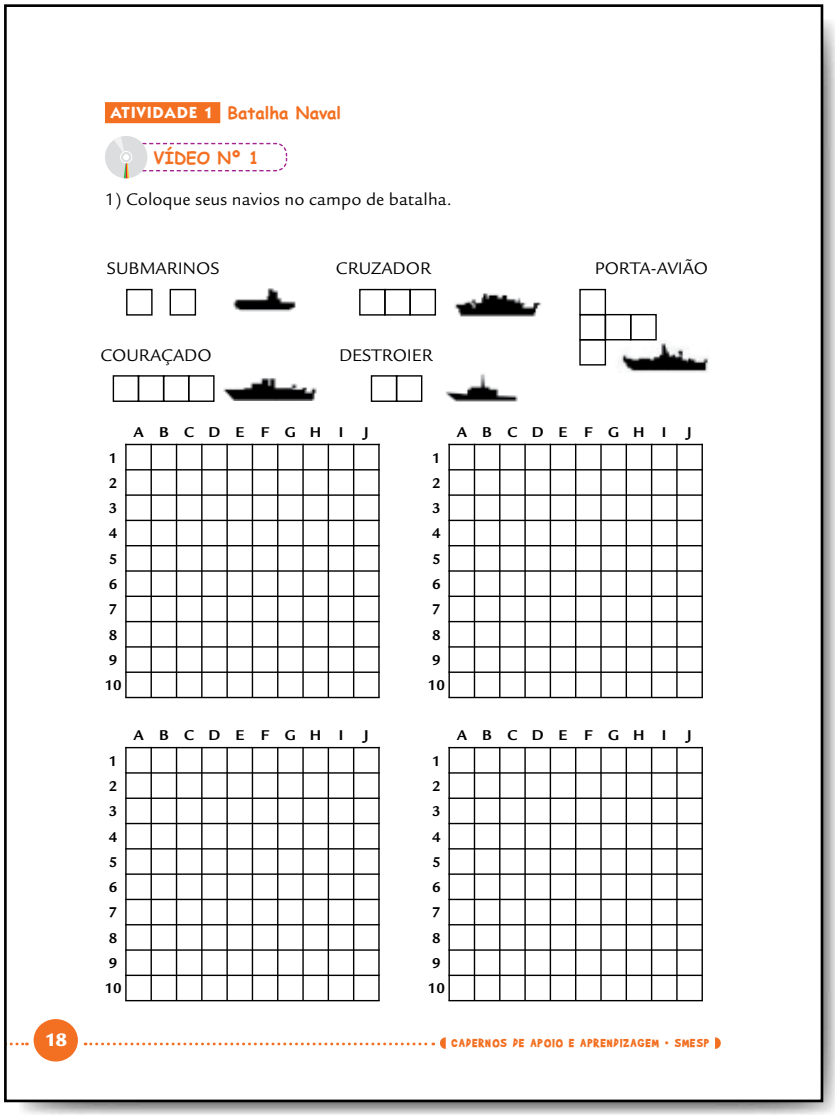
Quando o tiro não for certeiro, o oponente sinaliza a palavra "água". Se o tiro for certeiro, o oponente faz o sinal de "afundar", identificando o navio abordado.

Se houver um navio no quadrado indicado, o jogador marca com um X qual foi atingido e procura, dependendo da especificidade do navio, o número de tiros necessários para afundá-lo.

Se o jogador errar o tiro, faz o seu registro com um pontinho preto no quadrado sinalizado.

Os navios são:

- porta-avião (5 quadrados),
- couraçado (4 quadrados)
- cruzador (3 quadrados)
- destróier (2 quadrados)
- submarino (1 quadrado apenas)


ATIVIDADE 1 Batalha Naval

VÍDEO Nº 1

1) Coloque seus navios no campo de batalha.

SUBMARINOS CRUZADOR PORTA-AVIÃO

COURAÇADO DESTROIER

A B C D E F G H I J
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

18 CADERNOS DE APOIO E APRENDIZAGEM • SMESP

Encaminhamento

Assista ao vídeo com as explicações e regras do jogo.

Peça para os alunos posicionarem seus navios no quadro da esquerda. Em seguida, organize a turma em grupos de quatro alunos, estabelecendo que eles jogarão em duplas – de modo que um possa auxiliar o outro na aprendizagem do jogo.

Estabeleça um tempo para o jogo.

Depois de os alunos jogarem, estimule que compartilhem as estratégias utilizadas no jogo e avalie com o grupo:

Onde as duplas posicionaram seus navios? Por quê?

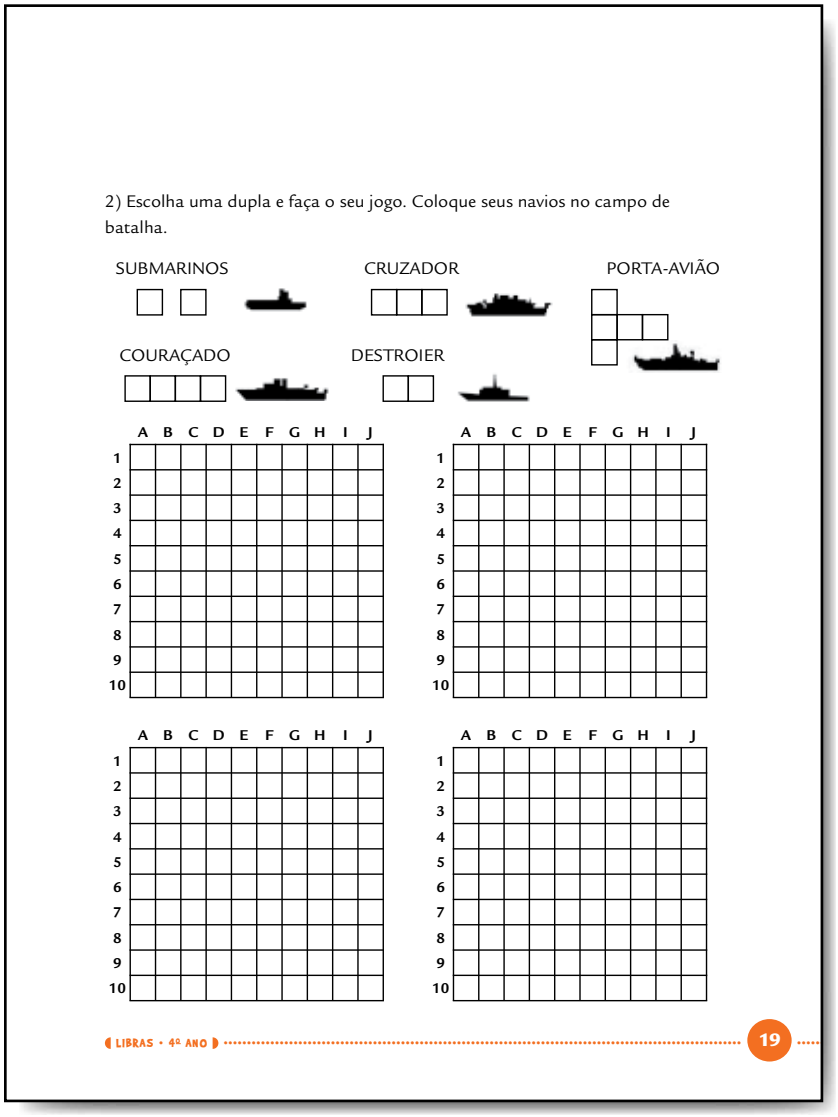
Que estratégias foram utilizadas para descobrir os navios da dupla contrária?

O tempo para jogar foi suficiente?

Quais foram as dificuldade e facilidades encontradas no jogo?

Depois de a turma brincar, convide outra para fazê-lo. Na ocasião, os alunos deverão explicar as regras do jogo. Antes disso, peça aos alunos que treinem a explicação de modo que consigam detalhar as regras claramente à turma convidada para jogar. Durante o treino, enquanto alunos explicam as regras, os colegas devem conferir se o modo como o aluno se expressou foi claro e retomar algo que tenha faltado na explicação.

Prepare uma projeção com a cartela do jogo Batalha Naval, para que os alunos possam explicar as regras do jogo, usando esse recurso visual como apoio.



2) Escolha uma dupla e faça o seu jogo. Coloque seus navios no campo de batalha.

SUBMARINOS

CRUZADOR

PORTA-AVIÃO

COURAÇADO

DESTROIER

	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J
1										
2										
3										
4										
5										
6										
7										
8										
9										
10										

	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J
1										
2										
3										
4										
5										
6										
7										
8										
9										
10										

	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J
1										
2										
3										
4										
5										
6										
7										
8										
9										
10										

	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J
1										
2										
3										
4										
5										
6										
7										
8										
9										
10										

LIBRAS • 4º ANO 19

Dicas

- Socialize sites da internet com jogos online como atividade extraclasse:
- www.clickjogos.uol.com.br
- www.jogos360.com.br/batalha_naval

ATIVIDADE 2
Pesquisar a partir do jogo Batalha Naval

Objetivos
- Pesquisar a veracidade dos navios presentes no jogo.
- Expor um tema ou assunto para o grupo.
- Assumir o papel de expositor.

Encaminhamento
Solicite aos alunos que façam duplas e pesquisem na internet ou em livros se os navios do jogo Batalha Naval existem de verdade ou são uma ficção?
Cada dupla deverá apresentar ao grupo sua pesquisa em forma de seminário.
Estipule o tempo para a apresentação de cada grupo.

ATIVIDADE 2 Pesquisa a partir do jogo Batalha Naval

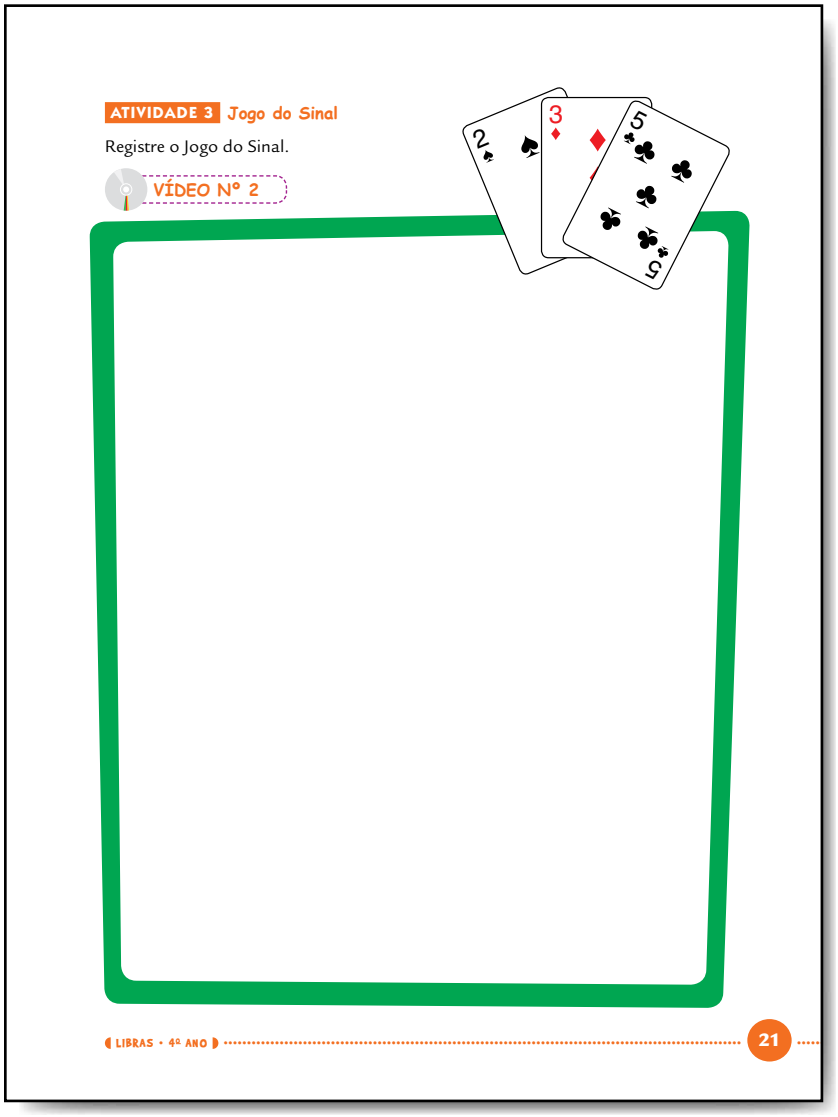
Registre a pesquisa - submarino, porta-avião, cruzador, couraçado e destroier.

ATIVIDADE 3
Jogo do Sinal

Objetivos
- Desenvolver a atenção às mudanças na regra de um jogo.
- Desenvolver atitudes cooperativas.
- Utilizar a memória.
- Utilizar a língua de sinais em contextos lúdicos

Regras do jogo
Use dois baralhos comuns. Retire as seguintes cartas: Ás, Dama, Rei, Valete e Coringas, de modo que permaneçam só os números. Podem jogar até 9 participantes, sentados de forma que todos vejam as cartas.
Cada jogador pega uma carta cujos números não podem se repetir. As demais ficam no monte, acessível para os jogadores.
O grupo escolhe o jogador que dará início ao jogo. Este retira uma carta do monte e a coloca no centro, de modo que todos vejam o número sorteado.
Quando houver correspondência, rapidamente ele deverá fazer o sinal do jogador que está com o número da carta virada, antes que o mesmo faça o próprio sinal. O jogador que demorar para fazer o sinal ficará com todas cartas viradas no centro.
No caso de não haver correspondência entre a carta virada e a carta de nenhum jogador, o mesmo jogador vira outra carta do monte.
No final do jogo, os participantes somam a quantidade de cartas que possuem. Aquele que tiver menos cartas é o vencedor.

Encaminhamento
Assista ao vídeo com as regras do jogo e verifique se todos compreenderam a proposta. Discuta as dúvidas e repita a apresentação do vídeo. Na ocasião, os alunos deverão explicar as regras do jogo. Antes disso, peça aos alunos que treinem a explicação de modo que consigam detalhar as regras claramente. Durante o treino, enquanto alunos explicam as regras, os colegas devem conferir se o modo como o aluno se expressou foi claro e retomar algo que tenha faltado na explicação.


ATIVIDADE 3 Jogo do Sinal

Registre o Jogo do Sinal.

VÍDEO Nº 2

LIBRAS • 4º ANO 21

Dicas
- É possível criar variações do jogo trocando a comanda a cada três rodadas. Por exemplo:
- Cada aluno escolhe o sinal de um animal e continua com o mesmo número da carta. Em vez de fazer o sinal pessoal do aluno, deverá fazer o sinal do animal que ele escolheu.
- Depois, cada aluno escolhe uma fruta... e a brincadeira continua.
- Para fazer o registro do jogo, pode-se utilizar fotos da partida, anotar o resultado do jogo, as estratégias discutidas pelo grupo, etc.

JOGOS TEATRAIS

UNIDADE

3

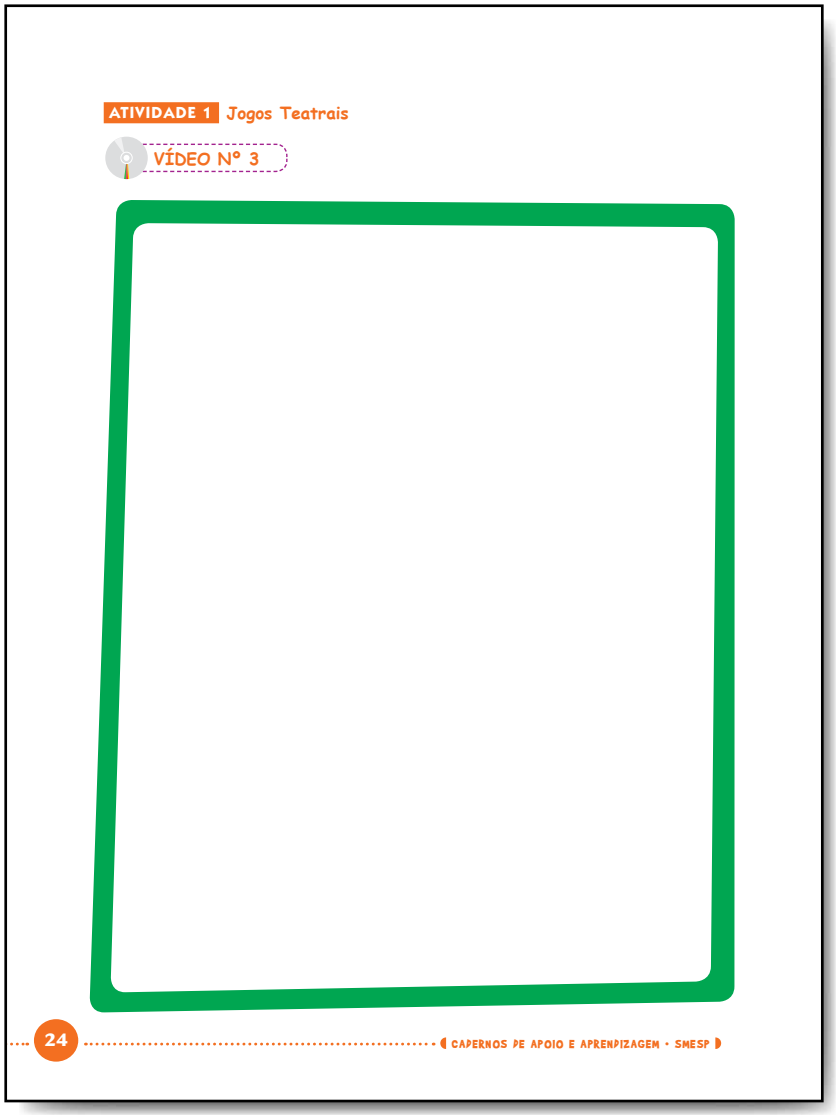
JOGOS TEATRAIS

Objetivos

- Interagir com o grupo sem planejar antes.
- Utilizar a língua em situações discursivas.
- Solucionar uma situação problema.

ATIVIDADE 1
Jogos Teatrais

(O Teatro Improvisado foi baseado nos jogos sugeridos por Viola Spolin)
Nos jogos improvisados, os alunos utilizam a língua de sinais, no discurso com o outro, com o objetivo de solucionar um problema.
Nas atividades de teatro improvisado, parte-se do princípio que o próprio jogador tem potencial para criar a sua cena por meio de uma situação problema a solucionar. Segundo Viola Spolin, todas as pessoas são capazes de improvisar.
Utilizando a simples estrutura de orientação denominada ONDE, QUEM, QUANDO e O QUE, os jogadores colocam a sua criatividade e espontaneidade para criar uma cena com o foco na resolução de um problema.
O teatro improvisado valoriza a união e o trabalho em grupo. É a partir do acordo e do trabalho em grupo que o material para as cenas emerge.
A maneira como o grupo soluciona o problema é uma questão pessoal. Não existe certo ou errado. O foco no jogo é detectar se o grupo resolveu a situação ou se fugiu do problema.


ATIVIDADE 1 Jogos Teatrais

VÍDEO Nº 3

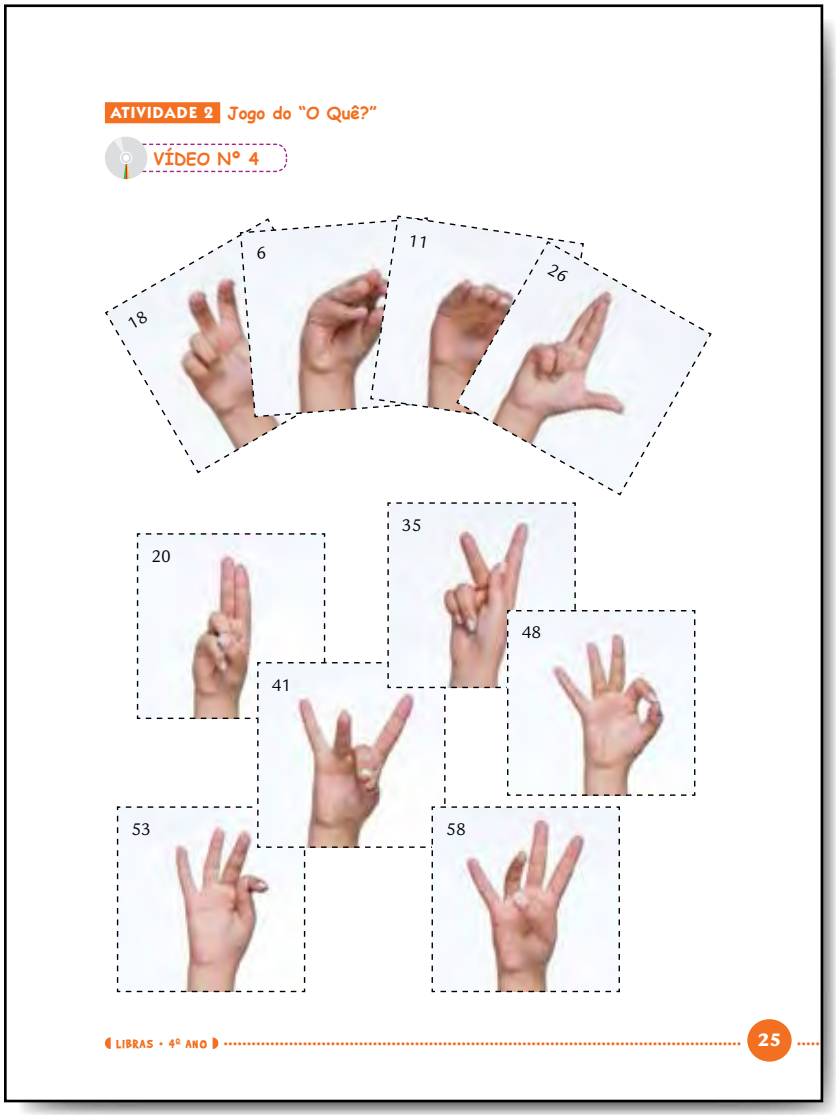
24 CADERNOS DE APOIO E APRENDIZAGEM • SMESP

A avaliação ocorre depois que cada equipe terminou de trabalhar com um problema de atuação. A avaliação extrapola os valores do julgamento bom, mau, certo ou errado. Na avaliação, a plateia deve evidenciar qual era o problema a ser solucionado, qual a idade aproximada dos jogadores naquela cena, onde eles imaginam que a cena foi realizada, se a história fluiu com compreensão, etc.
O objetivo do jogo é dramatizar a cena sem contar o problema para o grupo. Nas primeiras vezes, os alunos podem ter dificuldade para realizar a proposta por ser um desafio novo. Mas ao ganharem experiência, irão compreendendo as regras do jogo mais claramente.

ATIVIDADE 2
Jogo do "O Quê?"

Encaminhamento

Escolha um objeto para ser passado de mão em mão. Pode ser uma bolinha, um lenço ou outro qualquer. Esse será o marcador que determinará quem está com a vez. Todos os jogadores sentam em círculo, exceto um – que fica no centro. O jogador do centro fecha os olhos, enquanto o marcador passa de mão em mão. Quando esse jogador levantar os braços, aquele que estiver com o objeto nas mãos deve segurá-lo. O jogador do centro deve olhar para ele e mostrar uma configuração de mão. Assim, ele desafia o jogador com o marcador a apresentar um sinal de objeto com aquela configuração de mão. Então, o jogador desafiado deve passar o marcador para quem está ao seu lado, para que passe de mão em mão até chegar novamente em suas mãos. Quando isso acontecer, ele deve fazer o sinal de um objeto com a configuração de mão proposta pelo jogador do centro. Se ele não conseguir, deve trocar de lugar com o jogador do centro.


ATIVIDADE 2 Jogo do "O Quê?"

VÍDEO Nº 4

ATIVIDADE 3
Jogo do Quando - "Que horas são?"

Regras do Jogo

O jogador escolhe uma hora do dia e a escreve em um papel que ele entrega para o professor, antes de apresentar a sua cena. Sem dizer que horas são na cena que ele apresenta, o jogador deve fazer a plateia descobri-la.

O foco de concentração dos alunos deve ser a hora do dia. Por exemplo: Um jogador entra e fecha a porta com muito cuidado. Ele se abaixa e tira os sapatos. Caminha até o quarto da esposa e a vê dormindo. Ele deita na cama sem acordá-la.

Encaminhamento

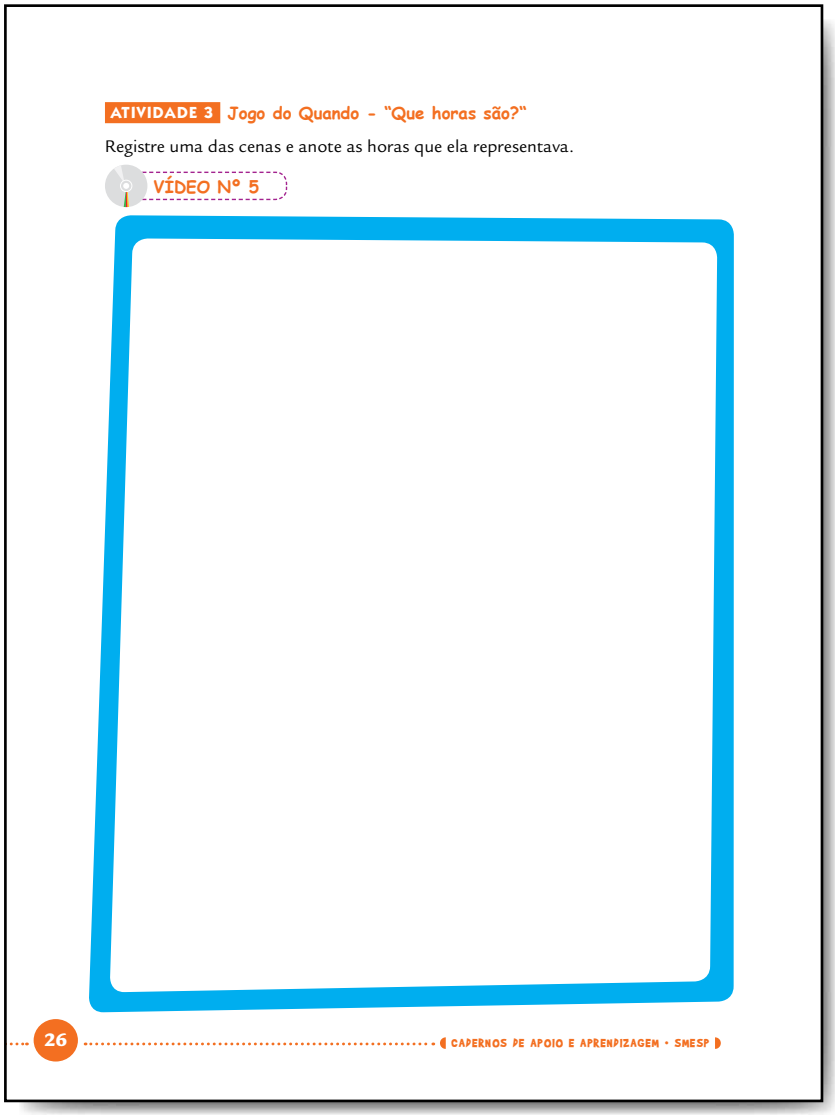
Assista ao vídeo com as instruções do jogo do Onde e realize o jogo do Quando: "Que horas são?" com a turma. Finalize com a avaliação de cada dramatização.

Exemplo de avaliação:

Que horas eram na cena? O jogador mostrou a cena ou contou as horas?

Se a plateia contar a história que o jogador criou, a pergunta deve retornar ao grupo: Que horas eram? O aluno-jogador conseguiu mostrar que horas eram? Como?

É possível mostrar as horas sem apresentar os nossos valores culturais? A hora do almoço é sempre meio-dia?



ATIVIDADE 3 Jogo do Quando - "Que horas são?"

Registre uma das cenas e anote as horas que ela representava.

VÍDEO Nº 5

26 CADERNOS DE APOIO E APRENDIZAGEM • SMESP

Outras sugestões de cena

1) Um jogador aparece sonolento, abre a boca, boceja, abre a geladeira e retira um doce. Abre o armário, sem fazer barulho, pega um prato, come o doce, boceja...
2) Um jogador mostra que está trabalhando a terra. Depois, coloca a sua enxada e os seus instrumentos de trabalho de lado, procura uma sombra, senta, abre a marmita e come. Quando termina de comer, volta a trabalhar.

ATIVIDADE 4
Jogo do Onde - "Construir o Onde"

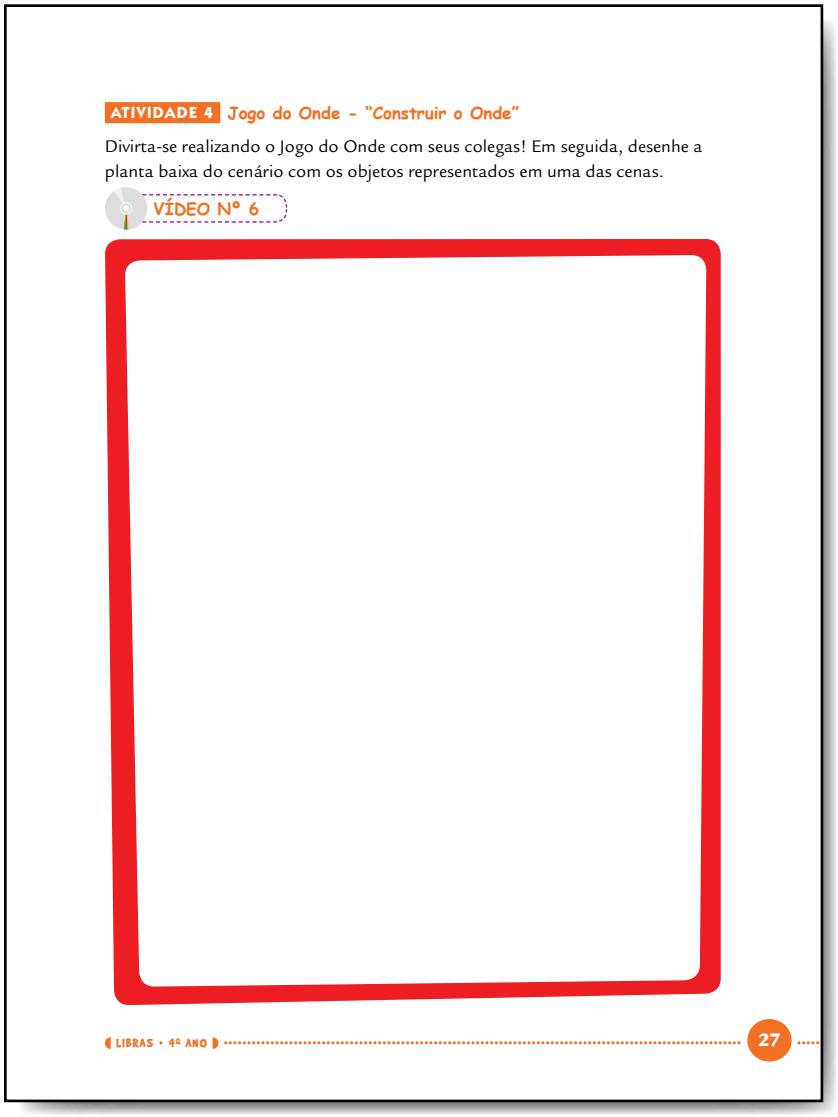
Esse jogo é semelhante ao jogo do Quando: "Que horas são?". Mas o foco é o lugar. Sem dizer onde está na cena que apresenta, o jogador, ou os jogadores, deve fazer a plateia descobrir onde ele está.
Por exemplo: Numa loja de animais de estimação. O primeiro jogador vai para a cena e coloca um balcão. O segundo entra na cena e coloca uma gaiola de passarinho. O terceiro usa o balcão, mexe com o passarinho e coloca um aquário. O quarto usa o balcão, faz uma ação com a gaiola, dá comida para os peixes e acrescenta outra imagem. E assim sucessivamente.

Encaminhamento

Assista ao vídeo com as instruções do jogo do Onde - "Construir o Onde" e realize com os alunos. Em seguida, discuta com a turma a atuação dos participantes nas cenas produzidas na sala de aula. A avaliação pode ser estimulada pelas seguintes perguntas:

- Os jogadores representaram, mostraram o espaço ou disseram qual era o espaço que representavam?
- Os jogadores largaram os objetos no palco em vez de construir a cena?
- Os jogadores desenvolveram personagens definidos ao entrarem para acrescentar um objeto?

Em seguida, solicite aos alunos que desenhem o cenário representado na cena dramatizada na sala de aula.


ATIVIDADE 4 Jogo do Onde - "Construir o Onde"

Divirta-se realizando o Jogo do Onde com seus colegas! Em seguida, desenhe a planta baixa do cenário com os objetos representados em uma das cenas.

VÍDEO Nº 6

LIBRAS • 4º ANO 27

Dicas

- Outros lugares: Um ponto de ônibus; um supermercado; uma escola; dentro de um ônibus; um shopping center.
- Proponha dividir a classe em dois grupos: um grupo escolhe um lugar para outro representar.

ATIVIDADE 5

Jogo do Quem - "Construir o personagem"

Encaminhamento

Proponha um novo jogo ao seu grupo, aproveitando as sugestões abaixo ou criando outras ideias.

Sugestão 1

No terminal de ônibus.

Um dos jogadores representa alguém que espera ansiosamente o ônibus. Ele vem lotado... Cabe uma só pessoa... Minutos antes da chegada do ônibus chega uma senhora muito velhinha...

O jogador deixa a senhora entrar..... e continua esperando o ônibus. Antes da chegada do ônibus seguinte, chega uma grávida... Uma mulher com bebê no colo, um cadeirante, etc.

Pergunta para avaliação:

Os jogadores conseguiram evidenciar a idade da senhora, a situação da mulher grávida, do cadeirante, e as características psicológicas das pessoas?

Sugestão 2

Um dos jogadores representa alguém esperando a mãe chegar à porta da escola. Enquanto isso, ele observa as pessoas que passam na rua:

Outros jogadores entram em cena caracterizando os personagens.

Um homem fumando;

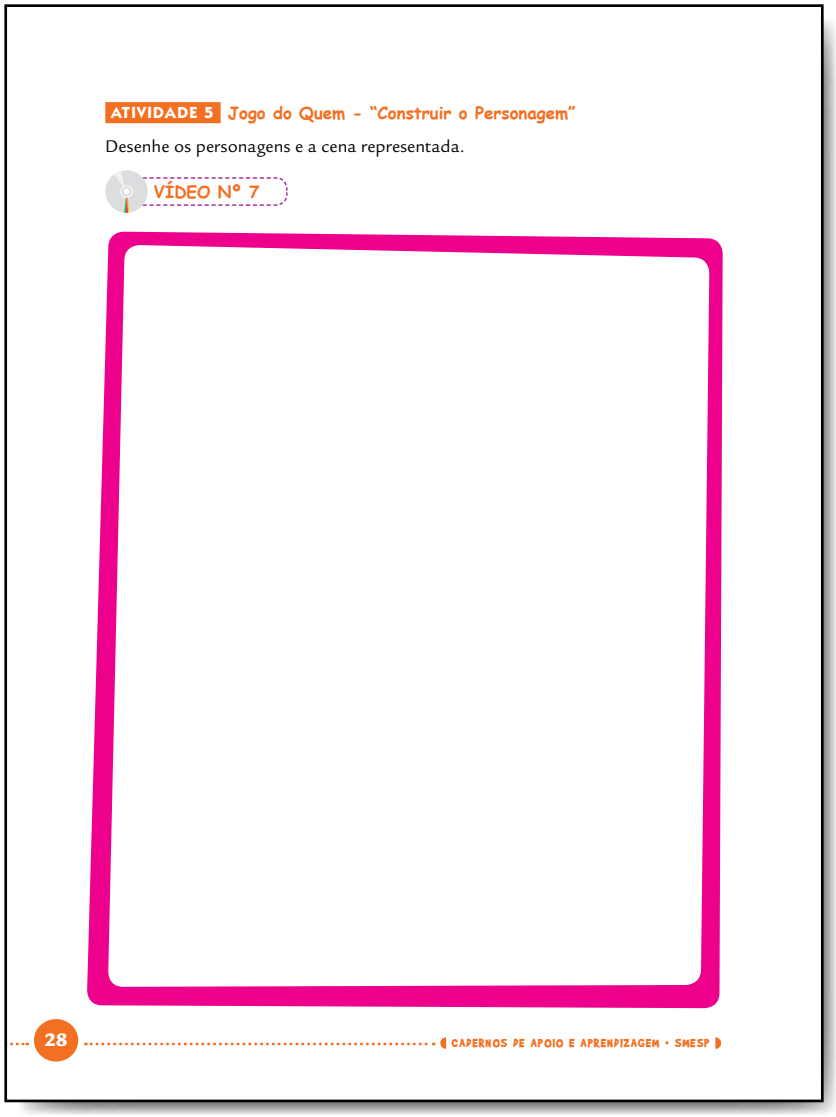
Um cego sendo conduzido por um guia;

Uma mulher com um cachorro;

Um malandro;

Um casal de namorados;

Um executivo atrasado...



ATIVIDADE 5 Jogo do Quem - "Construir o Personagem"

Desenhe os personagens e a cena representada.

VÍDEO Nº 7

28 CADERNOS DE APOIO E APRENDIZAGEM • SMESP

Proposta de avaliação:

Os jogadores conseguiram evidenciar as características dos personagens?

ATIVIDADE 6
Jogo do Improviso

Encaminhamento

Separe os alunos em dois grupos. Descreva uma situação problema com o foco nos três pontos de observação: O quê, quem e o onde.

Estabeleça um tempo para os alunos se organizarem no que se refere aos personagens e ao desenvolvimento da trama. Esse tempo de organização é necessário nas primeiras vezes em que o grupo vai se acostumando com a atividade, mas pode ser facultativo, pois na verdade a história se desenvolve no improviso, no discurso espontâneo entre o grupo.

Reúna novamente os dois grupos. Decida quem irá apresentar primeiro. Enquanto um grupo apresenta, o outro assume o papel de plateia.

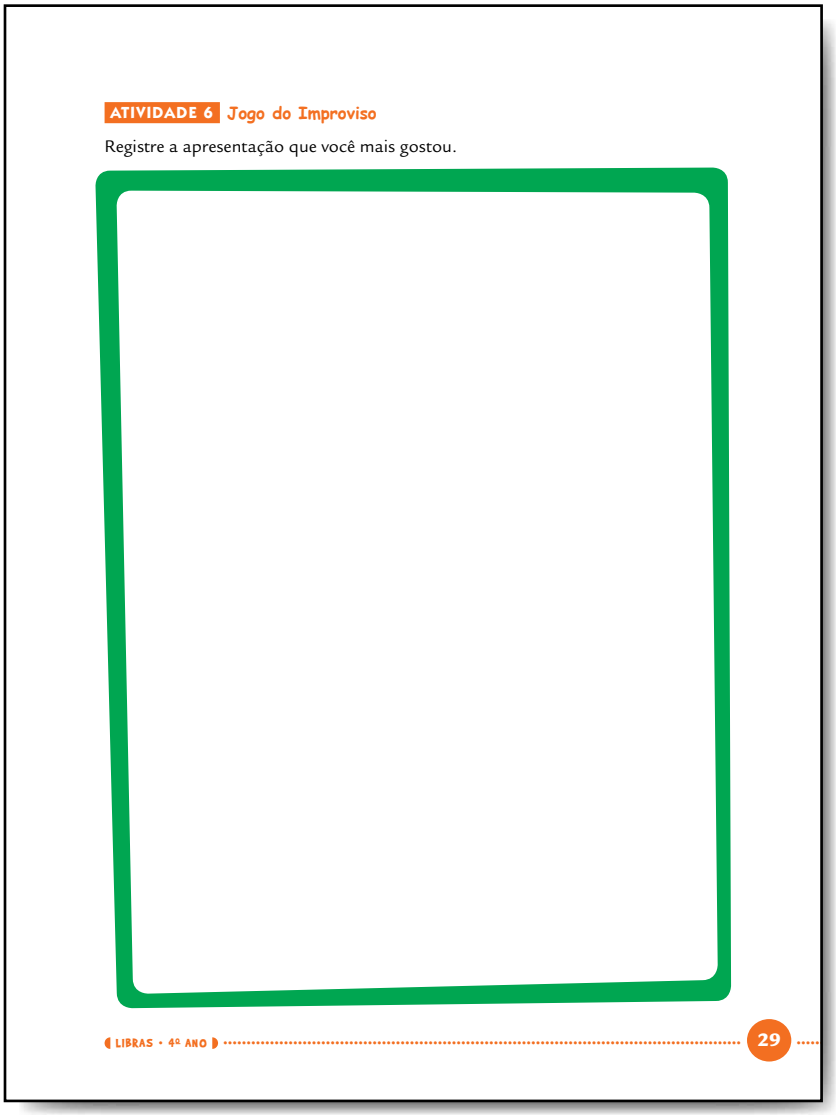
Combine com o grupo um tempo para apresentação da história. Todos os grupos devem apresentar a improvisação no mesmo dia e a avaliação deve ocorrer logo após a apresentação dos mesmos.

O objetivo da avaliação é: focar se o grupo construiu a trama obedecendo aos pontos propostos.

Focar se a história teve começo, meio e fim.

Perceber se o grupo que improvisou mostrou o conflito e envolveu os alunos.

Discutir se as histórias foram claras e coerentes e se foram compreendidas pela plateia.


ATIVIDADE 6 Jogo do Improviso

Registre a apresentação que você mais gostou.

LIBRAS • 4º ANO 29

Temas sugeridos:

Tema 1
O quê: primeiro dia de aula.
Quem: um aluno surdo.
Onde: na escola regular com ouvintes.

Tema 2
O quê: alunos percebem que o professor não sabe Libras.
Quem: surdos.
Onde: escola.

Tema 3
O quê: trapaça num jogo.
Quem: alunos.
Onde: na escola.

Tema 4
O quê: visita ao médico.
Quem: surdo adulto.
Onde: hospital.

HISTÓRIAS

UNIDADE

4

CONTO TRADICIONAL

Objetivos

- Conhecer contos originários de outros países.
- Entender e recontar lendas, mantendo a sequência dos fatos.
- Utilizar corretamente os parâmetros e a gramática da Libras.
- Ampliar vocabulário e o repertório linguístico.
- Desenvolver a habilidade de utilizar os espaços e movimentos corporais para indicar pronomes e os personagens em ação durante a contação de histórias (dêixis e anáfora).

ATIVIDADE 1
Conto Tradicional
Vovó Aranha

Encaminhamento

Apresente o vídeo com o conto Vovó Aranha, em Libras, e explicação sobre metáforas.
Favoreça o momento do reconto e verifique as expressões, as colocações dos personagens na cena e a ordem dos acontecimentos. Compare a forma de contação da cada aluno.
Compare com a turma as características naturais dos animais presentes na história e o enredo da lenda. Discuta quais as habilidades necessárias para a Vovó Aranha realizar a tarefa com êxito.
Verifique se a turma é capaz de diferenciar fatos verídicos de ficção, associando ao conteúdo da história apresentada. Faça um levantamento sobre as hipóteses dos alunos sobre esta lenda do dia e da noite.
Compare os registros do grupo (livro do aluno) e proponha uma pesquisa validando ou não as hipóteses levantadas por eles. Socialize as informações. Utilize as pesquisas de seus alunos como temática para o seminário e murais para divulgar os trabalhos do grupo.
Neste conto e em outras atividades do livro aparecerão metáforas. Introduza essas questões com o seu grupo.

ATIVIDADE 1 Conto Tradicional - Vovó Aranha

Assista ao vídeo com o conto "A Vovó Aranha" de Naomi Adler e Amanda Hall.

ADLER, N.; HALL, A. **Contos de animais do mundo todo**.
2ª Ed. São Paulo. WMF Martins Fontes:2011.

VÍDEO Nº 8

1) Pesquise fotos dos animais do conto da Vovó Aranha para verificar se as características apresentadas na história são reais. Cole as fotos e registre abaixo as características observadas.

32 CADERNOS DE APOIO E APRENDIZAGEM • SMESP

Anexo

A íntegra do texto no Anexo do Profesor

2) Registre como acontece o dia e a noite no conto da Vovó Aranha e como você explica este fenômeno.

3) Observe a metáfora e registre com qual parte da história ela combina.

VÍDEO Nº 9

ATIVIDADE 2
Vovó Aranha – "Qual é o sinal?"

Objetivos

- Explorar os parâmetros da formação de sinais.
- Perceber as diferentes partes que compõem um sinal (configuração de mão, ponto de articulação, movimento, orientação da palma das mãos e expressão facial).
- Refletir sobre as estruturas da Libras.

Encaminhamento

Após a apresentação do conto da Vovó Aranha, introduza a tabela aos alunos para que tentem descobrir os sinais representados pelos parâmetros mostrados. Eles devem recortar o desenho dos sinais no anexo 2 e colá-los na última coluna, na linha adequada.

ATIVIDADE 2 Vovó Aranha – "Qual é o sinal?"

Recorte o desenho dos sinais no Anexo 2 e cole na última coluna, na linha adequada.

34 CADERNOS DE APOIO E APRENDIZAGEM • SMESP

ATIVIDADE 3
Conto Tradicional
João e o Pé de Feijão

Objetivos

- Conhecer contos tradicionais.
- Desenvolver a habilidade de contar e recontar histórias.
- Utilizar os corretamente os parâmetros e a gramática da Libras.
- Ampliar vocabulário e o repertório linguístico.
- Desenvolver a habilidade de utilizar os espaços e movimentos corporais para indicar pronomes e as personagens em ação durante a contação de histórias (dêixis e anáfora).

Encaminhamento

Selecione algumas versões do conto João e o Pé de Feijão que sejam interessantes pelo conteúdo e também pela apresentação gráfica. As diferentes versões servirão de base para discussão sobre possibilidades de contar uma história e as ilustrações, como guia para o reconto. Deixe que os livros circulem pela classe e que a turma os explorem. Depois, reúna as informações levantadas sobre a história e peça que os alunos antecipem o que eles acham que vai acontecer na história. Apresente o vídeo com a história João e o Pé de Feijão.

Peça que os alunos façam uma lista dos acontecimentos da história, elencando os fatos que ocorreram na ordem cronológica.

Registre a lista em vídeo e utilize marcadores para indicar a sequência. Utilize essa lista como referência para o reconto, revendo a lista para analisar se faltou algum acontecimento.

Convide a turma a socializar a história com os colegas da escola, fazendo um reconto. Nessa fase de desenvolvimento de Libras é importante a troca com os alunos menores, pois favorece a análise e organização da sua própria proficiência, além de oferecer um contato dirigido pelo professor com a Libras a um nível mais avançado linguisticamente. Cabe ao professor orientar a reflexão da língua de sinais, fazendo intervenções no reconto sobre o uso correto da Libras e destacando seus elementos gramaticais. O professor deve propor também situações em que apenas um aluno reconta a história, inclusive o diálogo entre personagens, sozinho (chame a atenção ao jogo de corpo para diferenciar os personagens).

Converse com a turma sobre as impressões que ela teve sobre a história, o que gostou e o que não agradou. É impor-

ATIVIDADE 3 Conto Tradicional - João e o Pé de Feijão

Assista ao vídeo com a história "João e o Pé de Feijão" de Irmãos Grimm e adaptação de Richard Walker.

WALKER, R.; SHARKEY, N.; **João e o pé de feijão**.
1ª Ed. São Paulo. Girafinha:2006

VÍDEO Nº 10

1) Você gostou da história?

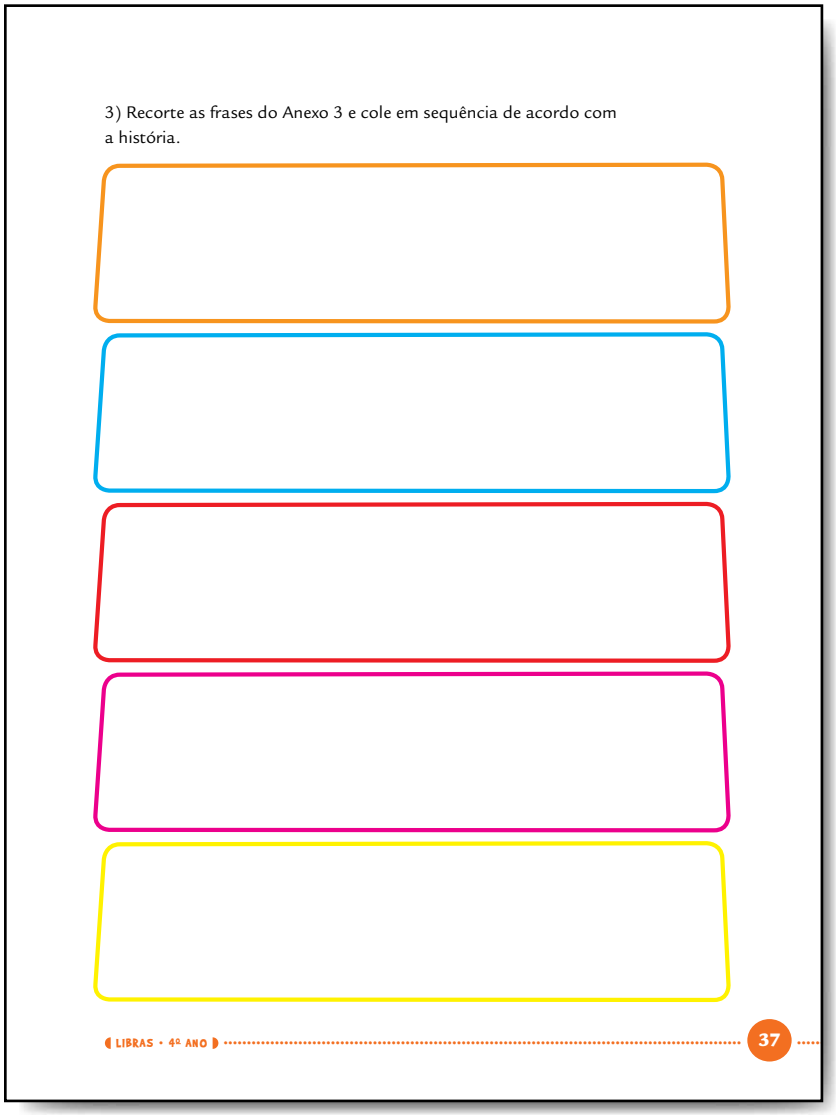
2) Registre a lista de acontecimentos que você construiu com o seu grupo. Aproveite sua produção como recurso para contar à família a história que você aprendeu.

36 CADERNOS DE APOIO E APRENDIZAGEM • SMESP

tante também discutir questões comportamentais e sobre o caráter dos personagens: Quem teve boas e más atitudes? Com qual personagem você se identificou? O que você faria se estivesse no lugar do personagem?
A partir da história João e o pé de feijão, retome a questão do roubo e dos sentimentos das pessoas envolvidas (o que pensou e sentiu, quem roubou a galinha da mãe do João, antes, durante e depois do roubo; o que sentia a mãe por ter a galinha, e o que sentiu quando percebeu que ela foi roubada).
Depois, discuta o roubo de modo geral. Por que as pessoas roubam? Por que não se deve roubar nada?
Discuta com o grupo situações hipotéticas: O que aconteceria se João não tivesse trocado a vaca pelos feijões mágicos?

Anexo

A íntegra do texto no Anexo do Profesor

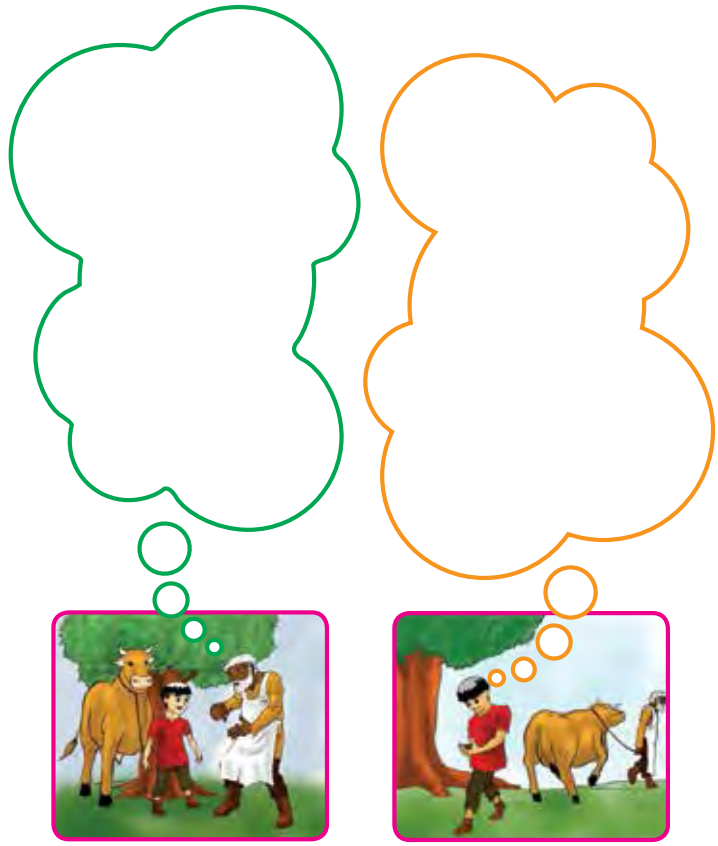


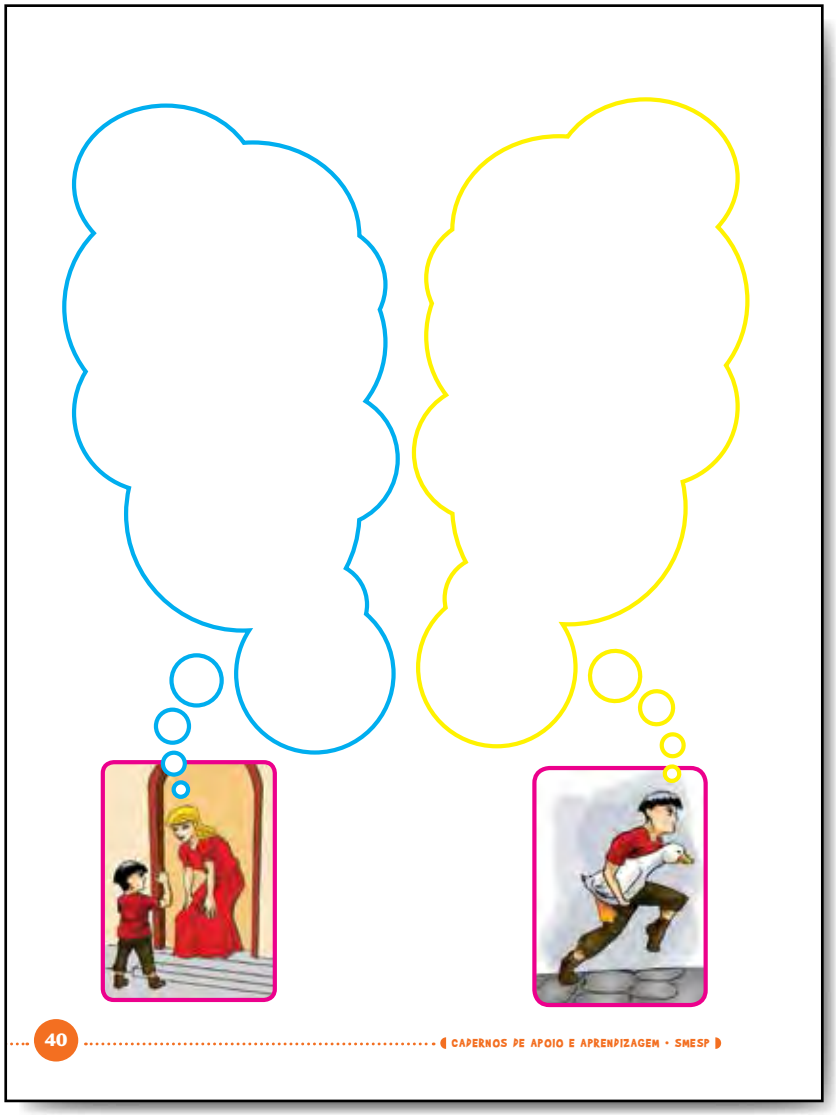
3) Recorte as frases do Anexo 3 e cole em sequência de acordo com a história.

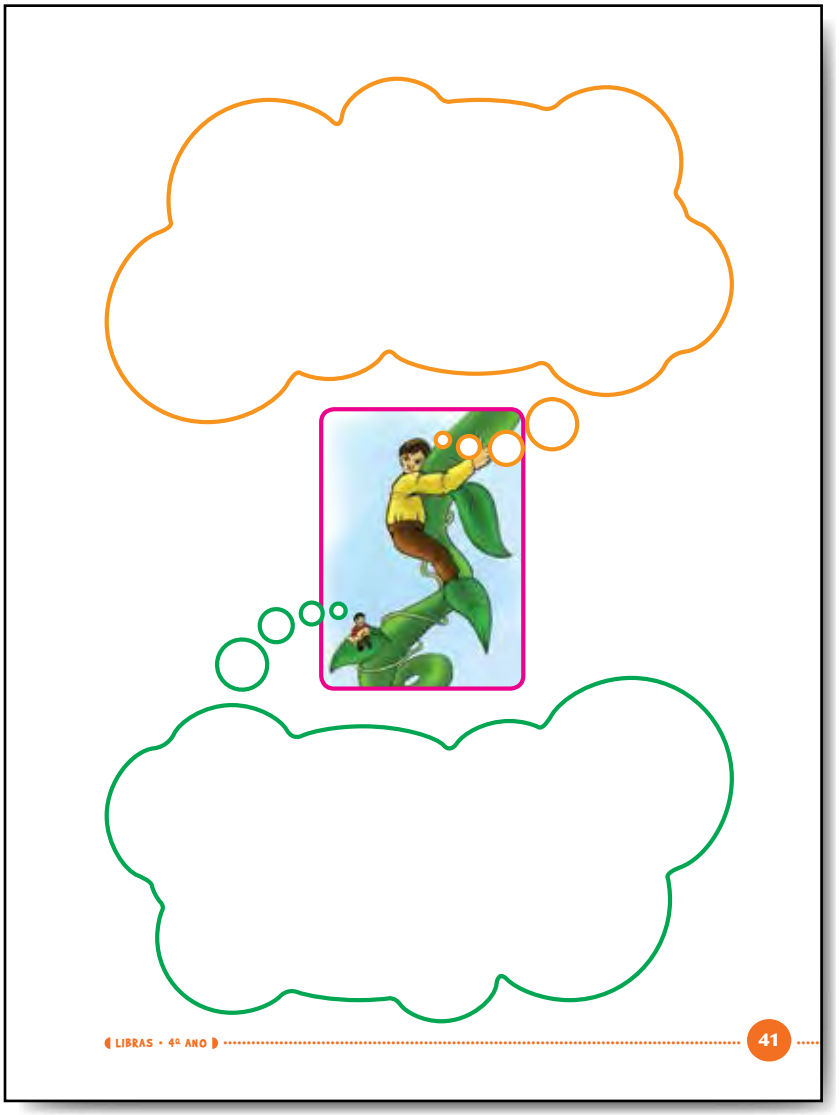
LIBRAS • 4º ANO 37

4) Ligue os personagens às características demonstradas na história e converse com seus colegas sobre as suas indicações.

5) Represente com desenhos ou colagens suas hipóteses sobre quais eram as intenções dos personagens quando:







6) Relacione abaixo as configurações de mão que combinam com elementos que formam o enredo da história.

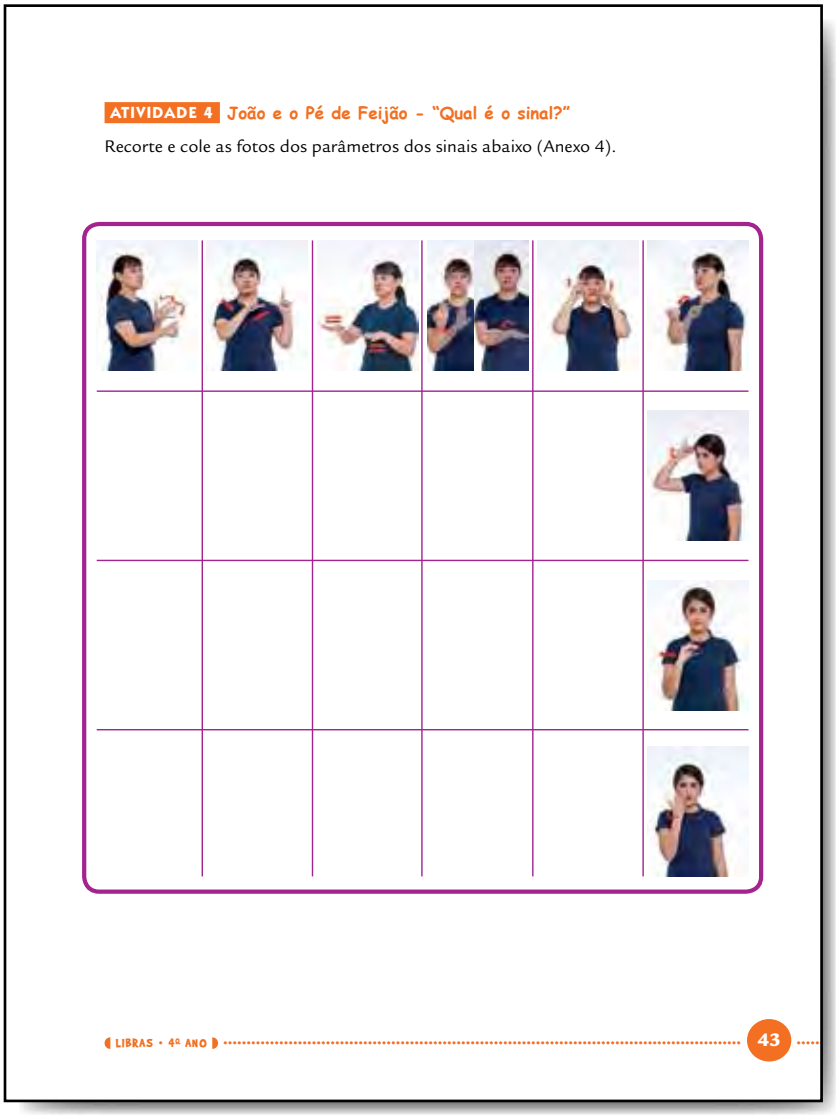
ATIVIDADE 4
João e o pé de feijão "Qual é o sinal?"

Objetivos

- Explorar os parâmetros da formação de sinais.
- Perceber as diferentes partes que compõem um sinal (configuração de mão, ponto de articulação, movimento, orientação da palma da mão e expressão facial).
- Refletir sobre a Libras.

Encaminhamento

Após a apresentação da história João e o pé de feijão, apresente a tabela aos alunos para que tentem descobrir os parâmetros que faltam dos sinais representados. Eles devem recortar as figuras no anexo 4 e colá-las no lugar adequado na tabela.



ATIVIDADE 4 João e o Pé de Feijão - "Qual é o sinal?"

Recorte e cole as fotos dos parâmetros dos sinais abaixo (Anexo 4).

LIBRAS • 4º ANO 43

ATIVIDADE 5
João e o pé de feijão - Comparações

Objetivos
- Perceber as configurações de mão nos sinais.
- Usar adequadamente os graus comparativos de adjetivos: superioridade, igualdade e inferioridade.

Encaminhamento
Apresente o vídeo aos alunos e converse sobre o modo apresentado de expressar superioridade ou inferioridade. Peça para os alunos observarem no livro a representação do sinal e pontuarem as duas configurações de mão que a compõem. Em seguida, discuta o que cada uma representa (elas representam, respectivamente, primeiro e segundo).
Em seguida, retomando a história João e o pé de feijão, peça aos alunos que se lembrem dos personagens nas diferentes situações para expressarem comparação usando o sinal apresentado. Por exemplo: o gigante é mais alto do que João; o gigante é mais forte do que João; João é mais rápido do que o gigante – entre outros exemplos levantados pelo grupo.

Dicas
Solicite aos alunos que exercitem a sinalização de "mais do que" nas diferentes variações. Exemplo: eu tenho mais do que ele (que está à minha direita ou à minha esquerda), ou ele (que está à minha direita ou que está à minha esquerda) tem mais do que eu. Dependendo da situação, a orientação vai variar.

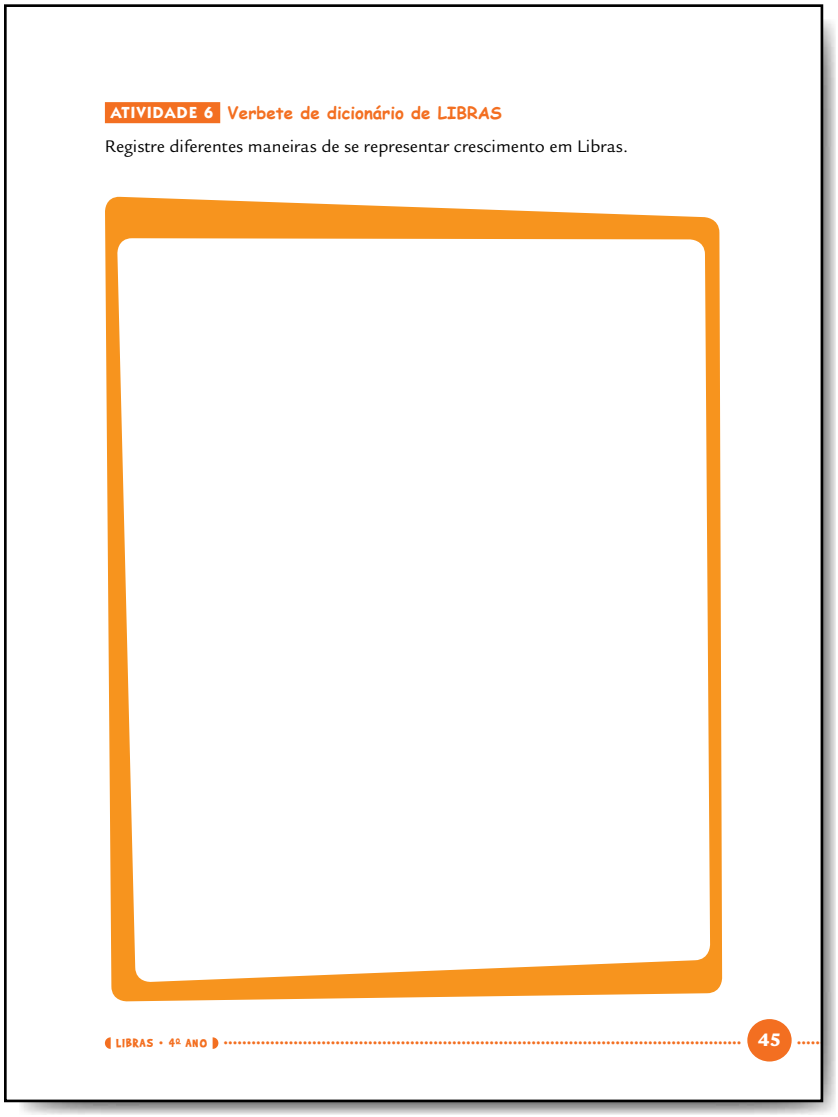
ATIVIDADE 5 João e o Pé de Feijão - Comparações

VÍDEO Nº 11

ATIVIDADE 6
Verbete de dicionário de Libras

Objetivos
- Usar dicionários de Libras.
- Conhecer novas possibilidades de expressão pela Libras.
- Refletir sobre a relação sujeito/ação em Libras.

Encaminhamento
Escreva a palavra "crescer" na lousa e conte para os alunos que esse será o tema da aula. Não faça o sinal da palavra, mas oriente os alunos a procurarem no dicionário o que ela significa. Quando eles descobrirem, pergunte aos alunos como o pé de feijão da história João e o pé de feijão cresce.
Em seguida, incentive os alunos a pensar como outros seres vivos ou objetos crescem. Como crianças crescem? Como peixes crescem? Como cães crescem? Como massa de pão cresce?
Depois da atividade, solicite aos alunos que registrem os diferentes exemplos sobre os quais refletiram. O "crescimento" pode ser representado por flechas.


ATIVIDADE 6 Verbete de dicionário de LIBRAS

Registre diferentes maneiras de se representar crescimento em Libras.

LIBRAS • 4º ANO 45

NOVELA

Objetivos

- Reconhecer a estrutura de uma novela e suas características literárias.
- Desenvolver a habilidade de contar e recontar histórias.
- Utilizar os corretamente os parâmetros e a gramática da Libras.
- Ampliar vocabulário e o repertório linguístico.
- Desenvolver a habilidade de utilizar os espaços e movimentos corporais para indicar pronomes e os personagens em ação durante a contação de histórias (dêixis e anáfora).

ATIVIDADE 7
Novela – Pinóquio

Encaminhamento

Para desenvolver o trabalho com a história utilize uma versão que se aproxime ao máximo da versão original*. Por se tratar de uma novela, pode-se apresentar a história utilizando a divisão em capítulos.

No momento de propor a história para a turma, explique a apresentação em capítulos e incite a curiosidade do grupo propondo muitas aventuras do personagem principal. Situe o texto no tempo e no espaço fornecendo informações sobre o autor. A cada dia, leia para a turma um capítulo da história. Antes de cada leitura diária, retome o capítulo anterior questionando a turma sobre o que foi lido. Veja introdução ao quarto ano sobre as distinções entre ler e contar.

Apresente o vídeo Arara Azul – Pinóquio, à medida em que os capítulos são lidos, e compare as duas versões.

Ao final do livro, converse com a turma sobre o que ela mais gostou, a ordem cronológica dos acontecimentos e o que pensa sobre o final da história.

Converse com a turma sobre a relação de causa e efeito, chamando a atenção para as atitudes que Pinóquio tomou e como elas terminaram.

ATIVIDADE 7 Novela – Pinóquio

Assista ao vídeo com a novela "Pinóquio" da Coleção Clássicos da Literatura em CD-Rom em LIBRAS. Editora Arara Azul.

1) Você gostou da história?

2) Registre uma situação em que você poderia ter mentido, mas não o fez.

46 CADERNOS DE APOIO E APRENDIZAGEM • SMESP

* Publicada originalmente em formato de folhetim no periódico *Il Giornale dei bambini*, de 1881 a 1883, sob o título *A história de uma marionete*, a novela de Carlo Collodi – pseudônimo literário de Carlo Lorenzi (1826-1890) – é um dos textos literários que mais sucesso fez e ainda faz entre adultos e crianças. Mas trata-se de muito mais que uma história comovente: nela, Collodi conseguiu resumir muito do caráter italiano e comentar várias questões sociais, como a pobreza, a fome, a importância da educação e o mau funcionamento das instituições públicas (retirado de: www.lpm-editores.com.br/site/default.asp?Template=../livros/layout_produto.asp&Categ oriaID=648474&ID=605373).

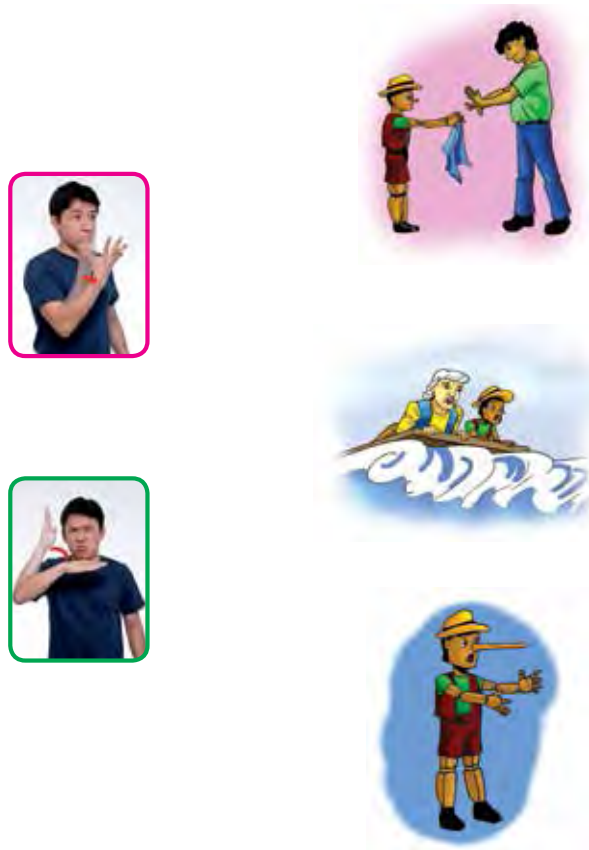
Dica

- Aproveite a oportunidade para trabalhar o autor e o país de origem da história: Itália. Explore as características físicas do povo italiano, a localização, os costumes e a alimentação, entre outras.

Vídeo

Caso a escola não tenha o dvd em sua biblioteca, procurar o vídeo na internet.

3) Pense se as atitudes foram boas ou más e ligue-as ao sinal adequado.



FÁBULA

Objetivos

- Conhecer o gênero fábula.
- Compreender fábulas em Libras, estabelecendo conexões com os conhecimentos prévios, vivências, crenças e valores.
- Entender fábulas contadas, estabelecendo conexões com os conhecimentos prévios, vivências, crenças e valores.

ATIVIDADE 8
Fábula - A Raposa e a Cegonha

Encaminhamento

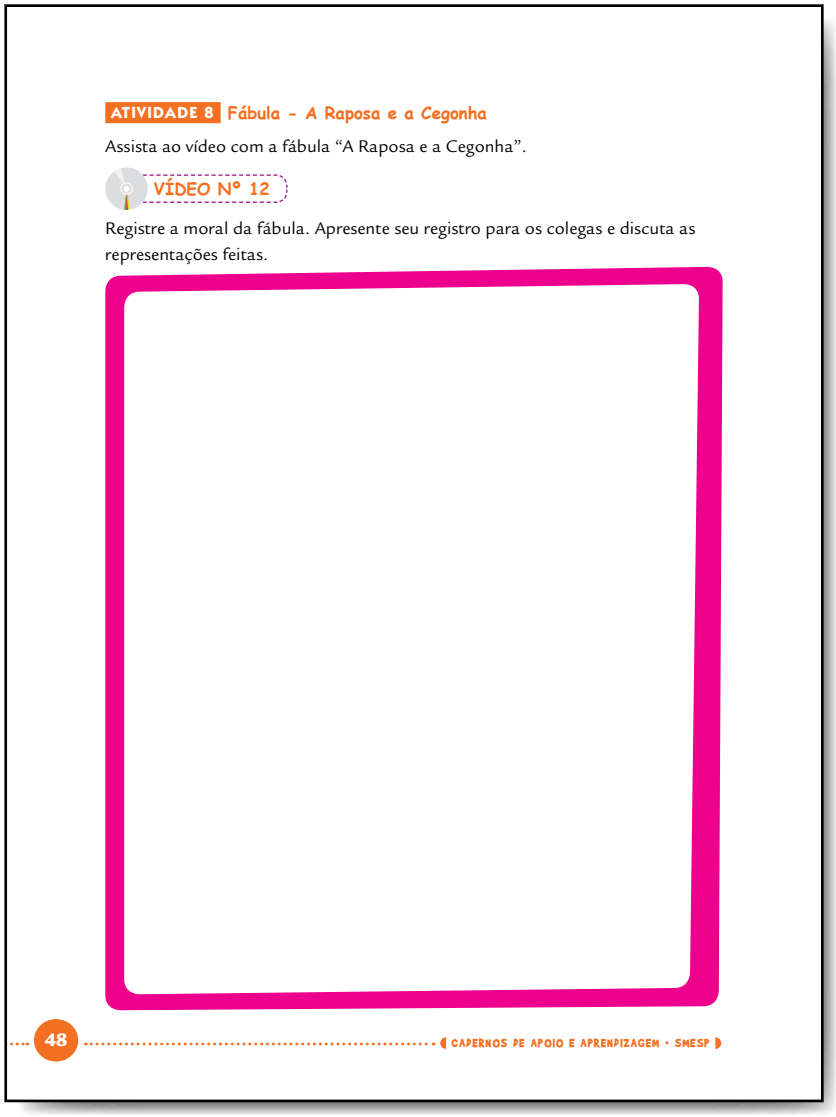
Assista ao vídeo com os alunos e discuta a compreensão do grupo.

Informe aos alunos que se trata de um tipo de texto narrativo em que os personagens são, na maioria das vezes, animais que pensam, sentem e agem como se fossem humanos. As fábulas sempre trazem uma lição de moral.

Converse com os alunos sobre os sentimentos que temos em nossas relações sociais: amor, carinho, saudade, raiva, alegria, tristeza, felicidade, coragem, ciúmes, ódio, curiosidade, medo, inveja.

Peça aos alunos para elucidar que sentimentos a Cegonha poderia ter tido no momento em que ela percebeu a verdadeira intenção da Raposa: (raiva, ódio, tristeza, humilhação...).

Pergunte aos alunos como a Cegonha solucionou o problema, que estratégia ela usou? Como deve ter se sentido a Raposa, no jantar da Cegonha? Porque a Raposa teria feito esse jantar para a Cegonha? Como elas poderiam ter solucionado essa questão? Quem já passou alguma situação parecida?


ATIVIDADE 8 Fábula - A Raposa e a Cegonha

Assista ao vídeo com a fábula "A Raposa e a Cegonha".

VÍDEO Nº 12

Registre a moral da fábula. Apresente seu registro para os colegas e discuta as representações feitas.

48 CADERNOS DE APOIO E APRENDIZAGEM • SMESP

Anexo

A íntegra do texto no Anexo do Profesor

CRIAÇÕES ORIGINAIS EM LIBRAS

UNIDADE

5

ACRÓSTICO

Objetivos

- Usar a língua de sinais de forma poética.
- Compreender a metáfora expressa na língua de sinais.

ATIVIDADE 1
Acróstico

Encaminhamento

Assista ao vídeo com exemplos de acrósticos.
Discuta com o grupo as metáforas utilizadas nos acrósticos apresentados.
Peça para os alunos, em trios, criarem um acróstico para os nomes deles.
Em grupo, os alunos cooperam ajudando aqueles que apresentam dificuldade na formação do acróstico.
Filme os acrósticos produzidos e reapresente aos alunos para que o grupo contribua com novas sugestões.
Enfatize a importância do trabalho em grupo.

ATIVIDADE 1 Acrósticos

Assista ao vídeo com os Acrósticos de Priscilla Gaspar e Eduardo Sabanovaite.

VÍDEO Nº 13

ATIVIDADE 2 Poesia - Árvore de Natal

Assista ao vídeo com a Poesia "Árvore de Natal", de Fernanda Machado.

VÍDEO Nº 14

ATIVIDADE 3 Poesia - Paz no Mundo

Assista ao vídeo com a Poesia "Paz no Mundo", de Samara Lima da Silva.

VÍDEO Nº 15

50 CADERNOS DE APOIO E APRENDIZAGEM • SMESP

POESIA

Objetivos

- Conhecer a poesia como forma de manifestação artística da língua de sinais.
- Compreender a temática trazida pelo texto poético.
- Apreciar poesia.
- Observar o uso das configurações de mão, da localização, do movimento, da orientação das palmas das mãos e das expressões faciais na realização dos sinais.
- Descrever objetos, pessoas e espaço físico, exercitando novas formas de expressão de sua língua e subjetividade.

Encaminhamento

Apresente o vídeo da poesia, de modo que todos possam ver a projeção com qualidade e discutir em grupo. Apresente a poesia para o grupo quantas vezes houver solicitação dos alunos para que possam apreciar o texto. Discuta as características do texto poético distintas da narrativa, do texto instrucional, etc, levantando comparações entre os tipos de texto.
Incentive os alunos a recitar a poesia, a fim de memorizá-la.

Dica

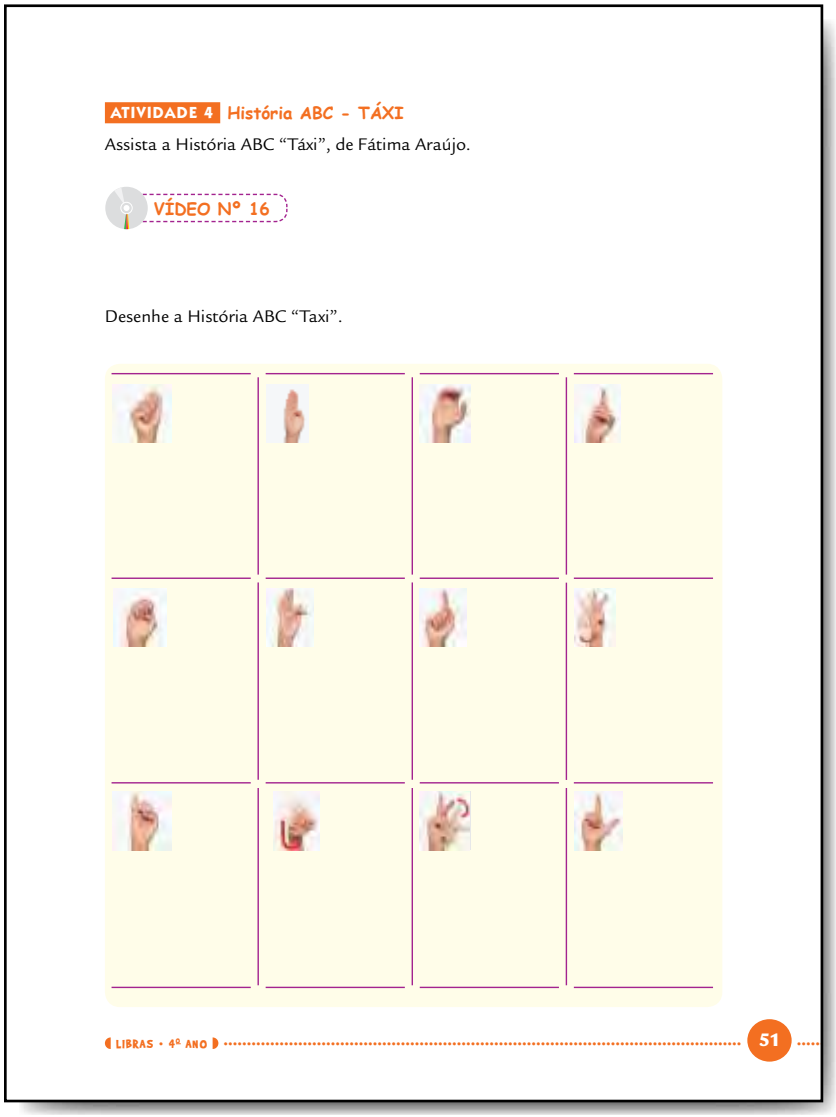
- Sobre a subjetividade que envolve o trabalho com poesias, o importante a ser enfatizado no grupo é que não existe certo e errado. Precisamos respeitar as diferentes formas de expressão de cada um.

ATIVIDADE 2
Poesia - Árvore de Natal

Encaminhamento
Converse com os alunos sobre a temática apresentada, espera-se que os alunos comentem que se trata de alguém enfeitando a árvore para o natal ao mesmo tempo em que relaciona cada enfeite com os acontecimentos desta data. Se isso não ocorrer o professor pode formular perguntas a esse respeito.

ATIVIDADE 3
Poesia - Paz no Mundo

Encaminhamento
Converse com os alunos sobre a temática apresentada. Espera-se que os alunos comentem que se trata de um texto sobre a violência, brigas, o trânsito, e o modo de reação das pessoas a essas realidades vividas em oposição ao desejo de sentir paz e ser feliz. Se isso não ocorrer, o professor pode formular perguntas a esse respeito.


ATIVIDADE 4 História ABC - TÁXI

Assista a História ABC "Táxi", de Fátima Araújo.

VÍDEO Nº 16

Desenhe a História ABC "Taxi".

LIBRAS • 4º ANO 51

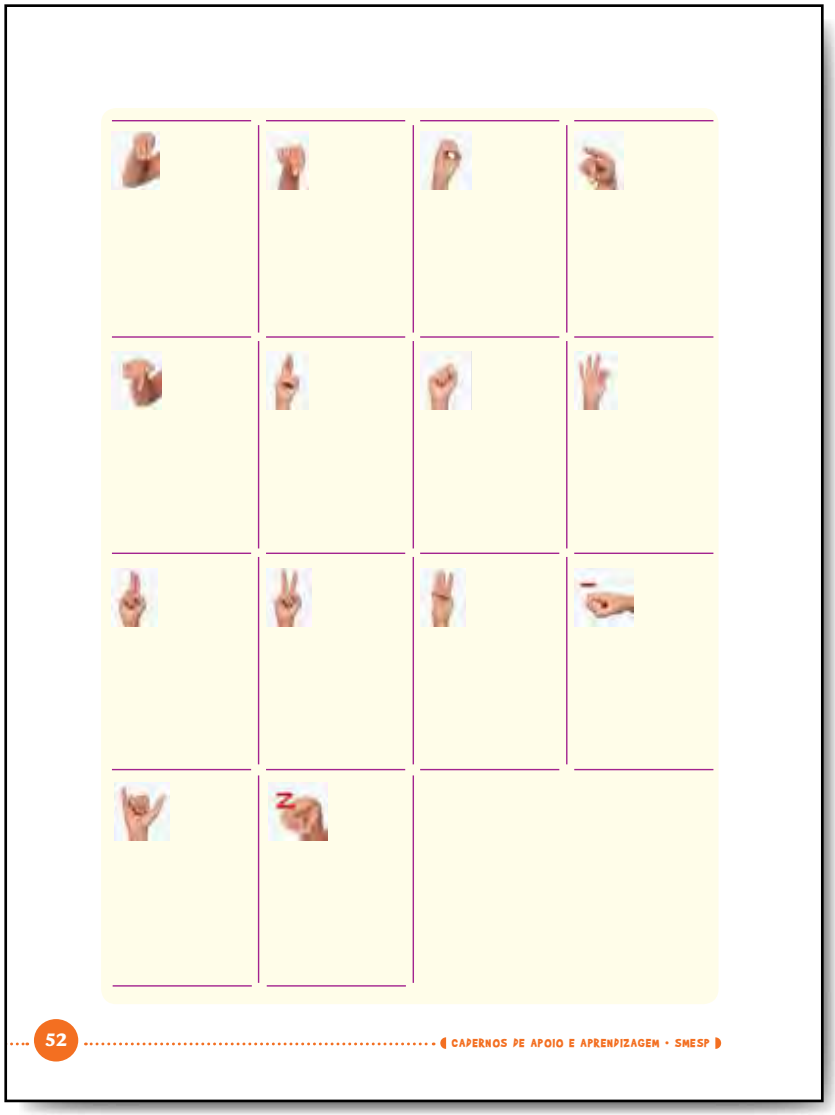
HISTÓRIA ABC

Objetivos
- Conhecer a história ABC como forma de manifestação artística da língua de sinais.
- Compreender a temática trazida pelo texto.
- Apreciar poesia.
- Descrever objetos, pessoas e espaço físico, exercitando novas formas de expressão de sua língua e subjetividade.
- Observar o uso das configurações de mão, da localização, do movimento, da orientação das palmas das mãos e expressões faciais. realização dos sinais.

ATIVIDADE 4
História ABC - Taxi

Encaminhamento
Apresente a história para o grupo quantas vezes houver solicitação dos alunos, para que possam apreciar o texto. Converse com os alunos sobre a temática apresentada. Espera-se que os alunos comentem que se trata de uma história na sequência do alfabeto sobre uma garota vaidosa que aproveita o tempo no táxi para se maquiar. Se isso não ocorrer, o professor pode formular perguntas a esse respeito s fim de ajudar os alunos a estabelecer relações com essa temática. Explore as apresentações do alfabeto presentes na escola: mural, cartazes...
Discuta a forma de produção do texto, sua característica de

narrativa, obedecendo à ordem alfabética, levante comparações entre os tipos de texto.
Incentive os alunos a recitar a poesia, a fim de memorizá-la.
Às vezes, os sinais não são fiéis aos que se usam no dia a dia, mas isso ocorre porque o autor usa a língua com licença poética para produzir o texto de forma a respeitar a regra imposta pela ordem alfabética. Por isso é importante observar que essas histórias não devem ser julgadas sob o aspecto do certo e do errado, mas sim apreciadas como produto da inteligência e fluência dos surdos em construir alegorias artísticas com sua própria língua.
Proponha discussões em que os alunos percebam se há diferença entre a forma poética que o autor usou para realizar o sinal na história e os sinais usados cotidianamente.



OUTROS TEXTOS

UNIDADE

6

ARTIGO DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA

Objetivos

- Conhecer textos com informação científica.
- Entender textos de divulgação científica.
- Reconhecer e entender diferentes sinais temporais.
- Diferenciar trechos no passado, no futuro e no presente.

ATIVIDADE 1
Artigo de divulgação científica - O futuro do Sol

Encaminhamento

Assista ao vídeo com os alunos e discuta sobre o conteúdo apresentado. Verifique se entenderam e se conseguem explicar o que aprenderam.

Pergunte aos alunos qual é o exemplo dado no texto. Se necessário, passe novamente o vídeo. Espera-se que os alunos delimitem o exemplo do extraterrestre que visita a Terra por apenas um dia e que ele não poderia ver as pessoas crescendo, mas poderia observar que existem bebês, crianças, adolescentes, adultos e velhos. Desse modo, ele poderia entender como é a vida dos seres humanos. Em seguida, discuta com os alunos se esse exemplo representa um fato verídico ou não.

Passe o vídeo outra vez para os alunos pontuarem, à medida que o assistem, os trechos que tratam do passado, do futuro e do presente.

ATIVIDADE 1 Artigo de divulgação científica "O futuro do Sol"

Assista ao vídeo com a interpretação do texto "O Futuro do Sol" de Walter Junqueira Maciel.

VÍDEO Nº 17

ATIVIDADE 2 Comparação - "O futuro do Sol" X "Vovó Aranha"

Registre a explicação da luz no planeta Terra, segundo os dois vídeos.

O futuro do Sol

Vovó Aranha

Banco de Imagens Shutterstock

54 CADERNOS DE APOIO E APRENDIZAGEM • SMESP

Anexo

A íntegra do texto no Anexo do Profesor

ATIVIDADE 2
Comparação - "O Futuro do Sol" X "Vovó Aranha"

Encaminhamento

Após trabalhar o vídeo O futuro do Sol, discuta a veracidade da informação passada e a diferencie do conto da Vovó Aranha. Qual é o motivo de se ter luz no planeta Terra, segundo o vídeo O futuro do Sol, e de se ter luz nas Terras do Norte, do conto Vovó Aranha?

CRÔNICA

Objetivo

- Conhecer e apreciar o gênero crônica.

ATIVIDADE 3
Crônica - A Foto

Encaminhamento

Assista ao vídeo com os alunos, discuta o texto com eles, assegurando a compreensão. Discuta com a turma o conteúdo do texto, a temática e a linguagem utilizada, levantando algumas características estruturais do texto que possam auxiliar levando à reflexão sobre este gênero discursivo.

Anexo

A íntegra do texto no Anexo do Profesor

ATIVIDADE 3 *Crônica - "A Foto"*

Assista ao vídeo com a interpretação da crônica "A Foto" de Luiz Fernando Veríssimo.

VERÍSSIMO, L.F.; **Comédias para ler na escola**.
1ª Ed. São Paulo. Objetiva:2001

VÍDEO Nº 18

Registre a crônica.

SEMINÁRIO

Objetivos

- Conhecer o gênero seminário e diferenciá-lo de outros gêneros.
- Organizar e apresentar seminários.
- Aprender a pesquisar.
- Aprender a selecionar informações.
- Desenvolver reflexão e refação de apresentação.
- Desenvolver atenção à apresentação.

ATIVIDADE 4
Seminário

Encaminhamento

Apresente o vídeo aos alunos. Converse sobre o conteúdo apresentado.

Proponha aos alunos a preparação de um seminário sobre um tema de interesse da turma. Defina para quem será apresentado o seminário (para a própria turma ou para outra?).

Com os alunos, defina o que eles desejam aprender sobre o tema escolhido. Em seguida, oriente que busquem as informações. Pode ser em enciclopédias, vídeos documentários ou na internet. Durante a pesquisa, é importante que os alunos registrem as informações que encontram.

Quando a pesquisa estiver terminada, ajude os alunos a selecionar o conteúdo que desejam apresentar – considerando o público para quem será apresentado. Também se deve decidir como será feita a apresentação e o uso de recursos que apoiem quem está apresentando: pode ser um cartaz com ilustrações, um power point, ou outros recursos gráficos e visuais. Nesse caso, deve-se discutir e refletir sobre as imagens mais adequadas para a apresentação.

Quando os alunos já tiverem decidido o que e como irão se apresentar, ofereça a possibilidade de eles treinarem. Os alunos apresentam sua parte enquanto os outros observam.

Após cada apresentação, incentive uma reflexão sobre a apresentação (se foi clara, tinha todas as informações importantes, faltaram detalhes ou foi longa demais), de modo que os alunos possam se aprimorar.

Após a apresentação oficial, faça uma avaliação da apresentação pelo grupo que se apresentou e por quem assistiu à apresentação.

ATIVIDADE 4 Seminário

VÍDEO Nº 19

Discuta com seu grupo e apresente um seminário com o tema proposto pelo professor.

56 CADERNOS DE APOIO E APRENDIZAGEM • SMESP

PERCURSO

Objetivos

- Descrever percurso e itinerário.
- Utilizar pontos de referência: em cima, embaixo, dentro, fora, perto, na frente e atrás de.
- De onde? Para onde? Quanto tempo?

ATIVIDADE 5
Percurso
Supermercado

Encaminhamento

Assista ao vídeo com o grupo e retome os conceitos de lateralidade mostrados. Discuta outras referências de localização, como: perto de, longe de, entre, em cima, embaixo, etc.

ATIVIDADE 5 Percurso - Supermercado

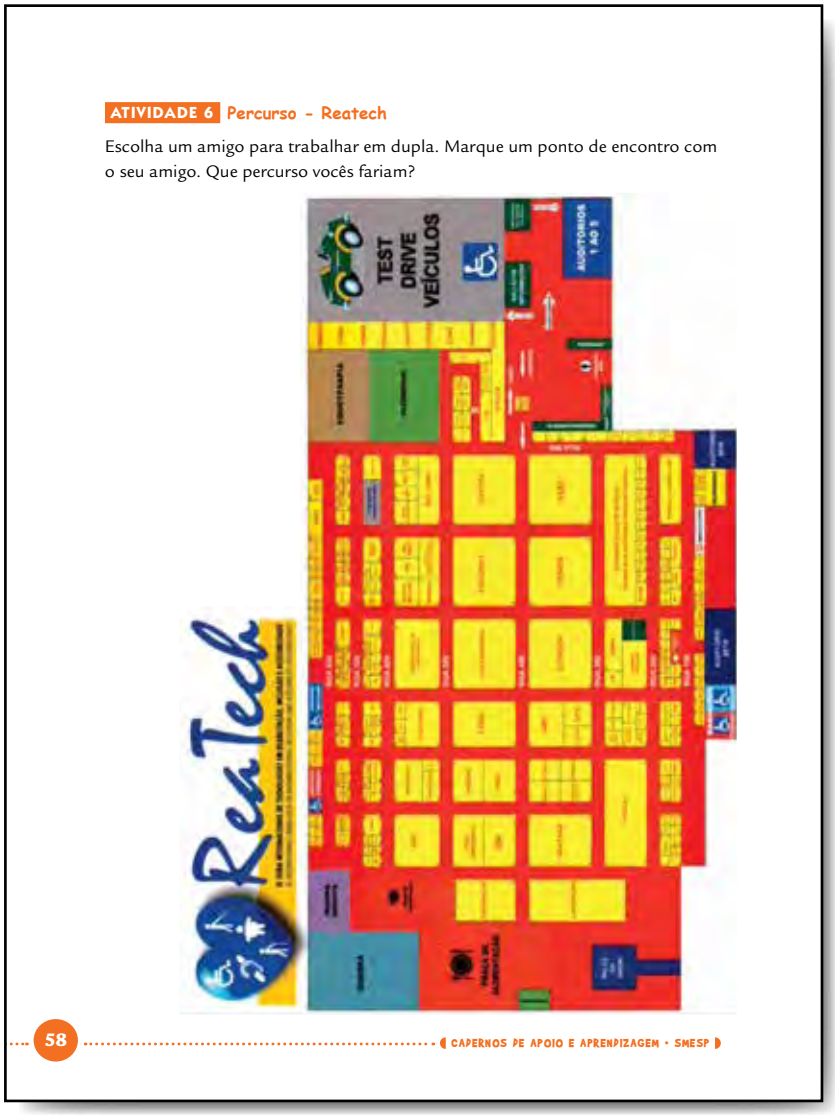
VÍDEO Nº 20

Registre o percurso percorrido pela personagem até chegar ao supermercado, apontando os pontos de referência citados pelo rapaz.

ATIVIDADE 6
Percurso - Reatech

Encaminhamento

Apresente o mapa da Reatech - Feira Internacional de Tecnologias em Reabilitação, Inclusão e Acessibilidade, e faça um exercício com o grupo trabalhando direita, esquerda, para frente, para trás, longe, entre e perto.
Proponha que discutam em duplas qual percurso fariam para chegar à Feira Reatech de metrô. Utilize o mapa do Metrô no Anexo 5. E qual o percurso que fariam para chegar a um ponto de encontro combinado entre a dupla dentro da Feira Reatech.



ATIVIDADE 6 Percurso - Reatech

Escolha um amigo para trabalhar em dupla. Marque um ponto de encontro com o seu amigo. Que percurso vocês fariam?

ASSEMBLEIA

Objetivos

- Desenvolver a argumentação.
- Desenvolver a expressão facial e corporal.
- Desenvolver clareza ao se expressar.
- Expressar sentimentos.

ATIVIDADE 7
Assembleia

Encaminhamento

Combine com os alunos a realização de assembleias periodicamente. Uma vez por semana, duas vezes ou uma vez por mês. Ofereça aos alunos a possibilidade de exporem situações que os incomodam. Essa pode ser a base para a escolha da pauta das assembleias. A assembleia é um momento para se discutir problemas, as causas e procurar solução para as causas. O mais importante não é o resultado, mas a discussão e reflexão na busca da solução. As soluções propostas devem ser discutidas para se pensar se são justas. Algumas poderão ser descartadas, as melhores mantidas e, talvez, rediscutidas em assembleias posteriores.

Oriente os alunos a falarem sobre acontecimentos e situações, mas não exporem pessoas. O fato de os alunos poderem se colocar é interessante, porém é fundamental que eles sejam acompanhados, constantemente orientados e, se julgar necessário, interrompidos. Dessa maneira, eles poderão adequar a forma de se colocarem.

ATIVIDADE 7 *Assembleia*

Discuta com seu grupo e proponha um tema para ser discutido numa assembleia.

ARGUMENTAÇÃO

Objetivos

- Desenvolver noção de presente e futuro.
- Desenvolver a habilidade de Argumentação.
- Entender e usar adequadamente o modo hipotético.

ATIVIDADE 8
Argumentação - Profissões

Encaminhamento

Assista com os alunos ao vídeo sobre as diferentes profissões. Pergunte quais eles conhecem. Discuta qual parece ser a mais difícil, a mais fácil, o que é necessário para se exercer cada uma, quais eles gostariam de exercer e a necessidade de alguma adaptação para um surdo exercer cada uma.

Após a discussão, oriente os alunos a pensarem sobre a profissão que gostariam de exercer no futuro, o motivo da escolha e quais as habilidades serão necessárias para isso. Peça que registrem a profissão escolhida no livro.

Dica

- Convide um surdo que tenha uma profissão pouco conhecida ou desconhecida dos alunos para falar sobre o seu trabalho.

ATIVIDADE 8 Argumentação - Profissões

Registre a profissão que você quer exercer no futuro.

VÍDEO Nº 21

60 CADERNOS DE APOIO E APRENDIZAGEM • SMESP

DEBATE

Objetivos

- Desenvolver a argumentação.
- Desenvolver clareza ao se expressar.
- Expor ideias.
- Respeitar os turnos de fala.

ATIVIDADE 9
Debate
Meio Ambiente

Encaminhamento

Assista aos vídeos com os alunos.

Discuta com eles sobre o tema tratado nos vídeos e levante as ideias que eles têm sobre isso. Construa junto com eles um debate em que metade da classe defenderá um lado da questão e a outra metade defenderá uma opinião oposta. Caso seja necessário, reforce as informações de ambos os grupos, propondo pesquisas na internet, em livros, jornais e outros materiais que julgar interessantes.

Fixe o tempo para exposição das ideias. Enquanto um aluno expõe o seu argumento os outros devem aguardar e depois será a vez do oponente. Isso ajuda a desenvolver o respeito pelo turno do outro e faz com que os alunos aprendam a prestar atenção aos argumentos usados pelo oponente.

Desempenhe o papel de mediador e ajude os alunos a melhorarem seus argumentos, mostrando, inclusive, se o que aluno disse não redundou em novas formas de ver o assunto.

ATIVIDADE 9 Debate - Meio Ambiente

Assista ao vídeo e organize um debate sobre o tema.

VÍDEO Nº 22

ATIVIDADE 10
Teatro x Narrativa

Objetivos
- Diferenciar a narrativa e o teatro.
- Criar diálogos referentes a fatos e histórias dramatizados.
- Discutir a clareza e coerência dos diálogos criados.

Encaminhamento
Assista aos vídeos com os alunos e discuta as características apresentadas por ambos, teatro e narrativa.
Proponha aos alunos que escolham um tema. Pode ser um fato ocorrido ou uma pequena história. Divida a classe em 3 grupos e proponha a um deles que realize um teatro com o tema.
Após a apresentação do primeiro grupo, proponha que o segundo transforme o teatro em narrativa feita por uma única pessoa de cada vez.
Ao terceiro grupo cabe a função de analisar se a narrativa contemplou os mesmos fatos apresentados no teatro.
Faça esse exercício diversas vezes, em diferentes ocasiões, para que os alunos reflitam sobre estas questões das características próprias de cada gênero textual.

ATIVIDADE 10 Teatro X Narrativa

Assista ao vídeo, escolha um tema com seu grupo e conte a história através de uma narrativa e através de uma dramatização.

VÍDEO Nº 23

CHARGES E CARTUM

Objetivos

- Entender e explicar charges e cartuns.
- Expressar ironia e humor por meio da expressão facial.

ATIVIDADE 11
Charges e Cartum

Encaminhamento

Pesquise os dois estilos propostos em jornais, revistas ou internet para mostrá-los aos alunos. Divida a classe em grupos e proponha que pesquisem charges e cartuns na internet e analisem os textos com os grupos. Comece solicitando ao grupo que elucide a temática de cada uma e a relacionem com seus conhecimentos prévios e valores. Solicite comentários a respeito da presença de humor neste gênero textual e de suas características provocativas e reflexivas.

ATIVIDADE 11 *Charges e Cartuns*

Registre a pesquisa e análise de charge e cartum.

PENSANDO SOBRE NOSSA LÍNGUA

UNIDADE

7

ATIVIDADE 1
A Libras

"Cuidar do planeta é responsabilidade de todos. Cada um deve fazer sua parte: economizar água, reciclar o lixo e evitar desperdício"

Objetivos

- Refletir sobre o uso da língua de sinais.
- Identificar semelhanças e diferenças entre as línguas de sinais e a Libras.
- Determinar quais são as pessoas usuárias das línguas de sinais.

Encaminhamento

Discuta os vídeos com os alunos, verificando se eles perceberam que a mensagem em línguas de sinais de diferentes países.
Construa com o grupo de alunos como eles definiriam o que são línguas de sinais e o que é Libras.
Apresente o sinal de Libras e seu nome em português.
Questione aos alunos o que eles sabem sobre a Libras:
O que é Libras?
Todo mundo conhece a Libras?
Onde ela é utilizada?
Por que algumas pessoas usam Libras e outras não?
Os sinais são iguais em todas as escolas de surdos? No Brasil, os sinais usados podem variar?
A Libras é universal?
Em outros países, os sinais são iguais aos nossos?

ATIVIDADE 1 LIBRAS

VÍDEO Nº 24

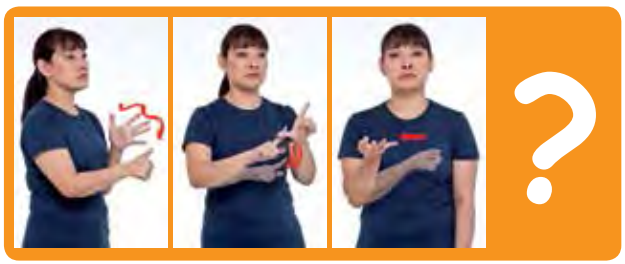
LIBRAS

Registre o que você considera essencial para definir a Língua Brasileira de Sinais.

ATIVIDADE 2 Alfabeto digital e configurações de mão

Marque no quadro das configurações de mão aquelas que correspondem a letras do alfabeto.

Responda:



ATIVIDADE 3
Brincadeira
Qual é o sinal?

Objetivos

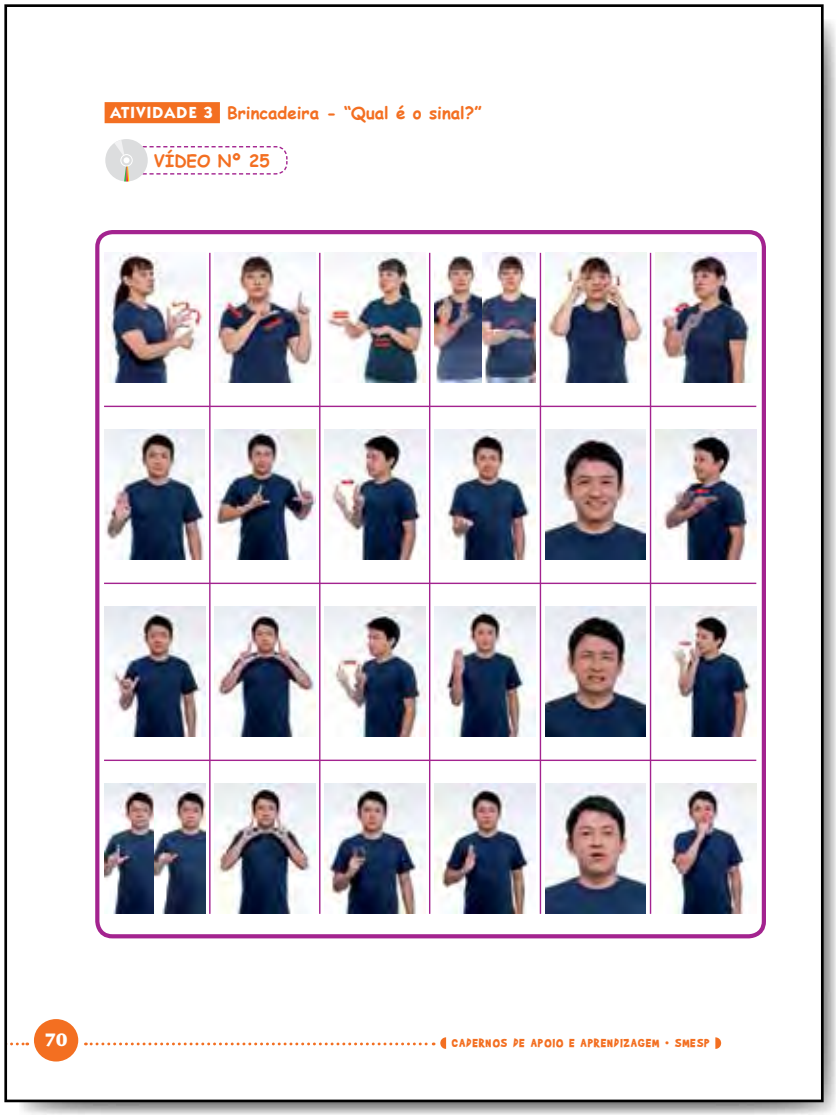
- Explorar os parâmetros da formação de sinais.
- Perceber as diferentes partes que compõem um sinal (configuração de mão, ponto de articulação, movimento, orientação da palma da mão e expressão facial).
- Refletir sobre a Libras.
- Buscar formas de registro da Libras.

Encaminhamento

Explique as regras de uma brincadeira aos alunos: cinco pessoas explicitam os cinco parâmetros de um certo sinal que eles terão que descobrir. Essas cinco pessoas ficam uma ao lado da outra, numa linha, de forma que cada parâmetro esteja visível.

A pista principal é a configuração da mão, porque os demais parâmetros são feitos apenas pelo apontamento ou movimento do dedo indicador na posição. Se o sinal não tem movimento ou expressão facial, o integrante do grupo responsável por ele não faz nada.

Assista com os alunos ao vídeo da brincadeira Qual é o sinal?. Em seguida, leia o exemplo no livro do aluno com uma forma de representar os parâmetros e os sinais dos exemplos apresentados no vídeo. Se necessário, reapresente o vídeo.



ATIVIDADE 3 Brincadeira – "Qual é o sinal?"

VÍDEO Nº 25

70 CADERNOS DE APOIO E APRENDIZAGEM • SMESP

ATIVIDADE 4
Registro da Brincadeira Qual é o sinal?

Encaminhamento

Proponha aos alunos a brincadeira Qual é o sinal?.

Retome as regras da brincadeira aos alunos, explicando como se organizarão:

Os alunos precisam formar grupos de cinco para que cada um possa representar um dos cinco parâmetros que compõem um sinal. Se for possível, forme dois grupos – que competirão – ou apenas um, que representará os sinais para que outros alunos os adivinhem.

Os cinco integrantes de um grupo escolhem um sinal. Eles devem explicitar os cinco parâmetros do sinal. Cada integrante do grupo ficará responsável em realizar um dos parâmetros sem revelar o sinal. Ficam um ao lado do outro, numa linha, de forma que os outros alunos possam ver todos os integrantes desse grupo e o parâmetro que estão mostrando.

Se descobrirem o sinal, representado marcam um ponto.

A pista principal é a configuração da mão, porque os demais parâmetros são feitos apenas pelo apontamento ou movimento do dedo indicador na posição. Se o sinal não tem movimento ou expressão facial, o integrante do grupo responsável por ele não faz nada.

Após a brincadeira, solicite aos alunos que escolham três sinais para registrar no livro do aluno.

ATIVIDADE 4 Registro da Brincadeira "Qual é o sinal?"

Realize a brincadeira "Qual é o sinal?" com seus colegas. Depois, escolha 3 sinais e registre seus parâmetros.

ATIVIDADE 5
Comparações

Objetivos

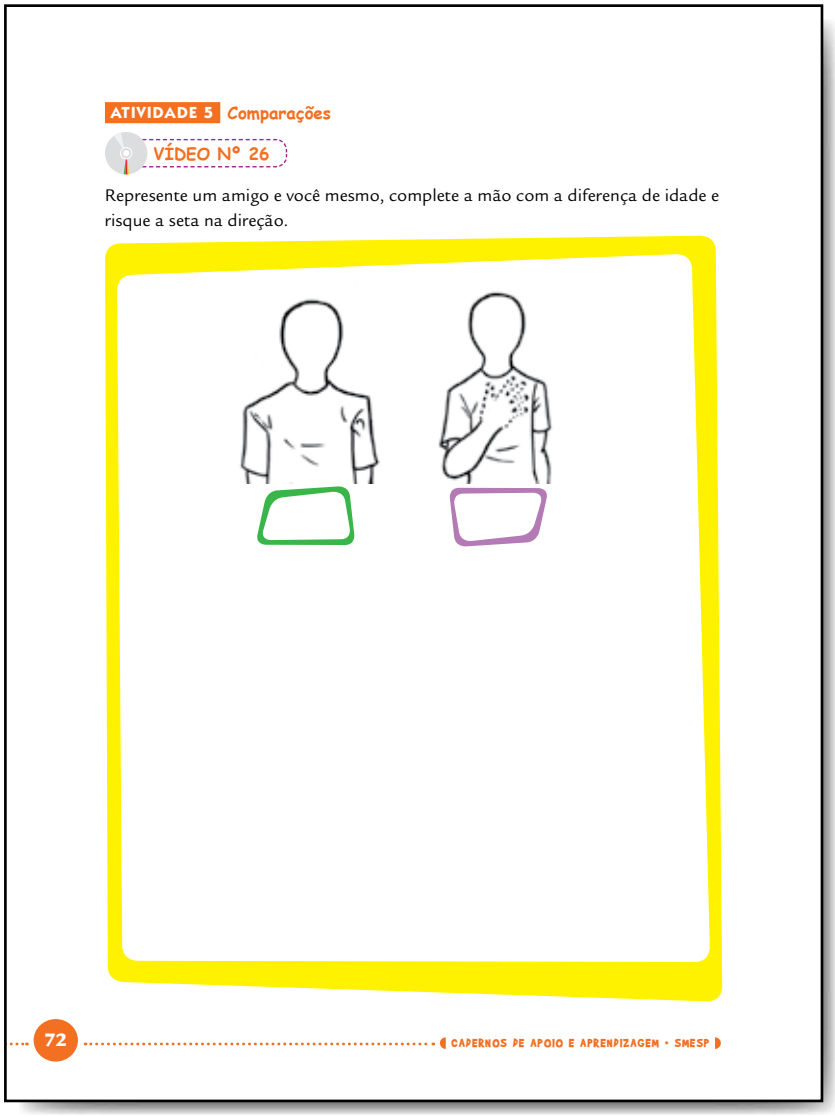
- Usar adequadamente os graus comparativos de superioridade, igualdade e inferioridade.
- Perceber, dentre os parâmetros da Libras, a configuração de mãos, a orientação da palma, a direção, e a localização de sinais, explicitando-as.

Encaminhamento

Apresente o vídeo aos alunos e pergunte quais são as três maneiras de expressar comparação apresentadas. Discuta cada uma das três maneiras de expressar comparação separadamente e os parâmetros que as compõem. Proponha que cada aluno expresse comparação em relação a colegas da sua escolha, usando cada uma das três maneiras apresentadas.

Em seguida, proponha a atividade no livro do aluno. Explique que cada um escolherá um colega e pensará no modo de expressar a diferença de idade entre ele e o colega, representando-a graficamente. Ele deve desenhar as próprias características físicas e do colega, escrever a idade de cada um nos círculos, representar a diferença de idade entre eles na mão adequada e riscar uma seta para mostrar a direção do sinal.

Solicite aos alunos que apresentem seus desenhos e estimule a turma a avaliar o registro em relação a três pontos: as características pessoais, a quantidade de dedos e a direção representada.


ATIVIDADE 5 Comparações

VÍDEO Nº 26

Represente um amigo e você mesmo, complete a mão com a diferença de idade e risque a seta na direção.

72 CADERNOS DE APOIO E APRENDIZAGEM • SMESP

ATIVIDADE 6
Verbete de dicionário de Libras

Objetivos
- Conhecer o gênero verbete de dicionário.
- Usar expressões faciais.

Encaminhamento
Assista ao vídeo com os verbetes de medo, susto.
Susto e medo têm significados diferentes. Discuta com os alunos a diferença e as diferentes situações em que cada sentimento pode aparecer. Em seguida, solicite aos alunos que registrem uma situação que possa causar cada sentimento.

ATIVIDADE 6 Verbete de dicionário de Libras - Medo X Susto

VÍDEO Nº 27

Registre situações que podem causar medo e susto.

LIBRAS • 4º ANO 73

HISTÓRIA DOS SURDOS

UNIDADE

8

ENTREVISTA

Objetivos

- Conhecer o gênero entrevista.
- Refletir sobre adequação e pertinência de assuntos a serem tratados em função da situação.
- Entender a diferença e a relação entre a pergunta e a resposta.
- Entender e usar adequadamente o modo hipotético.

ATIVIDADE 1
Entrevista com Priscilla Gaspar

Objetivos

- Reconhecer os papéis de entrevistador (abre e fecha, introduz o entrevistado, faz perguntas, pede a palavra do outro, introduz novos assuntos, reorienta a interação, encerra a entrevista) e de entrevistado (responde e fornece as informações pedidas).
- Compreender perguntas.
- Perceber o uso da expressão facial correspondente a verbalizações/colocações interrogativas, negativas e afirmativas.

Encaminhamento

Assista ao vídeo com os alunos e converse sobre a entrevista que assistiram. Faça perguntas hipotéticas. Solicite que façam o registro do que mais chamou a atenção deles.

ATIVIDADE 1 Entrevista com Priscilla Gaspar

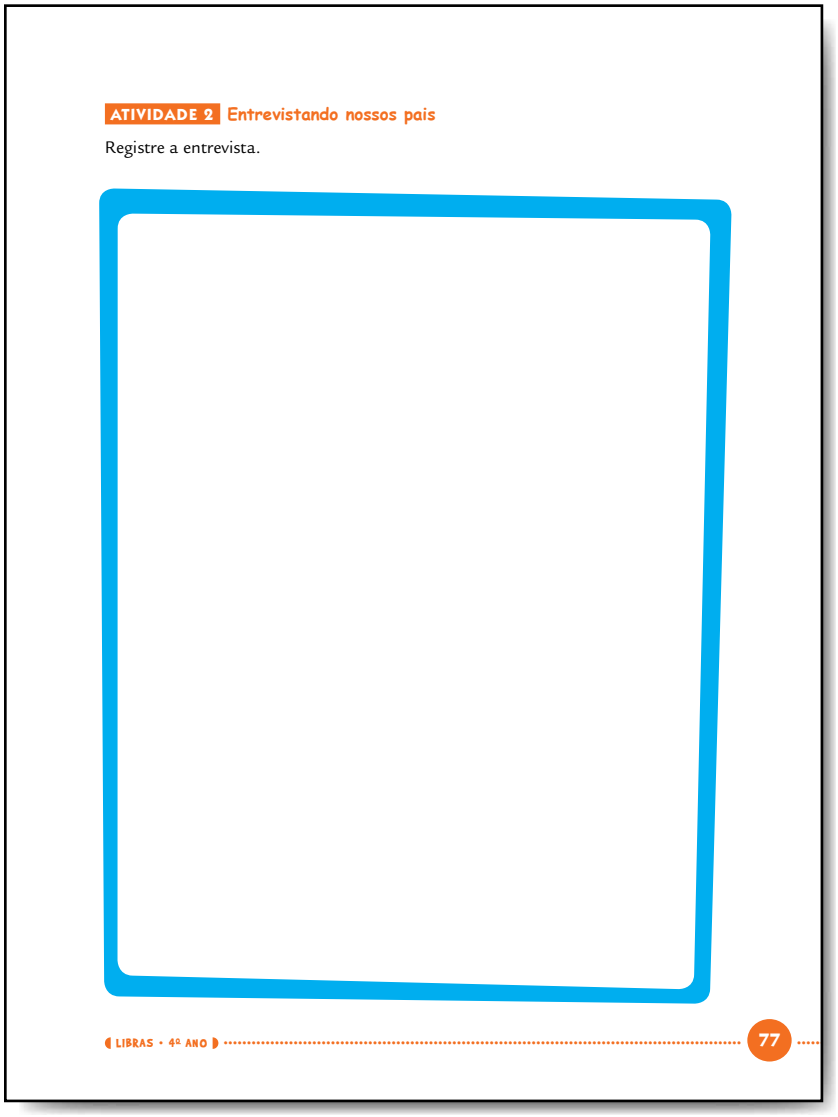
VÍDEO Nº 28

Registre o que aprendeu a partir da entrevista.

ATIVIDADE 2
Entrevistando nossos pais

Objetivos

- Desenvolver a organização em interação com o outro.
- Usar sinais de cordialidade em situações formais (pedir licença, agradecer, etc).
- Reconhecer e assumir os papéis de entrevistador (abre e fecha, introduz o entrevistado, faz perguntas, pede a palavra do outro, introduz novos assuntos, reorienta a interação, encerra a entrevista) e de entrevistado (responde e fornece as informações pedidas).
- Formular perguntas .
- Fazer uso da expressão facial correspondente a verbalizações/ colocações interrogativas, negativas e afirmativas.


ATIVIDADE 2 Entrevistando nossos pais

Registre a entrevista.

LIBRAS • 4º ANO 77

Encaminhamento

Proponha aos alunos organizarem uma entrevista de pais de alunos. O foco seria a descoberta da surdez do filho e as decisões que foram tomadas em relação à sua escolarização e à forma de se comunicar em casa. Para a preparação da entrevista, assistam novamente ao vídeo discutindo as perguntas feitas, a estrutura da entrevista, a duração, etc.

Oriente os alunos para escolherem os pais de alunos que serão convidados. Após o convite ser aceito, marque a entrevista. Se o convidado não souber Libras, não cancele a entrevista, mas solicite que alguém faça o papel de intérprete para possibilitá-la. Antes da entrevista, oriente os alunos a pensarem nas perguntas interessantes e adequadas a fazer. Retome os hábitos de cordialidade, que serão necessários ao receber e entrevistar os convidados. Os alunos devem ser orientados a respeitarem o entrevistado, mesmo se eles não gostarem das respostas dele.

Filme as entrevistas para que os alunos possam posteriormente assistir às gravações. Na ocasião, pergunte aos alunos o que acharam da experiência, se houve falhas. Fique atento para que nesse momento as críticas não sejam pessoais contra aquele que cometeu as falhas, mas que a discussão seja uma oportunidade de reflexão sobre o que é necessário para fazer uma boa entrevista. Além da discussão sobre o encaminhamento das entrevistas, discuta com os alunos as opiniões dos entrevistados.

Sugestão:

- Ofereça um espaço para os alunos treinarem a entrevista na sala de aula e refletirem sobre pontos a serem modificados e melhorados, inclusive postura que se deve ter e clareza ao fazer uma pergunta.

DEPOIMENTO

Objetivos

- Expor um assunto
- Refletir sobre adequação e pertinência de assuntos a serem tratados em função da situação.
- Expressar relações de causa-efeito.
- Fazer uso da expressão facial correspondente a verbalizações/colocações interrogativas, negativas e afirmativas.
- Fazer uso de pronomes indefinidos.
- Usar adequadamente o modo hipotético.

ATIVIDADE 3
Depoimento

Encaminhamento

Para finalizar o trabalho sobre as entrevistas, após a discussão com os alunos sobre as opiniões dos entrevistados a turma pode gravar um depoimento sobre o que acha importante numa família em que alguém é surdo, ou como gostariam que fosse a comunicação nas famílias de ouvintes com um membro surdo. Esse depoimento filmado pode ser inserido no YouTube ou no blog da escola.

ATIVIDADE 3 Depoimento

Discuta com seus colegas o que vocês acham importante numa família em que alguém é surdo, ou como gostariam que fosse a comunicação nas famílias de ouvintes com um membro surdo. Então, grave um depoimento em vídeo.

ATIVIDADE 4
Relato histórico FENEIS e ASSP

Objetivos

- Relatar experiências vivenciadas, respeitando a sequência temporal e casual.
- Ampliar conhecimento sobre histórias de surdos no Brasil.
- Ampliar conhecimento sobre a educação do surdo no Brasil.

Encaminhamento

Apresente o vídeo aos alunos como documentos históricos da Federação Nacional de Educação e Integração de Surdos (FENEIS) e da Associação dos Surdos de São Paulo (ASSP). Discuta com o grupo cada um dos relatos e as informações que apresenta:

- A data em que as instituições foram inauguradas.
- Mudanças que aconteceram ao longo do tempo nas instituições.
- Transformações na vida dos surdos.

Questione quais alunos já conhecem a ASSP e a FENEIS, se frequentam alguma das atividades promovidas por elas, etc.

ATIVIDADE 4 Relato Histórico - FENEIS e ASSP

Assista ao vídeo, escolha um tema com seu grupo e conte a história através de uma narrativa e através de uma dramatização.

VÍDEO Nº 29

ATIVIDADE 5
Casa adaptada para surdos

Objetivos
- Ampliar o conhecimento sobre cultura das comunidades surdas no Brasil através das adaptações sociais que desenvolvem.
- Situar o sujeito na sociedade com relação ao que cada um pode ou não fazer.

Encaminhamento
Discuta o que a surdez tem de implicações com relação ao que cada um pode ou não fazer, seja por conta das interdições ou convenções sociais, seja por conta das impossibilidades reais que impedem que uma pessoa realize algo.
Discuta o que a surdez os impede ou não de fazer e as formas de superar esses impedimentos. Por exemplo, o Surdo não pode falar ao telefone padrão usado por ouvintes, mas pode usar mensagem de texto no celular. Ele não ouve o despertador, mas existem despertadores que vibram, etc. Discuta que os ouvintes também têm suas limitações. Proponha pequenas entrevistas com funcionários da escola para saberem se eles quiseram fazer alguma coisa que não puderam e por quê. Discuta as informações trazidas pelas entrevistas, reforçando a ideia de que a surdez é uma diferença que não impedirá a realização de seus sonhos e que muito é possível quando realmente desejamos.

ATIVIDADE 5 Casa Adaptada para Surdos

Registre a atividade.

VÍDEO Nº 30

80 CADERNOS DE APOIO E APRENDIZAGEM • SMESP

ANEXOS

Unidade 4 - Atividade 1

Conto Tradicional - Vovó Aranha

ADLER, N.; HALL, A. **Contos de animais do mundo todo**. 2ª Ed. São Paulo. WMF Martins Fontes:2011.

Há muito, muito tempo, no nosso planeta só moravam animais. As terras do norte eram mergulhadas em escuridão. Durante milhões de anos, os animais de lá viveram nas sombras, muito satisfeitos. No entanto, acabaram percebendo que estavam sempre trombando um no outro, que volta e meia caíam dentro de algum buraco no chão, que viviam tropeçando em tudo. Com o tempo, a situação ficou insuportável. Os animais decidiram que era preciso fazer alguma coisa, já não aguentavam viver naquela escuridão.

A Coruja, que era muito sábia, propôs:

- Vamos fazer uma reunião de todos os animais das Terras do Norte.

Assim foi feito. Definiram um lugar e, no dia marcado, vieram animais de longe e de perto, todos trazendo ideias e esperanças.

A Coruja tomou a palavra:

- Companheiros e companheiras, o que vamos fazer?"Aqui está sempre escuro e a situação está se tornando difícil. Precisamos mudar as coisas, mas como?

O velho Corvo foi o primeiro a se pronunciar:

- Nos meus voos por aí, ouvi dizer que do outro lado do mundo há animais que vivem na luz.

- O que quer dizer "luz"? - perguntou o Ursão.

O velho Corvo respondeu:

- Onde há luz, os animais podem ver tudo. Eles enxergam todos os campos, conseguem enxergar uns aos outros .

Os animais da escuridão ficaram entusiasmados com as palavras do Corvo.

- Precisamos ter essa tal luz, para podermos enxergar nosso caminho - disseram todos.

O velho Corvo continuou:

- Talvez os animais de lá aceitem dividir um pouco dessa luz conosco.

A Raposa replicou:

- Não, não! Tenho certeza de que eles não vão querer dividir nada conosco. Essa tal luz deve ser uma coisa muito preciosa. Vamos ter de roubá-la e trazê-la para cá.

A Lontra pôs a cabeça para fora da água e disse:

- Tudo bem, mas quem é que vai até esse lugar de luz? É uma viagem longa e perigosa.

Os mais corajosos e fortes começaram a discutir. Um se dizia o mais veloz, o outro o mais esperto, outro ainda afirmava ser o mais inteligente. Finalmente o Gambá se impôs e falou mais alto do que aquela barulheira toda:

- Eu vou, companheiros, porque posso esconder a luz embaixo do meu rabo peludo e trazê-la até a nossa escuridão.

Todos acabaram concordando que o Gambá era quem deveria ir. E lá se foi ele, em sua longa

viagem até o outro lado do mundo. O caminho era cheio de perigos e dificuldades, mas o Gambá era resoluto e estava muito curioso. Nada o detinha. Quando foi chegando perto do lugar de luz, seus olhos começaram a doer. Ele não esperava tanta claridade! Apertou bem os

olhos para protegê-los. Até hoje, quando se olha gambá bem de perto, dá para ver que seus olhos são quase fechados.

Finalmente, o Gambá chegou ao centro da luz. Com muito cuidado, pegou um pedaço de luz, colocou embaixo do rabo peludo e na mesma hora começou a viagem de volta. Mas a luz era tão quente que acabou queimando todo o pelo do rabo dele, deixando só pele e osso. Até hoje, quando se olha bem de perto o rabo do gambá, dá para ver só pele e osso.

Quando o Gambá chegou às Terras do Norte, a luz tinha se apagado. Os animais estavam esperando por ele e ficaram muito decepcionados quando o viram chegar de mãos vazias.

Então o Gavião declarou:

- Podem deixar que eu vou até esse lugar para trazer um pouco de luz.

O Gavião partiu, voando tão alto que ninguém conseguia enxergá-lo. Foi um voo longo e cansativo. Finalmente, ele chegou ao centro da luz. Depois ele dar algumas voltas, tomou impulso, desceu a pique, conseguiu pegar um pedacinho de luz e a colocou no alto da cabeça. Depois. iniciou imediatamente o voo de volta.

A luz que ele equilibrava na cabeça era tão quente, tão ardente, que acabou queimando suas penas. Até hoje, quando se olha um gavião de perto, dá para ver seu cocuruto depenado.

Quando o Gavião chegou à terra da escuridão, a luz tinha se apagado. Os outros animais, que esperavam ansiosos pela luz, ficaram muito decepcionados quando o viram chegar de mãos vazias.

Todos ficaram muito tristes.

- Nossos companheiros mais forres e corajosos não conseguiram no trazer um pouco de luz - eles lamentavam. - Continuamos mergulhados na escuridão!

De repente, ouviram uma voz fininha e estridente:

- Desculpem, companheiros. Vocês fizeram o que podiam. Chegou a hora desta sua companheira ir em busca da luz.

Os animais olharam em volta, tentando descobrir de onde vinha aquela vozinha, mas não viram ninguém.

- Quem está falando? - perguntaram.

- Sou eu, a vovó Aranha - a voz respondeu. - Sou mui to velha e pequenininha, mas tenho um ótimo plano. Quero tentar trazer a luz do outro lado do mundo.

Os animais tinham certeza de que a vovó aranha não poderia conseguir nada, mas resolveram lhe dar uma oportunidade.

Vovó Aranha cavoucou a terra num lugar em que havia muita argila. Pegou um pouquinho daquela argila e modelou um potinho com tampa. Segurando o potinho com uma das suas oito patas, ela iniciou a longa viagem até o outro lado do mundo, onde havia luz. Foi o tempo todo fiando sua teia, deixando um rastro, para encontrar o caminho de volta.

Vovó Aranha chegou ao centro da luz, pegou um pedacinho de luz e colocou dentro do pote. Depois tampou bem o potinho, para a luz não escapar, e começou sua caminhada de volta, seguindo o rastro da teia que da tinha deixado. Atê hoje, quando se olha de perto uma teia de aranha, dá para ver que ela parece os raios do Sol.

Os animais esperavam vovó Aranha, eles esperavam a luz. Assim que chegou à terra da escuridão, vovó Aranha pediu que todos formassem um círculo em torno dela. Então tirou a tampa do potinho e a luz se espalhou. Foi tanta claridade, tanto brilho, que os animais ficaram ofuscados. A partir de então, houve dia e noite nas Terras do Norte.

Os animais ficaram radiantes. Finalmente podiam ver por onde caminhavam. Em homenagem à vovó Aranha, fizeram uma grande festa, com muito canto e muita dança. Vovó Aranha voltou para a floresta de onde tinha saído. Subiu numa árvore muito alta e se pôs a tecer uma teia. E lá está ela, até hoje, sempre tecendo.

Unidade 4 - Atividade 3

Conto Tradicional - João e o Pé de Feijão

WALKER, R.; SHARKEY, N.; **João e o pé de feijão**. 1ª Ed. São Paulo. Girafinha:2006

Esta é a história de um menino muito pobre chamado João.

Ele vivia num sítio com sua mãe e uma vaquinha que já não dava mais leite.

Um dia sua mãe pediu que João fosse à cidade para vender a vaca. Ela disse a ele que conseguisse o melhor preço que pudesse, pois o dinheiro seria usado para comprar comida.

O menino obedeceu, mas no caminho para a cidade encontrou com um homem bem vestido, muito sorridente que se interessou em comprar

sua vaca. O homem disse que poucas vezes havia encontrado um menino tão esperto e que por isso lhe pagaria com algo muito mais valioso que simples moedas: feijões mágicos.

João ficou encantado com as maravilhas que os feijões mágicos poderiam lhe proporcionar e aceitou a troca.

Não fazia muito tempo que havia saído de casa, lá estava de volta o João sem a vaca e com um sorriso no rosto.

A mãe de João perguntou a ele o motivo de tanta alegria e quanto dinheiro ele havia conseguido pela venda da vaca.

João mostrou à mãe os feijões mágicos e contou a ela toda a história.

A mãe ficou muito irritada, deu uma tremenda bronca no menino e jogou os feijões pela janela.

O menino foi dormir aborrecido e a mãe muito preocupada porque não sabia o que faria para conseguir comida para ambos.

Sob a luz da lua os feijões começaram a germinar e a crescer de forma gigantesca. Pela manhã, João abriu a janela e mal pode acreditar no viu. O pé de feijão era tão grande que atravessava as nuvens.

Curioso, João subiu no pé de feijão para ver onde ia dar. Lá em cima , além das nuvens, ele viu um enorme castelo. Ele correu até a porta e bateu.

A mulher que abriu a porta era a criada do castelo e lhe disse:

- fuja, menino, enquanto é tempo. Meu patrão é um gigante malvado que gosta de comer criancinha.

- Mas, moça, sinto cheiro bom de comida e tenho muita fome. A senhora não poderia me dar o que comer?

A senhora, compadecida, fez o menino entrar e deu a ele um pouco de comida. Neste momento o gigante gritou da sala:

- O que acontece nesta cozinha? Sinto cheiro de criança por aqui. Prepare-a que quero comê-la no jantar!

A criada tratou de esconder o menino na dispensa e disse ao gigante que o cheiro que ele sentia era do porco assado que ela preparava.

Escondido, o menino começou a caminhar pela enorme dispensa e encontrou uma prateleira cheia de sacos de ouro. Rapidamente tomou um dos sacos, colocou nas costas e tratou de fugir correndo pé de feijão abaixo.

Ao chegar lá em baixo encontrou sua mãe com o machado pronta para cortar a enorme planta. O menino mostrou a ela o saco cheio de ouro e juntos eles perceberam que se tratava de ovos de ouro.

A mãe ficou muito aliviada porque não precisava mais se preocupar com dinheiro e disse ao menino que não subisse mais no pé de feijão.

João esperou o dia amanhecer e subiu escondido mais uma vez.

Chegando no castelo ele bateu novamente na porta. Desta vez a criada o recebeu muito assustada e pediu para o menino ir embora. Disse que o gigante sentiu a falta de um de seus sacos de ouro e está à procura de quem poderia tê-lo roubado.

O menino mais uma vez insistiu para entrar porque sentia fome, mas ela não permitiu que ele entrasse e bateu a porta.

João, teimoso como era, procurou uma entrada desprotegida pelos fundos e ao entrar no castelo avistou uma gansa branquinha e percebeu que era dela os ovos de ouro. Pé ante pé, foi até a gansa, agarrou-a e saiu em disparada. Porém a gansa assustou-se e berrou bem alto o que chamou a atenção do gigante.

O gigante furioso correu atrás do João até alcançá-lo no pé de feijão.

Sua mãe o esperava lá em baixo muito aflita. Quando João avistou sua mãe começou a gritar:

- Corte o pé de feijão!

A mãe, vendo o desespero do filho, começou a cortar a planta antes mesmo de João chegar ao chão.

João e sua mãe viveram felizes no sítio com sua gansa que botava ovos de ouro e nunca mais passaram fome.

Unidade 4 - Atividade 8

Fábula - A Raposa e a Cegonha

Esopo

Um dia a raposa convidou a cegonha para jantar. Querendo pregar uma peça na outra, serviu sopa num prato raso. Claro que a raposa tomou toda a sua sopa sem o menor problema, mas a pobre da cegonha com seu bico comprido mal pode

tomar uma gota. O resultado foi que a cegonha voltou para casa morrendo de fome. A raposa fingiu que estava preocupada, perguntou se a sopa não estava do gosto da cegonha, mas a cegonha não disse nada. Quando foi embora,

agradeceu muito a gentileza da raposa e disse que fazia questão de retribuir o jantar no dia seguinte.

Assim que chegou, a raposa se sentou lambendo os beiços de fome, curiosa para ver as delícias que a outra ia servir. O jantar veio para a mesa numa jarra alta, de gargalo estreito, onde a cegonha podia beber sem o menor

problema. A raposa, amoladíssima, só teve uma saída: lamber as gotinhas de sopa que escorriam pelo lado de fora da jarra. Ela aprendeu muito bem a lição. Enquanto ia andando para casa, faminta, pensava: "Não posso reclamar

da cegonha. Ela me tratou mal, mas fui grosseira com ela primeiro".

Moral: Trate os outros assim como deseja ser tratado.

Unidade 6 – Atividade 1

Artigo de divulgação científica "O futuro do Sol"

Walter Junqueira Maciel

Quando olhamos para as estrelas, temos a impressão de que elas não mudam nunca, que estão sempre do mesmo jeito. Isso não é verdade: as estrelas "nascem" e "morrem", só que isso demora muito tempo (milhões ou bilhões de anos). Como vivemos pouco em relação à "vida" das estrelas, não conseguimos acompanhar as mudanças.

O Sol também é uma estrela e por isso vai morrer um dia. Quando e como isso acontecerá é uma questão que os astrônomos tentam resolver. Para chegar a essa resposta, eles criaram uma teoria, com a qual podemos entender a formação de uma estrela, o que ocorre com ela ao longo do tempo, as mudanças de brilho e tamanho, e várias outras coisas.

Algumas pessoas perguntam como se pode ter certeza de que a teoria está certa, já que, em geral, não podemos perceber as mudanças nas estrelas. Felizmente, podemos observar muitas estrelas, com várias idades diferentes. É como se um extraterrestre visitasse a Terra por um dia apenas: ele não poderia ver as pessoas crescendo, já que em um dia não crescemos muitos, mas poderia observar que existem bebês, crianças, adolescentes, adultos e velhos. Com um pouco de imaginação, ele poderia entender como é a vida dos seres humanos.

No começo, o Sol era uma gigantesca nuvem de gás e poeira, muitas vezes maior que o sistema solar hoje. Essa nuvem foi se contraindo e se tornando mais densa, até se transformar em uma verdadeira estrela. Isso demorou cerca de 50 milhões de anos.

A partir de então, o Sol entrou em uma fase bem tranquila, na qual ainda se encontra. Seu tamanho e sua temperatura quase não mudam. Pouco varia também a quantidade de energia que ele emite para o espaço a cada segundo, o que chamamos "luminosidade". Isso nos interessa muito, porque a vida na Terra depende da energia que vem do Sol: se ela aumentar ou diminuir muito, mudanças profundas até catastróficas vão acontecer.

Essa fase de "tranquilidade" deve durar, no total, cerca de 11 bilhões de anos. Como ela se iniciou há cerca de 4,5 bilhões de anos, o Sol ainda tem pela frente aproximadamente 6,5 bilhões de anos de tranquilidade.

Unidade 6 - Atividade 3

Anexo – Crônica

A Foto

VERÍSSIMO, L.F.; **Comédias para ler na escola**. 1ª Ed. São Paulo. Objetiva:2001

Foi numa festa de família, dessas de fim de ano. Já que o bisavô estava morre não morre, decidiram tirar uma fotografia de toda a família reunida, talvez pela última vez. A bisa e o biso sentados, filhos, filhas, noras, genros e netos em volta, bisnetos na frente, esparramados pelo chão. Castelo, o dono da câmara, comandou a pose, depois tirou o olho do visor e ofereceu a câmara a quem ia tirar a fotografia. Mas quem ia tirar a fotografia?

- Tira você mesmo, ué.

- Ah, é? E eu não saio na foto?

O Castelo era o genro mais velho. O primeiro genro. O que sentava os velhos. Tinha que estar na fotografia.

- Tiro eu - disse o marido da Bitinha.

- Você fica aqui - comandou a Bitinha.

Havia uma certa resistência ao marido da Bitinha na família. Bitinha, orgulhosa, insistia para que o marido reagisse. "Não deixa te humilharem, Mário Cesar", dizia sempre. O Mário Cesar ficou firme onde estava, do lado da mulher. A própria Bitinha fez a sugestão maldosa:

- Acho que quem deve tirar é o Dudu ...

O Dudu era o filho mais novo de Andradina, uma das noras, casada com o Luiz Olavo. Havia a suspeita, nunca claramente anunciada, de que não fosse filho do Luiz Olavo. O Dudu se prontificou a tirar a fotografia, mas a Andradina segurou o filho.

- Só faltava essa, o Dudu não sair.

E agora?

- Pô, Castelo. Você disse que essa câmara só faltava falar. E não tem nem timer!

O Castelo impávido. Tinham ciúmes dele. Porque ele tinha um Santana do ano. Porque comprara a câmara num duty free da Europa. Aliás, o apelido dele entre os outros era "Dutifri", mas ele não sabia.

- Revezamento - sugeriu alguém. - Cada genro bate uma foto em que ele não aparece, e ...

A ideia foi sepultada em protestos. Tinha que ser toda a família reunida em volta da bisa. Foi quando o próprio biso se ergueu, caminhou decididamente até o Castelo e arrancou a câmara da sua mão.

- Dá aqui.

- Mas seu Domício ...

- Vai pra lá e fica quieto.

- Papai, o senhor tem que sair na foto. Senão não tem sentido!

- Eu fico implícito - disse o velho, já com o olho no visor.

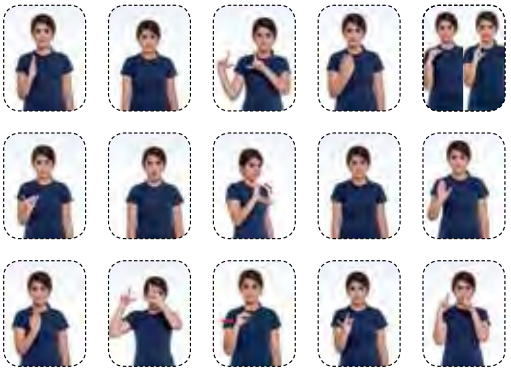
E antes que houvesse mais protestos, acionou a câmara, tirou a foto e foi dormir.

ANEXO 1 – Baralho de configurações de mão.

ANEXO 2 – Descubra o sinal – Vovó Aranha.

ANEXO 3 – João e o Pé de Feijão.

ANEXO 4 – Descubra o sinal - João e o Pé de Feijão.



ANEXO 5 – Percurso.